IV ENA
ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA
AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADE

CADERNO 6



MEMÓRIAS DO IV ENA

A VOZ DOS TERRITÓRIOS: ANÚNCIOS E DENÚNCIAS DA AGROECOLOGIA

BH/MG • 31/maio a 3/junho de 2018

E56m Encontro Nacional de Agroecologia (4.: 2018: Belo Horizonte)
Memórias do IV Encontro Nacional de Agroecologia : agroecologia e democracia unindo campo e cidade. – 1. ed. - Rio de Janeiro : Articulação Nacional de Agroecologia - ANA, 2021.
872 p. : il. color. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-87116-33-8

1. Agricultura – Brasil - Congressos. 2. Ecologia agrícola – Brasil - Congressos. 3. Agricultura sustentável – Congressos. 4. Democracia – Brasil - Congressos. I. Articulação Nacional de Agroecologia (Brasil). II. Título.

488 630.27450981

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Lioara Mandoju CRB7 5331

IV ENA ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA

AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADE

BH/MG • 31/maio a 3/junho de 2018

MEMÓRIAS DO IV ENA

A VOZ DOS TERRITÓRIOS:

ANÚNCIOS E DENÚNCIAS DA AGROECOLOGIA

CADERNO 6

A Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) estimula a livre circulação deste texto. Sempre que for necessária a sua reprodução total ou parcial, solicitamos que o documento *Memórias do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA)* seja citado como fonte.

A versão eletrônica deste documento está disponível no *site* www.enagroecologia.org.br, onde também se encontram materiais complementares sobre o IV ENA, incluindo vídeos, fotos, reportagens e painéis de facilitação gráfica.

MEMÓRIAS DO IV ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (IV ENA)

CADERNO 6
A Voz dos Territórios: anúncios e denúncias da agroecologia

Coordenação editorial
Flavia Londres

Sistematização, redação e edição
Angélica Almeida
Marcelo Almeida
Natália Almeida

Revisão técnica
Flavia Londres
Denis Monteiro
Viviane Brochardt

Revisão de texto
Consultexto, Gilka Resende, Hugo Maciel

Projeto gráfico, capa, tratamento de imagens e diagramação
Mariana Fonseca

Ilustração de capa
Letícia Abelha

Fotos
Arquivo Cobertura Colaborativa do IV ENA: Ana Flávia, Angélica Almeida, Aquiles Castro, Caio Santos, Camila Teixeira, Carú Dionísio, Cecília Figueiredo, Cintia Barenho, Clara Comandolli de Souza, Cris Guimarães, Cristiane Machado, Dowglas

Silva, Eduardo di Napoli, Eliane Barros, Élida Galvão, Eudes Costa, Fábio Maciel, Gilka Resende, Gisele Ramos, Guilherme Assis, Helena Zelic, Ian Lara, Indi Gouveia, João Marcos Nunes, Juliano Vilas Boas, Kayke Quadros, Laira Carnelós, Leandro Bugni, Leonardo Koury, Lucas Abaporã Bois, Luiza Damigo, Luna Layse Almeida, Márcio Andrade, Marlene Antônia, Maysa Leão, Nádia Nicolau, Natália Alves, Nívea Martins, Paolo Marti G. P. de S. Viola, Paulo Castiglioni, Pedro Kolping, Pedro Lovisi, Raiane Mechetti, Robervania Cunha, Sandra Ribeiro, Sidivaldo Júlio Raimundo, Thaynara Policarpo, Tony Marlon, Upslon, Viviane Brochardt e Wanessa Marinho.

Contribuições para o Caderno 6
Angélica Almeida, Anna Crystina Alvarenga, Bruna Pardinni, Christina Grupioni, Cristiane Oliveira, Danúbia Gardênia, Denis Monteiro, Douglas Lopes, Fernando Rangel, Flavia Londres, Giuseppe Bandeira, João Sobral, Júlio Pacheco, Laura Barroso, Leosmar Antônio, Lorena Anahi, Luísa Melgaço, Luiz Filho, Marcelo Almeida, Mariana Fonseca, Míriam Nobre e Natália Almeida.

Equipe de relatoria dos Seminários Territoriais do IV ENA:
Bárbara Lopes, Camila Aguiar, Carolina Cabral e Souza, David Marx Antunes de Melo, Devanir Oliveira de Araújo, Eduarda Fernandes dos Reis, Eduarda Figueiredo, Geraldo Silva, Glauco Regis Florisbelo, Icaro Abreu, Indi Gouveia, Isabel Gonçalves Cordeiro, Isabela Bandeira Trece, Isabela Trece, Maria Costa, Jorlando Ferreira, Maria da Graça Costa, Mariana Portilho, Marina Yasbek Reia, Nívea Martins Pereira, Patrícia Nardini, Rafaela Lopes, Raíra Pereira Tavares, Ramom Weinz Morato, Rita Fagundes, Robson Luciano Ribeiro, Thais Reis e Thomaz Lanna Neves.

Equipe de facilitação gráfica dos Seminários Territoriais do IV ENA:
Adriana Drummond, Aline Yumi, Beatriz Fernandes, Bianca Santana, Carolina Ramalhete, Carolina Antunes, Damaris Felzke, Flavio Teodoro, Glauber Guimarães, Lívia Silva Pereira, Marina Nicolaiewsky, Muriel Duarte, Priscila Machado, Raíssa Theberge, Repentistas do Desenho, Ricardo Wagner e Samuel Carvalho.

Os textos do Caderno 6 foram elaborados e revisados coletivamente durante a Oficina de Imersão – Cadernos do IV ENA*, realizada em dezembro de 2018. Essa oficina reuniu cerca de 20 pessoas representantes das supercomissões de trabalho, da secretaria executiva e das plenárias do IV ENA (mulheres, juventudes e indígenas), além da Secretaria Executiva da ANA e da equipe de sistematização dos cadernos. Algumas pessoas não participaram da oficina, mas contribuíram posteriormente com a revisão dos textos.*

Tiragem
450 exemplares

SUMÁRIO

07
MEMÓRIAS DO IV ENA
JUNTAR CACOS PARA CONSTRUIR VITRAIS

09
APRESENTAÇÃO DO IV ENA
MUITOS ENCONTROS, UM TRANSBORDAR

11
MEMÓRIAS EM MOVIMENTO: COMO OS CADERNOS ESTÃO ORGANIZADOS?
APRESENTAÇÃO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E DO CONTEÚDO DOS SETE CADERNOS

12
MAPA DE CADERNOS

14
A IDENTIDADE DOS CADERNOS: MEMÓRIAS DAS MULHERES

15
QUEM SÃO AS MULHERES QUE INSPIRAM O QUADRO

17
COMO USAR ESTES CADERNOS?

19
OS SEMINÁRIOS TERRITORIAIS DO IV ENA

20
O QUE SÃO E QUAIS SÃO OS OBJETIVOS DOS SEMINÁRIOS TERRITORIAIS

21
COMO ESTE CADERNO ESTÁ ORGANIZADO

24
INSTALAÇÕES ARTÍSTICO-PEDAGÓGICAS: A METODOLOGIA DOS SEMINÁRIOS TERRITORIAIS

25
A VOZ QUE VEM DOS TERRITÓRIOS: BIOMAS, REDES, TERRITÓRIOS E O FORTALECIMENTO DA AGROECOLOGIA

28
PROPOSTAS E ENCAMINHAMENTOS COLHIDOS DURANTES OS SEMINÁRIOS TERRITORIAIS

34
TABELA-SÍNTESE DOS SEMINÁRIOS TERRITORIAIS: AS 47 EXPERIÊNCIAS

44
FERRAMENTAS E PROCESSOS: AÇÕES EM CURSO ENTRE AS REDES DE AGROECOLOGIA E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

44
AGROECOLOGIA EM REDE

45
MAPA DE CONFLITOS ENVOLVENDO INJUSTIÇA AMBIENTAL E SAÚDE NO BRASIL

46
CADERNO DE CONFLITOS NO CAMPO

47
SEGUINDO EM FRENTE: MENSAGEM FINAL

49
OS TERRITÓRIOS: REDES DE ANÚNCIOS E DENÚNCIAS - BIOMAS, EXPERIÊNCIAS E DEPOIMENTOS

51
AMAZÔNIA

83
CAATINGA

117
CERRADO

145
PANTANAL

155
MATA ATLÂNTICA E PAMPA

189
METRÓPOLES

205
LITORAL

MEMÓRIAS DO IV ENA
JUNTAR CACOS PARA CONSTRUIR VITRAIS

AQUI ESTÃO REUNIDAS ALGUMAS MEMÓRIAS DE UM PROCESSO DIVERSO, DESCENTRALIZADO E PLURAL QUE OCUPOU E COLORIU AS RUAS DE BELO HORIZONTE (MG), MAS QUE, SOBRETUDO, MOBILIZOU DIFERENTES TERRITÓRIOS DO PAÍS.

Segundo Ecléa Bosi — mulher estudiosa das histórias e das recordações —, "Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho".

E foi a partir de muito trabalho coletivo que esta publicação ganhou corpo; um trabalho desafiador de reconstruir os vitrais[1], os fios e os diversos caminhos percorridos na construção do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA).

Ecléa fala da memória, essa capacidade de conservar, lembrar e percorrer o vivido. Após 17 anos do nosso encontro no Rio de Janeiro (RJ), 12 anos depois do nosso encontro no Recife (PE) e 4 anos após o nosso encontro em Juazeiro (BA), realizamos novamente, em um contexto político tão desafiador, um processo nacional iluminado por um movimento descentralizado e coletivo.

Mesmo que você não tenha estado presencialmente no IV ENA, o convite aqui é para que escolha um lugar no Parque Municipal de Belo Horizonte para estar e para, pelo menos por alguns minutos, permitir-se algumas sensações. Ainda que nem todas e todos conheçam as ruas e os contornos da capital mineira, a terceira maior metrópole do país, é possível, de alguma forma, ouvir os tambores e ver as cores das bandeirolas entre árvores e bambus; é possível também contemplar e se maravilhar com a diversidade de pessoas, de saberes, de sabores, de "esperançares" vindos de norte a sul do Brasil.

Se esteve presente, procure a primeira memória, quem sabe a mais forte, a que mais emocionou você, e, a partir dela, percorra os momentos vividos durante aqueles dias. Sente-se, feche os olhos, respire fundo e deslize pelas páginas a seguir revivendo os

1. *O subtítulo deste texto tem inspiração no texto* Sistematização... Juntando cacos, construindo vitrais*, de Elza Falkembach (disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3139554/mod_resource/content/1/Juntando%20cacos,%20construindo%20vitrais%20-%20Elza%20Maria%20Fonseca.pdf).*

gostos e cheiros, relembrando os abraços dos reencontros, os sorrisos e acenos vindos de longe, do outro lado da multidão.

Essa diversidade fez de Belo Horizonte território de encontro para celebrar resistências e afirmar nossa força coletiva. Mesmo sem ter estado fisicamente no IV ENA, é possível sentir o coração aquecer e pulsar pela agroecologia, pela democracia, pela terra e pela defesa de tantos direitos ameaçados.

Organizada em sete cadernos, a sistematização do IV ENA é, assim, um convite para que possamos reviver e nos reencontrar com pessoas, sentimentos, desafios, denúncias, potências e muitos outros processos que compuseram um balaio diverso de atividades e lembranças.

Com a certeza de que qualquer mergulho neste processo seria incompleto, nossa sistematização foi artesanal. Exigiu bricolagens, novas pesquisas e escutas, idas e vindas aos vídeos e às fotos. Esforços grandes, mas seguros de sua incapacidade de retratar a riqueza de momentos, processos e conteúdos tão diversos e imersos em distintas complexidades e cuidados.

Este conjunto de cadernos é um presente à cidade de Belo Horizonte, que acolheu de braços abertos a construção desse território agroecológico e que se desafiou, neste contexto político e financeiro tão adverso, a receber muito mais de 2 mil pessoas no Parque Municipal Américo Renné Giannetti, no Plug Minas e em vários cantos, casas e praças. É também um presente aos territórios, às mulheres, às juventudes, aos povos e às comunidades tradicionais que, com força e coragem, fizeram do IV ENA um sonho possível.

A capa de cada caderno, suas ilustrações e seu percurso de construção representaram desafios que partilhamos com muito cuidado. Esperamos que este conjunto de cadernos desperte, remexa e conecte as memórias e as experiências que cada uma e cada um carrega, além de fortalecer os anúncios que as organizações, os coletivos e os movimentos sociais envolvidos neste bonito processo desejam visibilizar.

Em tempos de tantos retrocessos, desafios e medos, em que nossas memórias estão sendo apagadas, partilhar histórias tecidas pelo povo na construção de alternativas aos modelos predatórios de produção de alimentos e da vida nos parece um dos nossos compromissos políticos e pedagógicos na construção da nossa resistência.

Mais à frente, os textos apresentam melhor o IV ENA e o processo coletivo que tornou possível esta publicação. Desejamos um ótimo passeio pelas nossas memórias.

Com muito carinho,

Articulação Nacional de Agroecologia (ANA)

APRESENTAÇÃO DO IV ENA

MUITOS ENCONTROS, UM TRANSBORDAR!

BELO HORIZONTE (MG) PRESENCIOU, ENTRE OS DIAS **31 DE MAIO E 3 DE JUNHO DE 2018**, A CULMINÂNCIA DE UM INTENSO PROCESSO DE AFIRMAÇÃO DA AGROECOLOGIA E DA DEMOCRACIA CONSTRUÍDO POR MÚLTIPLOS ATORES QUE COMPÕEM A ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (ANA) NOS MAIS DIVERSOS CONTEXTOS SOCIOAMBIENTAIS DO BRASIL.

Evocando os 30 anos da promulgação da Constituição Federal de 1988 e em torno do lema *Agroecologia e Democracia Unindo Campo e Cidade,* o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) reuniu, na capital mineira, mais de 2 mil participantes, além de aproximadamente 40 mil moradoras/es, que visitaram os espaços abertos do evento.

Corpos, cores, cheiros, sotaques, sabores, quereres e saberes de todos os estados brasileiros ocuparam o Parque Municipal Américo Renné Giannetti, ganhando centralidade, em meio à profusão de experiências, ao protagonismo das trabalhadoras e dos trabalhadores do campo, das florestas, das águas e das cidades. Enredadas/os na mesma construção do bem viver, marcaram presença no encontro povos indígenas de 38 etnias, quilombolas, camponesas/es, extrativistas, pescadoras/es, faxinalenses, agricultoras/es familiares rurais e urbanas/os, geraizeiras/os, sertanejas/os, vazanteiras/os, quebradeiras de coco, caatingueiras/os, criadoras/es em fundos e fechos de pasto, seringueiras/os, representantes de comunidades ribeirinhas, de povos tradicionais de matriz africana e de povos de terreiro. Também participaram técnicas/os, educadoras/es, pesquisadoras/es, extensionistas e estudantes, gestoras/es públicas/os, representantes da cooperação internacional e aliadas/os da agroecologia vindas/os de 14 países da América Latina, do Caribe e da Europa.

Com 70% do público composto por agricultoras/es familiares, povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, o IV ENA aconteceu com participação paritária entre mulheres e homens, valorizando, de forma expressiva, a presença das juventudes.

Ao longo dos seus quatro dias de realização, a programação do Encontro contou com mais de 100 atividades, incluindo plenárias, seminários temáticos, tendas com instalações artístico-pedagógicas dos territórios, vivências e oficinas autogestionadas. Também foram promovidos a *Feira Saberes e Sabores*, a *Feira da Agrobiodiversidade*, o *Espaço da Saúde*, a *Ciranda Infantil* e apresentações artístico-culturais.

A efervescência de todo esse caldo político e cultural ganhou as ruas de Belo Horizonte em um ato público em favor da agroecologia e da democracia, seguido de uma farta partilha no *Banquete Popular Agroecológico,* que selou o Encontro.

Não só nos dias do IV ENA, mas também nos encontros regionais, estaduais e locais preparatórios, a expressão dessa construção coletiva, descentralizada e diversa reverberou nos diferentes territórios, dando visibilidade às experiências de sujeitos que resistem denunciando as ofensivas do modelo de desenvolvimento dominante e anunciando a potência dos seus modos de existir, produzir e de defender o bem viver.

Para preservar a memória desse rico processo que transbordou nos dias do IV ENA e que permanece gerando frutos, preparamos uma coletânea de registros que conta os desafios e aprendizados desse importante fórum de agroecologia e seus legados para o movimento agroecológico brasileiro. São cadernos que trazem as vozes e diversidades da agroecologia, com o propósito de fazer emergir diferentes pautas, sentidos políticos, convergências e disputas travadas em torno da sustentabilidade da vida.

Esperamos que esta leitura possa despertar o desejo de um Brasil cada vez mais agroecológico — no pleno sentido do projeto de sociedade engendrado pela Articulação Nacional de Agroecologia e por seus sujeitos —, bem como inspirar e animar iniciativas diversas de construção de outra realidade possível: justa, democrática e solidária!

MEMÓRIAS EM MOVIMENTO: COMO OS CADERNOS ESTÃO ORGANIZADOS?

APRESENTAÇÃO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E DO CONTEÚDO DOS SETE CADERNOS

Lembrança puxa lembrança, e seria preciso um escutador infinito.
Ecléa Bosi

Neste processo de construção das memórias do IV ENA, a sistematização como um potente processo de registro, organização de conteúdo e de partilha sensível dos nossos aprendizados coletivos tornou-se para nós uma oportunidade de colher histórias e registros para além da feitura de um relatório.

Estes cadernos nasceram da preocupação da Secretaria Executiva e do Coletivo Nacional de Comunicação da ANA em construir um documento acessível, lúdico e com um investimento afetivo e técnico que pudesse partilhar um material com capacidade de diálogo com a sociedade — transbordando nossos campos mais convencionais de comunicação e "falando" para fora das nossas fronteiras de interação.

Com isso, optamos por investir energia em um material didático, no formato de caderno, afastando-nos um pouco da ideia inicial de anais — publicação extensa e comumente usada para registrar encontros e eventos acadêmicos. Arriscamo-nos, assim, a produzir um material interativo, que se desafiasse a estar mais próximo às pessoas e mais presente em nosso cotidiano de trabalho, atuação, estudo e criação.

Cadernos possíveis de rabiscar, recriar, ajustar e comprometidos com esse desafio sempre incompleto de criar "escutadores", como brinca Ecléa Bosi na epígrafe que abre esta apresentação. Cada relatoria, oficina, conversa, foto e vídeo reabriu uma caixa infinita de histórias. Por isso, temos certeza da incompletude deste material.

Outra aposta foi construir um conjunto de cadernos que impulsionassem outros processos pedagógicos e políticos nos territórios. Cadernos de memórias desenhados para serem disparadores de outras histórias e lembranças, reativando a potência do processo de construção do IV ENA.

Cadernos estes só possíveis pela colaboração de muitas mãos, rascunhados e palavreados por representantes de comissões diversas, em momentos e situações distintas. Esse material começou a ser sonhado coletivamente no Rio de Janeiro, em uma reunião no dia 10 de agosto de 2018, com parte da Comissão Organizadora do IV ENA, e, desde então, envolveu uma equipe composta por quatro pessoas, além da parceria atenta da Secretaria Executiva da ANA. Pessoas que mobilizaram muitas outras, em reconhecimento de que seria impossível sistematizar e expressar a beleza e força do Encontro sem partilhar seus princípios coletivos, descentralizados e diversos de construção.

Assim sendo, dois espaços presenciais mais ampliados foram convocados para reunir múltiplas cooperações: uma oficina sobre a alimentação e o *Banquete* do IV ENA, no dia 26 de outubro de 2018, em Belo Horizonte; e uma oficina de imersão, com pessoas das diferentes comissões organizadoras do Encontro, nos dias 6 e 7 de dezembro do mesmo ano, em Prudente de Morais (MG), para compartilhar e revisar coletivamente o material até então elaborado, e também para colher complementações. Mantendo ainda, de forma permanente, diálogos virtuais e presenciais com essas/es e outras/os representantes.

MAPA DOS CADERNOS



CADERNO 1 – AS MUITAS MÃOS QUE SEMEIAM A AGROECOLOGIA E SE ENTRELAÇAM NA ANA

Esse fascículo contextualiza as raízes que sustentam o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) e apresenta a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e a trajetória dos encontros nacionais para, então, adentrar a experiência do Encontro, sua constituição, sua realização, seus balanços e seus aprendizados.



CADERNO 2 – SENTIR, PENSAR E AGIR: O PROCESSO PREPARATÓRIO

Apresenta o intenso desenrolar de reflexões e ações que resultaram no IV ENA em Belo Horizonte. Além das estratégias, dinâmicas e atividades construídas pelas comissões organizadoras e supercomissões de trabalho, o Caderno 2 traz também alguns dados, histórias, desafios e aprendizados do processo preparatório do Encontro.



CADERNO 3 – O FAZER COLETIVO DA AGROECOLOGIA: METODOLOGIAS, PROCESSOS COLABORATIVOS E DIÁLOGO COM A SOCIEDADE

Partilha aprendizados sobre o processo de construção metodológica do IV ENA, apontando alguns dos seus princípios, e sistematiza em fichas-resumo algumas das diversas atividades que desenharam a programação do Encontro.



CADERNO 4 – SUJEITOS COLETIVOS: PROCESSOS AUTO-ORGANIZADOS E AS PLENÁRIAS NO IV ENA

Apresenta os principais diálogos construídos pelas mulheres, juventudes, indígenas e quilombolas em seus processos auto-organizados preparatórios ao IV ENA, bem como em suas plenárias ao longo do Encontro.



CADERNO 5 – SEMINÁRIOS TEMÁTICOS DO IV ENA: SEMENTEIRAS DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO

Compartilha as experiências e reflexões de 14 atividades temáticas que aconteceram simultaneamente no IV ENA. Os temas que serviram de referência para cada seminário foram escolhidos devido ao potencial de aglutinar debates referentes à construção da agroecologia no Brasil e, dessa forma, catalisar novas aprendizagens e propostas de ação.



CADERNO 6 – A VOZ DOS TERRITÓRIOS: ANÚNCIOS E DENÚNCIAS DA AGROECOLOGIA

Esse é o caderno que colhe os frutos, as memórias, os anúncios e as denúncias que pulsam em diversos territórios. Seminários territoriais construídos a partir das *Instalações Artístico-Pedagógicas* são a matéria-prima dessa publicação, que traz sínteses, em mapas e tabelas, que reúnem as mais de 47 experiências agroecológicas socializadas durante as atividades.



CADERNO 7 – AFETOS E REBELDIAS: SOBRE AS FORÇAS QUE NOS MOVEM

Esse caderno fecha ou abre, dependendo do ponto de vista, o ciclo de memórias do IV ENA. Expressa, em imagens, depoimentos, números e emoções, o processo de construção do Encontro e o colorido de seus dias.

A IDENTIDADE DOS CADERNOS: MEMÓRIAS DAS MULHERES

O conceito proposto retrata em uma só tela sete mulheres cujas presença e liderança foram essenciais para a construção do IV ENA. A proposta foi de a tela servir como uma obra de arte em si mesma, mas também como ilustrações individuais de capa para os sete cadernos que compõem esta coletânea.

Essas mulheres representam, cada uma a seu modo, o coração do movimento agroecológico no Brasil. Conhecer um pouco de suas vidas e lutas nos últimos meses foi um sopro de esperança no cenário atual, tão propício a retrocessos e tão ameaçador para a vida desta terra que nos sustenta. Uma lembrança oportuna de quem realmente alimenta este país.

A intenção ao retratá-las, além da homenagem a personalidades específicas, é mostrar o rosto real das lutas agrárias, ambientais e sociais no Brasil — o que muitas vezes é perdido em meio aos ainda enraizados preconceitos e institucionalismos. São femininas as mãos que plantam nosso solo; negras, LGBTI+s, quilombolas, indígenas, curandeiras, camponesas e muito mais. Assim tem sido por toda a nossa história, e esse é um pequeno esforço no caminho do reconhecimento e da valorização do povo que verdadeiramente vive pelas terras brasileiras. Não para esgotar seus recursos de maneira predatória e gananciosa, mas para que elas floresçam, prosperem e alimentem com saúde suas filhas e seus filhos.



Esses rostos foram retratados em meio à natureza, que também protagoniza a agroecologia, entre rios, animais e plantas, que são verdadeiras riquezas deste país. Mananciais de vida que a terra tão generosamente oferece e que, nessa delicada e complexa teia socioambiental, tecem a manta necessária para nossa existência. As bandeirolas, as mandalas de sementes e o rio da vida são elementos afetivos que simbolizaram o IV ENA, lembrando o Encontro construído a muitas mãos, a festa da celebração dos nossos esforços por uma vida mais saudável e harmônica. Um retrato possível do Brasil em suas cores e lutas tão variadas — as quais, nesta vasta extensão territorial, resistem de norte a sul. Que os frutos se multipliquem e que a terra esteja sempre fértil para o plantio de nossas esperanças!

QUEM SÃO AS MULHERES QUE INSPIRAM O QUADRO

JOANA FERNANDES SEBBEN: representante do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) da região oeste de Santa Catarina (SC). Joana é uma das entrevistadas do curta-metragem *Mulheres da Terra*, produzido pela Plural Filmes. Ela conta das experiências com sementes e da resistência da mulher camponesa no Sul do Brasil (Capa do Caderno 1).

MAYÓ PATAXÓ: terapeuta indígena da Aldeia Pataxó Nova Coroa (BA). É parceira e liderança em processos terapêuticos nos encontros de agroecologia, principalmente em Minas Gerais, onde anima uma cooperativa voltada aos cuidados, dentre os quais se destaca a Troca de Saberes, na Universidade Federal de Viçosa (UFV) (Capa do Caderno 2).

JULIANA DE MEDEIROS DINIZ: agricultora urbana de Magé (Região Metropolitana do Rio de Janeiro). É integrante do Grupo de Trabalho (GT) Mulheres da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (Aarj) e da Rede Carioca de Agricultura Urbana (Rede CAU) e criadora, entre tantas magias, da farinha de jiló (Capa do Caderno 3).

AMANDA XUKURU: Amanda Leite Santos tem 24 anos e é mais conhecida no seu povo como Amanda Xukuru. Mora no território indígena Xukuru do Ororubá, na aldeia Capim Planta, na cidade de Pesqueira (PE). Faz parte do coletivo Juventude Xukuru do Ororubá Poyá Limolaygo (*Pé no Chão*). Cursou Agroecologia no Serviço de Tecnologia Alternativa (Serta), em Ibimirim (PE) (Capa do Caderno 4).

APARECIDA ARRUDA: mais conhecida como Tantinha, cultiva ervas, produz remédios caseiros de plantas medicinais e lanches naturais no Ervanário São Francisco, em Belo Horizonte, e compartilha seus conhecimentos em oficinas e cursos, bem como na Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana (Amau), da qual participa desde o seu início, em 2004 (Capa do Caderno 5).

DONA DIJÉ: Maria de Jesus Bringelo: mulher quilombola, maranhense, mãe e avó, quebradeira de coco-babaçu e fundadora do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB); liderança dos povos e comunidades tradicionais, fez sua passagem em setembro de 2018 (Capa do Caderno 6).

ALESSANDRA MUNDURUKU: jovem líder do povo Munduruku na Amazônia brasileira. Alessandra se juntou à luta de sua comunidade por sobrevivência quando esta foi ameaçada pela inundação do projeto da megabarragem da Usina Hidrelétrica do Tapajós, no Pará (Capa do Caderno 7).

COMO USAR ESTES CADERNOS?

É do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde.
Henri Bergson

Ao longo de todos os cadernos, buscamos relembrar a sensível conexão entre discurso e prática. Esperamos que esta publicação possa colorir as prateleiras de organizações, universidades e bibliotecas, mas ir além.

Para nós, partilhar este conjunto de cadernos, desta forma, é mais uma maneira de reforçar a potência da agroecologia de construir novas relações, cuidados, formas de diálogo e ação política.

Listamos brevemente algumas poucas e singelas ideias que podem ser acionadas, além de muitas outras, para que todas e todos nós possamos assumir, nas nossas localidades, colégios, escolas, assentamentos, fóruns, Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs) e feiras (entre outros muitos espaços nos quais estamos presentes), esse compromisso coletivo de lançar em muitos ventos e terrenos férteis as sementes disseminadas no IV ENA:

enagroecologia.org.br

- Organizar lançamentos dos cadernos em espaços públicos, mesclando a apresentação do material com a exibição de vídeos, com celebrações musicais e gastronômicas.
- Realizar banquetes populares em espaços públicos.
- Fazer *releases* e divulgar o material na imprensa local, em *sites* e jornais regionais, promovendo entrevistas.
- Utilizar parte do material como referência de estudo em aulas, oficinas e palestras.
- Construir jornais murais síntese dos cadernos e expor nas comunidades rurais e urbanas.
- Promover rodas de mulheres para leitura de seções especiais.
- Elaborar varais, *spots* de rádio e exposições fotográficas com trechos, imagens e depoimentos dos cadernos.
- Visitar o *site* **Agroecologia em Rede** e inserir novos relatos e experiências no mapa de anúncios e denúncias.


ITADAS POR
ASA-PE NO
PAJEÚ.
CENTRO SABIÁ
ORDESTE.
URRADA
NTE
IANO CÂNDIDO
BALHERES
RURAIS
STR-MACO
FLEXIBILIZAÇÃO
Nosso jeito de



"Nós queremos o nosso território para poder nascer, viver, parir e morrer. Eu (re)existo porque alguém antes de mim (re)existiu."

Dona Dijé, quebradeira de coco que fez sua passagem em setembro de 2018 e, durante todos os dias de sua vida, foi e segue sendo inspiração para a luta por liberdade e autonomia nos territórios.

OS SEMINÁRIOS TERRITORIAIS DO IV ENA

De norte a sul do país, a agroecologia é fonte de vida para o enfrentamento das mais diversas pressões sofridas pelas comunidades que vivem, cuidam e defendem seus territórios.

Com práticas integradas que combinam diferentes saberes populares e ancestrais, indígenas, quilombolas, camponesas/es, agricultoras/es familiares, caatingueiras/os, pescadoras/es, assentadas/os da reforma agrária, extrativistas e muitas outras expressões das comunidades tradicionais tecem, cotidianamente, em seus modos de vida, relações solidárias entre as pessoas e a natureza.

Opondo-se a essas formas de vida, e na contramão da saúde e do cuidado com as pessoas e com o ambiente, há grandes empreendimentos, como latifúndios, indústrias, mineração, portos e monoculturas de soja e eucaliptos. Esses são apenas alguns exemplos das várias ameaças que impactam a vida dos povos do campo, das florestas, das águas e das cidades.

De um lado, doenças, cercas, ameaças, violências, restrições, controle, cooptação e silenciamentos; de outro, alimentos saudáveis, florestas em pé, diversidade, respeito, cuidado, escolas e territórios livres. A partir da atuação coletiva e comunitária, povos resistem em seus territórios combinando estratégias de manejo dos ecossistemas com, entre outras muitas ações, a produção de alimentos, as formas de trabalho e moradia, o uso de tecnologias sociais, as plantas medicinais e os ciclos da natureza.

O QUE SÃO E QUAIS SÃO OS OBJETIVOS DOS SEMINÁRIOS TERRITORIAIS

Instigadas/os a construir estratégias que possibilitem reflexões a partir dos territórios, durante a manhã do dia 1º de junho de 2018, segundo dia do IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA), as/os participantes foram divididas/os em 16 tendas territoriais para a realização de diálogos sobre a conjuntura atual, a partir das experiências de redes territoriais de agroecologia. Este caderno se desafia a contar um pouco da história desse processo.

O objetivo dos seminários territoriais foi compartilhar os anúncios das lutas, resistências e conquistas dos povos que praticam a agroecologia e visibilizar as denúncias sobre os diversos impactos causados pelo modelo de desenvolvimento hegemônico e suas grandes obras, expressão das práticas predatórias que silenciam os territórios.

Nesses espaços, a proposta também foi possibilitar a reflexão acerca do papel e da contribuição das redes e articulações territoriais para o avanço da agroecologia, bem como reforçar a importância da garantia dos direitos e das políticas públicas para o fortalecimento das experiências agroecológicas e para a defesa e conservação da nossa sociobiodiversidade.

As tendas que acolheram essas atividades foram distribuídas e organizadas em 6 biomas: Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa, e houve também outros 3 seminários: Litoral, Metrópoles e Matopiba — tendas que, respectivamente, agregaram outras experiências desenvolvidas nos litorais e mares, nas cidades e regiões metropolitanas e na fronteira de expansão do agronegócio em territórios de 4 estados do país: Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia.



COMO ESTE CADERNO ESTÁ ORGANIZADO

O Caderno *A Voz dos Territórios* é um breve registro das inúmeras resistências que pulsam nos territórios deste Brasil diverso. Grande parte de seu conteúdo é reprodução das falas de diferentes sujeitos que estiveram presentes no IV ENA.

Este caderno traz, a seguir, uma breve e introdutória seção que conta sobre a proposta política e pedagógica das instalações artísticas que deram vida às tendas territoriais, apresenta as questões geradoras que impulsionaram os debates e salienta a abordagem territorial segundo a qual as tendas foram organizadas.

A seção seguinte organiza, segundo 8 temáticas-chave, as propostas e os encaminhamentos colhidos durante os 16 seminários territoriais, atentando para iniciativas e para a agenda de ações que podem ser tecidas nas regiões e nos territórios como desdobramentos coletivos do IV ENA. A intenção de apresentar esses conteúdos de forma unificada tem como objetivo potencializar os usos das propostas, construir lentes mais integradas e promover uma sistematização nacional, tendo em vista o caráter do IV ENA.

O caderno traz então um quadro-síntese apontando as 47 experiências apresentadas por bioma e seminário territorial, indicando o nome das experiências territoriais e das organizações que apresentaram suas ações, e ainda seus contatos para maiores informações.

Em seguida, de forma muito breve, compartilhamos alguns ambientes e estratégias coletivas em que o mapeamento e a sistematização dos anúncios e das denúncias seguem como práticas políticas dos movimentos, das redes e das organizações, como a plataforma do *Agroecologia em Rede*, o *Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde*, coordenado pela Fiocruz, e o *Caderno de Conflitos no Campo*, organizado anualmente pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). Esperamos que os relatos e as sínteses construídas prossigam pelas plataformas de comunicação virtual citadas, mas, sobretudo, sigam nas ações presenciais, de base, de formação e de construção de convergências, nos territórios, para enfrentar os desafios e fortalecer as experiências em agroecologia.

Por fim, o caderno apresenta a memória de cada uma das 16 tendas que, simultaneamente, ocuparam e coloriram o Parque Municipal em Belo Horizonte (MG). De forma diversa, essa seção socializa as experiências apresentadas pelas organizações, pelos coletivos e pelos movimentos e traz os anúncios e as denúncias partilhadas pelas pessoas durante cada um dos seminários.

Complementando todas essas informações, o *Mapa de Anúncios e Denúncias*, encartado ao final deste caderno, aponta, de maneira gráfica e territorializada, as práticas de resistência e de defesa dos territórios, além das várias denúncias que circularam pelas tendas. Trata-se de um processo artesanal e incompleto de cartografia, mas que demonstra a capacidade coletiva das redes de agroecologia em articular experiências, visibilizar conflitos e promover alternativas ao modelo hegemônico que insiste em silenciar as comunidades. Para além de plataformas virtuais e documentos acadêmicos, as iniciativas de mapeamento e documentação de conflitos e de experiências em agroecologia são caminhos para fortalecermos as lutas que são travadas no chão dos territórios.

SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS: MENOS É MAIS!

Apostamos que um dos princípios e objetivos que dão sentido às práticas de ***sistematização*** *de experiências é justamente a produção de conteúdo-sínteses que buscam potencializar o uso das relatorias e informações registradas inicialmente apenas através da linguagem oral e textual. Diferentemente da produção de relatórios, que, geralmente, é uma prática extensiva de organização e agrupamento de textos e relatos, a sistematização nos convida a construir novos arranjos para os conteúdos, a desenhar — a partir de outras linguagens — estratégias lúdicas e a refletir sobre as formas de uso dos materiais por diferentes pessoas nos territórios.*

Em um país onde a memória e a história vêm sendo constantemente apagadas e em um momento político em que a vida dos povos e comunidades tradicionais está brutalmente ameaçada, este caderno é um grito, um chamado, um material de estudo e de luta, um sopro de esperança. Não se trata de "dar voz" a nenhum dos sujeitos que nunca deixaram de tê-la, mas, sim, de amplificar suas denúncias e anunciar suas resistências, lutando, a cada palavra, contra os silenciamentos que a mídia hegemônica e alguns governos insistem em fazer, invisibilizando existências e direitos.



Como poderão ver ao longo de todo o caderno, depoimentos emocionados contam sobre as brechas encontradas pelas comunidades para sobreviver às pressões causadas pela expansão do capitalismo nos territórios. Com poucos e insuficientes recursos financeiros, mas muita solidariedade e sabedoria, diversas associações, cooperativas, movimentos sociais, escolas, famílias e coletivos transformam dores e perdas em força e coragem para seguir em frente defendendo suas famílias, suas terras e suas formas de vida.

VÍDEO IV ENA: #TERRITÓRIOSDAAGROECOLOGIA: DIVERSIDADES E RESISTÊNCIAS

Pensando na diversidade, o IV Encontro Nacional de Agroecologia pautou cerca de 32 experiências territoriais em agroecologia dos 6 biomas brasileiros (Pampa, Caatinga, Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal), além de promover espaços para debates sobre o litoral e as metrópoles. O objetivo dessas tendas pedagógicas foi possibilitar a reflexão acerca do papel e da contribuição das redes para o avanço da agroecologia, bem como sobre a importância da luta por direitos e pelas políticas públicas para o desenvolvimento das experiências, além das denúncias sobre os bloqueios enfrentados nos territórios.

Assista ao vídeo: www.youtube.com/watch?v=04XC6LhEvNs

INSTALAÇÕES ARTÍSTICO-PEDAGÓGICAS: A METODOLOGIA DOS SEMINÁRIOS TERRITORIAIS

> *"A gente não gostava de explicar as imagens porque explicar afasta as falas da imaginação."*
>
> Manoel de Barros

Em cada tenda, foram apresentadas experiências na forma de *Instalações Artístico-Pedagógicas*, contando com símbolos, imagens, mapas, objetos, sementes, alimentos, histórias, músicas, publicações, poesias e outras formas de expressão para narrar as experiências, os desafios e as resistências do território.

As instalações são ambientes criados para interação, cuja experiência vivencial busca, através da construção de um espaço artístico-educativo e de abordagens lúdicas, facilitar o diálogo de saberes e percepções sobre os anúncios e as denúncias identificadas nos territórios.

Construída a partir de elementos visuais, aromas e sabores, além de expressões artísticas de teatro, música e poesia, desde o processo preparatório para o III Encontro Nacional de Agroecologia (III ENA), que aconteceu em Juazeiro (BA), em 2014, as instalações representam uma forma dinâmica, rápida e simples de construir cenários que estimulam ambientes de interação e interatividade, valorizando conteúdos produzidos coletivamente em diferentes momentos e que rompem com a lógica exclusiva da oralidade.

Assim, neste IV ENA, em cada uma das tendas, diversas experiências construídas nos territórios representaram insumo para animar o debate entre todas as pessoas presentes, permitindo reflexões a respeito de quatro pilares que deram forma às ***Questões Geradoras dos Seminários***.

1) O papel e a contribuição das redes para o avanço da agroecologia.

2) A importância da defesa dos direitos e das políticas públicas para o desenvolvimento das experiências.

3) Os bloqueios enfrentados nos territórios e que prejudicam o avanço da democracia e da agroecologia.

4) Os anúncios e as alternativas construídas pela agroecologia.

DENÚNCIA E ANÚNCIO: PRINCÍPIOS DA EDUCACÃO POPULAR

Esse olhar articulado sobre os territórios, que registra denúncias e se move a partir das resistências, apontando alternativas concretas para o cultivo, a comercialização e a organização produtiva e sintonizadas com a educação humana, com a cultura popular, com a saúde integral e com tantos outros princípios da agroecologia, tem como uma das suas principais inspirações os acúmulos da educação popular.

Para Paulo Freire, "Agir de modo libertário é unir denúncia e anúncio [...] Denúncia de uma sociedade injusta e espoliadora, e o anúncio do sonho possível de uma outra sociedade", *sociedade que, segundo ele, é* "[...] utópica e esperançosa porque, pretendendo estar a serviço da libertação das classes oprimidas, se faz e se refaz na prática social, no concreto, e implica a dialetização da denúncia e do anúncio, que têm, na práxis revolucionária permanente, o seu momento máximo".

Para saber mais: Ação Cultural para a Liberdade - Paulo Freire, 1981

A VOZ QUE VEM DOS TERRITÓRIOS: BIOMAS, REDES, TERRITÓRIOS E O FORTALECIMENTO DA AGROECOLOGIA

Desde sua criação, a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) se organiza a partir das experiências concretas construídas de forma plural, diversa e dinâmica em muitas localidades. Outro princípio agregador e fundante da ANA é, justamente, a atuação em rede — a articulação e o diálogo entre diferentes organizações sociais populares, movimentos e coletivos que atuam no fortalecimento e na defesa da agroecologia.

Em especial, desde o *Encontro Nacional de Diálogos e Convergências* realizado em Salvador, no ano de 2011, a abordagem territorial vem ganhando ainda mais força e contorno no desenho das ações desenvolvidas pelos projetos, encontros e ações animados pela ANA. No III ENA, os seminários/tendas territoriais aconteceram pela primeira vez também no formato das instalações, partilhando os anúncios e as denúncias colhidos ao longo

das 14 Caravanas Agroecológicas e Culturais que orientaram o olhar sobre os territórios e o processo preparatório ao encontro nacional.

Neste IV ENA, os seminários territoriais tiveram os biomas como princípio de organização territorial, reforçando as dinâmicas ecológicas, culturais, agroalimentares e socioeconômicas pulsantes no Brasil e transbordando os limites políticos e administrativos estabelecidos hegemonicamente para a organização das regiões do país.

O Brasil é formado por seis biomas de características distintas: Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal. Segundo o Ministério do Meio Ambiente (MMA), cada um desses biomas abriga diferentes tipos de vegetação e de fauna, e, como a vegetação é um dos componentes mais importantes da biota, seu estado de conservação e de continuidade definem a existência ou não de hábitats para as espécies, a manutenção de serviços ambientais e o fornecimento de bens essenciais à sobrevivência de populações humanas.

Além dessa dimensão, o *Projeto de Sistematização das Redes de Agroecologia para o Desenvolvimento dos Territórios* (ANA-FBB/BNDES, 2017-2018) também partilhou alguns acúmulos construídos na análise do *Programa de Fortalecimento e Ampliação das Redes de Agroecologia, Extrativismo e Produção Orgânica* (Ecoforte), criado em 2013, como parte integrante da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Pnapo). Em várias tendas, experiências de rede apoiadas pelo programa partilharam seus avanços e desafios nos territórios. O *Programa Ecoforte* tem como objetivo apoiar projetos territoriais de redes de agroecologia, extrativismo e produção orgânica voltados à intensificação das práticas de manejo sustentável de produtos da sociobiodiversidade e de sistemas produtivos orgânicos e de base agroecológica.



CONCEITOS MOBILIZADOS: PROJETO DE SISTEMATIZAÇÃO DAS REDES APOIADO PELO *PROGRAMA ECOFORTE*

Rede de agroecologia, extrativismo e produção orgânica: conjunto formado por organizações que atuam em um dado território e que interagem por meio de dinâmicas participativas, de caráter cooperativo, com a finalidade de promover o fortalecimento da produção orgânica, de base agroecológica e extrativista.

Território: nos termos estabelecidos pelo Edital nº 2014/005, um território é um espaço geograficamente definido, circunscrito em uma Unidade da Federação ou a áreas limítrofes de duas ou mais Unidades da Federação, onde atuam as instituições que compõem as redes de agroecologia, extrativismo e produção orgânica. Ao longo do processo de sistematização animado pela ANA, esta definição foi sendo enriquecida pela constatação do papel ativo das redes e das práticas agroecológicas na construção de territórios, bem como da diversidade de formas de relação com o território que vêm sendo exercitadas pelas redes.

Vale lembrar que a agroecologia partilha dos conceitos construídos pela geografia crítica, organizada pelas perspectivas emancipatórias dos territórios emergentes, tendo os acúmulos latino-americanos como principais inspirações.

Para saber mais, ver: PORTO-GONÇALVES, C. W. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. *GEOgraphia*, v. 8, n. 16, p. 41-55, 2006.

PROPOSTAS E ENCAMINHAMENTOS COLHIDOS DURANTE OS SEMINÁRIOS TERRITORIAIS

ATUAÇÃO POLÍTICA E TERRITORIAL

* Criar grupos locais que unam as lutas e resistências a partir da abordagem territorial, abarcando recursos e redes de comunicação.
* Propor ações com pautas mais unificadas para o movimento agroecológico que possam fortalecer as iniciativas de resistência dos povos do campo, da floresta, das águas e das cidades.
* Reafirmar a necessidade de políticas públicas de apoio à agroecologia abrangentes e universais.
* Pensar formas de ampliar e articular a agroecologia junto aos territórios com experiências e iniciativas agroecológicas que hoje estão pouco inseridas nas redes (tais como comunidades tradicionais e quilombolas no bioma Pampa).
* Estar atento para perceber e incorporar os novos elementos que se inseriram nas nossas redes, assim como sujeitos políticos e processos.
* Fortalecer o diálogo e as ações entre as comunidades camponesas, tradicionais, os povos indígenas e as redes de agroecologia.
* Construir juntos o *I Agroeco Indígena, I Encontro dos Xamãs, I Seminário dos Sistemas Agroflorestais Indígenas, I Encontro das Agricultoras e Agricultores Indígenas, I Feira de Etnovariedades*.
* Fortalecer a rede de agricultoras/es nos três estados da Região Sul.
* Construir parcerias com estratégias mais focadas de atuação a longo prazo.

- Fortalecer a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) e sua atuação nos territórios.
- Criar uma frente de defesa das políticas públicas.
- Fortalecer a abordagem territorial em rede: *"O que chamou atenção: importância de uma abordagem territorial, não em perspectivas isoladas. Para conseguir pensar em abordagem territorial, é importante o trabalho de base que os movimentos sociais trazem".*
- Dar o devido significado político para as nossas experiências: *"Se não dermos o devido significado político às nossas experiências, não vamos dar o valor devido a elas. As lutas não são isoladas, são por territórios, é a partir disso que conseguimos dialogar com os programas públicos, com o Estado brasileiro. Cada experiência nossa é uma trincheira de luta. Precisamos conscientizar sobre isso".*





CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: FORMAÇÕES, INTERCÂMBIOS E DIÁLOGOS ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

- Levar o debate da agroecologia social e política para dentro das escolas: *"Fazermos da escola um espaço de resistência para provocar e promover a agroecologia e inquietar os professores a remexer seus livros didáticos: 'O que tem nesse meu currículo que dialoga com a horta? Como levamos o debate da agroecologia social e política pra dentro da escola?'"*.
- Trabalhar junto às escolas e aos institutos de educação para que a formação dos jovens seja orientada por uma perspectiva de vida camponesa e agroecológica.
- Fortalecer e defender processos que garantam a educação diferenciada para indígenas, quilombolas, caiçaras e camponesas/es.
- Fortalecer nos territórios processos dedicados à partilha de saberes e às culturas camponesas.
- Dar popularidade às experiências e reforçar a importância da agroecologia também no campo da pesquisa.
- Estar atento ao processo de apropriação do conhecimento da agroecologia pelas grandes empresas/agronegócio multinacionais.
- Construir e fortalecer relações com a universidade e outras instituições públicas (ensino, pesquisa e extensão) a partir de temas de relevância e de demandas das redes, dos movimentos e das organizações dos territórios.
- Pautar a relação com a universidade a partir da relevância social das pesquisas para o território e para os atores que constroem a agroecologia nos territórios, pois muitas vezes a/o pesquisadora/or capta o conhecimento e não o devolve para a comunidade.

DIÁLOGO ENTRE CAMPO E CIDADE

- Fortalecer os diálogos entre campo e cidade e ampliar a pauta agroecológica com a sociedade, se desafiando a desenvolver estratégias de comunicação que possibilitem a conquista de uma aderência maior da sociedade.
- Divulgar as feiras agroecológicas que necessitam de mais visibilidade.
- Fortalecer a *Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida*.
- Pensar a relação rural–urbano na construção de sistemas agroalimentares, garantindo não só a soberania alimentar, mas também a construção da relação entre trabalhadores rurais e urbanos.
- Fortalecer, nas agroindústrias urbanas, a relação entre a economia solidária e a agroecologia, incentivando um novo sistema alimentar.
- Ampliar os diálogos com a sociedade para a mobilização em torno do consumo consciente e responsável.

COMUNICAÇÃO

- Fortalecer a comunicação popular nos territórios.
- Fortalecer parcerias com a comunicação popular.
- Criar plataformas de intercâmbio de experiências: *"Pensar em plataformas de intercâmbio de experiências, em como essa governança pode gerar políticas públicas e em como integrar essas políticas públicas às redes"*.
- Avançar no diálogo entre campo e cidade e na elaboração de estratégias de comunicação que evidenciem a importância da agricultura familiar e da agroecologia para toda a sociedade, não somente para o campo. As feiras agroecológicas são um caminho para isso, assim como a promoção de seminários, a produção de publicações, as participações em programas de rádios, entre outras estratégias didáticas.

PROTAGONISMO DAS MULHERES E DAS JUVENTUDES

- Reconhecer e visibilizar o protagonismo de mulheres e jovens e de suas experiências e apoiar suas lutas como sujeitos políticos portadores de direitos sociais.
- Ter atenção e autocrítica para que os movimentos agroecológicos, em suas práticas internas e públicas, possam verificar se, na apresentação das experiências em encontros e outros momentos, está garantida a representação das mulheres e das juventudes dos territórios.
- Investir na formação das juventudes, criando alianças com escolas, institutos e universidades federais, para que esses processos sejam comprometidos com a perspectiva agroecológica e contribuam para a permanência das juventudes no campo.
- Qualificar a formação das juventudes, desconstruindo ideologias hegemônicas de desvalorização no mundo rural e que estão dentro das universidades.
- Fortalecer processos de formação sobre divisão sexual do trabalho e outros elementos para os homens, tendo em vista, por exemplo, a dificuldade de eles entenderem o processo dos quintais das mulheres.

AÇÕES NOS TERRITÓRIOS

- Criar a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Tamanduá, na região de Riacho dos Machados, como forma de garantir a preservação do Cerrado pelas comunidades.
- Apoiar, a partir do ENA, a *Convenção Quadro* para o controle do tabaco, sendo este um tratado de saúde pública ratificado pelo Brasil em 2006. Essa convenção trata em específico da diversificação das áreas cultivadas com tabaco e da saúde das famílias de agricultoras/es para a preservação da vida como um bem maior do ser humano. Esse processo deve estar orientado para o apoio e o desenvolvimento de experiências em agroecologia.
- Apoiar e desenvolver ações de turismo comunitário.

PROCESSO DE CERTIFICAÇÃO ORGÂNICA

* Ampliar e incentivar processos de certificação para acesso aos mercados e de fortalecimento da relação entre campo e cidade.
* Capacitar as juventudes, das cidades e do campo, para protagonizar os processos de certificação nas comunidades.

SAÚDE

* Construir a saúde em uma perspectiva ampliada.
* Debater a questão sanitária e a burocracia para participar das políticas públicas de fomento à agricultura familiar, o que tem sido um empecilho para que os territórios avancem com as experiências.



TABELA-SÍNTESE DOS SEMINÁRIOS TERRITORIAIS: AS 47 EXPERIÊNCIAS

Tabela-síntese que partilha as experiências por bioma e seminário territorial e indica contatos para mais informações.

BIOMA	TERRITÓRIO	UF	LOCAL	
AMAZÔNIA	Bico do Papagaio	TO	Augustinópolis	
		TO, PA, PI e MA	São Luís (MA)	
		TO	Itacajá	
	Amazônia Ocidental	AM	Manaus	
		AM e PA	Santarém	
		AC	Rio Branco	
		RO	Porto Velho	

EXPERIÊNCIA/ORGANIZAÇÕES ENVOLVIDAS	PARA SABER MAIS:
1. Rede Bico do Papagaio	*Site* da APA-TO: http://www.apato.org.br/programas-e-projetos/projetos/projeto-rede-bico-agroecologico/
2. Quebradeiras de Coco Babaçu	*Site* do MIQCB: https://www.miqcb.org/
3. Sementes Krahô	Artigo Caderno ANA e parceiros: http://aspta.org.br/files/2014/05/Caderno-ANA-Sementes-2014-KRAHO.pdf
4. Rede Maniva de Agroecologia do Amazonas (Rema)	remagroecologia@gmail.com e página no Facebook: https://www.facebook.com/redemaniva/
5. *Projeto Agroextrativista da Reserva Extrativista Tapajós-Arapuíns*, no Baixo Amazonas	Plano de Manejo: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/resex_tapajos_arapiuns_pm_vol2.pdf Caravana 2013: https://br.boell.org/pt-br/2013/11/18/caravana-agroecologica-de-santarem-reserva-extrativista-tapajos-arapiuns
6. Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre (Amaaiac)	*Site* da Associação: http://amaaiac.org.br/
7. Rede de Agroecologia Terra Sem Males	*Blog*: http://projetoterrasemmales.blogspot.com/

BIOMA	TERRITÓRIO	UF	LOCAL	
AMAZÔNIA	Estuário Amazônico	PA	Belém	
		PA	Santa Luzia do Pará	
		PA e TO	Cametá	
		PA	Marajó	
CAATINGA	Caatinga I - Borborema e São Francisco	BA e PE	Canindé de São Francisco	
		PB	Esperança	
	Caatinga II - Araripe e Apodi	RN	Apodi	
		PE	Crato	
	Caatinga III	PE	Serra Talhada	
		MG	Diamantina	

EXPERIÊNCIA/ORGANIZAÇÕES ENVOLVIDAS	PARA SABER MAIS:
8. Coletivo de Mulheres de Mosqueiro – Amacampo	Matéria Brasil de Fato: https://www.brasildefato.com.br/2017/11/08/feira-agroecologica-em-belem-fortalece-grupos-de-mulheres-do-baixo-tocantins/ e matéria Brasil Agroecológico: https://goo.gl/N5MRNU
9. Rede Bragantina de Economia Solidária Bragança e Escola de Formação para Jovens Agricultores de Comunidades Rurais Amazônica – Escola Ecrama	*Blog*: http://amazoniaemrede.blogspot.com/p/blog-page_22.html
10. Rede para Formação, Produção e Comercialização Agroecológica no Baixo Tocantins	Artigo - *Amazônia, Pará e o mundo das águas do Baixo Tocantins:* https://www.scielo.br/j/ea/a/SjrQ9BqjDpRtD-4ndNnNfxcM/?lang=pt
11. Conselho Nacional das/os Seringueiras/os no Marajó	*Site* A Voz da Floresta: https://cnsbelem.wordpress.com/
12. Sertão do São Francisco	*Site* da AS-PTA: http://aspta.org.br/programas/programa-paraiba/
13. Polo da Borborema	*Blog*: http://territoriosertaodosaofrancisco.blogspot.com/p/o-territorio-sertao-do-sao-francisco.html
14. Chapada do Apodi	Curta Agroecologia, Chapada, Vida e Morte: https://www.youtube.com/watch?v=URuDn3CbkaE
15. Chapada do Araripe	Matéria Carta Maior: https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Mae-Terra/A-mobilizacao-social-na-Chapada-do-Araripe/3/35583 e Caravana *site* do Centro Sabiá: http://www.centrosabia.org.br/noticia/caravana-mostra-que-a-agroecologia-e-uma-saida-para-a-agricultura-familiar
16. Sertão do Pajeú	Matéria *site* da ASA: http://www.asabrasil.org.br/99-imprensa/giro-pela-imprensa/8863-agroecologia-no-sertao-do-pajeu-e-o-caminho-para-a-convivencia-com-o-semiarido
17. Semiárido Mineiro: Norte de Minas (Gerais) e Vale do Jequitinhonha	Canal do YouTube da ASA Minas: https://www.youtube.com/channel/UCmjkBq8oK5PeYYli6ocGtEg

BIOMA	TERRITÓRIO	UF	LOCAL	
CERRADO	Cerrado Mineiro	MG	Montes Claros	
		MG	Uberlândia	
		MG	Paracatu	
	Cerrado do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul	MT	Cuiabá	
		MS	Campo Grande	
	Matopiba	TO	Mateiros	
		MA	São Luís	
		MA	São Luís	
		Nacional	-	
		Internacional	-	

EXPERIÊNCIA/ORGANIZAÇÕES ENVOLVIDAS	PARA SABER MAIS:
18. Norte de Minas	*Site* do CAA: https://www.caa.org.br/institucional/
19. Triângulo Mineiro	Núcleo de Agroecologia do Cerrado Mineiro: http://nacemufu.blogspot.com/
20. Noroeste de Minas	*Site* do CAA: https://www.caa.org.br/institucional/
21. Grupo de Intercâmbio em Agroecologia (Gias)	*Site* do Gias: http://www.gias.org.br/
22. Associação dos Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul (Apoms)	*Site* da Apoms: https://apoms.com.br/
23. Sabores e Fazeres Quilombolas: a Cartografia Social do Jalapão e do Sudoeste do Tocantins	*Site* da Nova Cartografia Social: http://novacartografiasocial.com.br/download/05-mapa-comunidades-quilombolas-do-jalapao/
24. Pescadores Artesanais e Povos de Matriz Africana do Terreiro do Egito	Artigo Terreiro do Egito: Memórias e Resistências https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/download/230755/27927
25. Comunidade Cajueiro São Luís	Matéria e Vídeo: https://www.brasildefato.com.br/2018/04/24/a-luta-travada-pela-comunidade-de-cajueiro-ma-pelo-direito-de-continuar-existindo/
26. Campanha em Defesa do Cerrado	*Site* da Campanha: https://www.campanhacerrado.org.br/
27. Campanha *Não ao ProSavana*	Link do *site* do MPA: https://mpabrasil.org.br/category/pro-savana/

BIOMA	TERRITÓRIO	UF	LOCAL	
MATA ATLÂNTICA E PAMPA	Mata Atlântica Nordeste	PE	Zona da Mata	
		SE	Sul de Sergipe	
	Mata Atlântica Sudeste	MG e ES	Mariana	
		ES	Norte do Espírito Santo	
		SP	Iperó	
	Mata Atlântica do Sul e Pampas	SC	Lages	
		SC, PR e RS	Paraná	
		SC	Chapecó	
		RS	Porto Alegre	
		RS	Estadual	
PANTANAL	Pantanal	MS	Matupá	
		MT	Cáceres	

EXPERIÊNCIA/ORGANIZAÇÕES ENVOLVIDAS	PARA SABER MAIS:
28. Mata Sul	*Site* do Centro Sabiá: www.centrosabia.org.br/feiras-agroecologicas
29. Baixo São Francisco	*Site* da Federação: www.fetase.org.br/polos-sindicais/baixo-sao-francisco/
30. Bacia do Rio Doce	Carta Política da Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce: https://www.abrasco.org.br/site/outras-noticias/movimentos-sociais/carta-politica-da-caranava-territorial-da-bacia-do-rio-doce/17344/
31. Experiências do Espírito Santo	Artigo sobre a mata atlântica no Espírito Santo: http://boletim.sambio.org.br/pdf/27_01.pdf
32. Vale do Ribeira, Vale do Paraíba e Região de Iperó	Caravanas - Comboio Agroecológico do Sudeste: https://www.youtube.com/channel/UCyiL58NlgDJcTz-TiPatuPCg, matéria do Cimi sobre o Fórum de Comunidades Tradicionais do Vale do Ribeira: https://goo.gl/9qSBmr e página no Facebook do Fórum do Vale do Ribeira: https://goo.gl/zQJkG3
33. Centro Vianei de Educação Popular	*Site* do Centro: http://www.vianei.org.br/
34. Rede Ecovida	*Site* da Rede: http://ecovida.org.br/
35. Movimento de Mulheres Camponesas	*Site* do MMC: http://www.mmcbrasil.com.br/site/
36. Rede de Agroecologia Ecovida	*Site* da Rede: http://ecovida.org.br/
37. Plano Camponês	*Site* do MPA: https://mpabrasil.org.br/plano-campones/
38. Organização Caianás – Povo Indígena Terena	*Site* da PIB: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Terena
39. Associação Regional das Produtoras Extrativistas do Pantanal (Arpep)	Página no Facebook: https://www.facebook.com/arpep/

BIOMA	TERRITÓRIO	UF	LOCAL	
METRÓPOLES	Região Metropolitana de Belo Horizonte	BH	Belo Horizonte	
	Região Metropolitana do Pará	PA	Abacatal	
	Região Metropolitana do Rio de Janeiro	RJ	Rio de Janeiro	
	Região Metropolitana de Florianópolis	SC	Florianópolis	
LITORAL	Vales do Curu e Aracatiaçu	CE	Itapipoca	
	Região Serramar	RJ	Rio das Ostras e Casimiro de Abreu	
	Baia de Ilha Grande	RJ	Paraty	
	Litoral do Paraná	PR	Guaraqueçaba	

EXPERIÊNCIA/ORGANIZAÇÕES ENVOLVIDAS	PARA SABER MAIS:
40. Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana (Amau) e Rede Urbana de Agroecologia (RUA)	*Site* da Amau: http://amau.org.br/ e sobre a RUA: https://aueufmg.wordpress.com/rua-rede-urbana-de-agroecologia-metropolitana/
41. Quilombo do Abacatal e Ponto de Cultura Alimentar	Matéria sobre o Ponto de Cultura: https://www.brasildefato.com.br/2018/05/05/ponto-de-cultura-alimentar-oferece-comida-sem-grilagem-e-sem-veneno-em-belem/ e matéria sobre o quilombo: https://fase.org.br/pt/acervo/biblioteca/protocolo-quilombolas-de-abacatal-aura/
42. Rede Carioca de Agricultura Urbana	Página no Facebook: https://pt-br.facebook.com/pages/category/Community-Organization/Rede-Carioca-de-Agricultura-Urbana-638527312919589/
43. Revolução dos Baldinhos	*Site* do Cepagro: https://cepagroagroecologia.wordpress.com/agricultura-urbana/revolucao-dos-baldinhos/
44. Pescadoras e Indígenas dos Vales	*Site* do Cetra: http://cetra.org.br/index.php/pt-br/13-institucional/atuacao/29-vales-do-curu-e-aracatiacu e matéria da ASA sobre o Seminário: http://www.asabrasil.org.br/26-noticias/ultimas-noticias/10537-ceara-apresenta-experiencia-do-territorio-do-vales-do-curu-e-aracatiacu-no-iv-ena
45. Associação Enseada das Gaivotas e Articulação de Agroecologia SerraMar	*Site* da AARJ: https://aarj.wordpress.com/about/regiao-serramar/
46. Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra, Ubatuba e Paraty	*Site* da Campanha: http://www.preservareresistir.org/
47. Movimento de Pescadoras e Pescadores Artesanais	Matéria da Terra de Direitos: https://goo.gl/3mN8aB

FERRAMENTAS E PROCESSOS: AÇÕES EM CURSO ENTRE AS REDES DE AGROECOLOGIA E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

AGROECOLOGIA EM REDE

agroecologiaemrede.org.br

O Agroecologia em Rede (AeR) é um sistema de informações sobre iniciativas de agroecologia. Nele, você pode encontrar, cadastrar e enviar comentários sobre experiências, grupos, coletivos, redes e pessoas vinculadas às iniciativas. As buscas por experiências e informações podem ser feitas por localização geográfica, por áreas temáticas, por identidades dos atores envolvidos, por busca livre, entre outros filtros. Os resultados das buscas são apresentados em lista ou em mapa. A reestruturação do AeR é fruto de uma parceria envolvendo a ANA, a ABA-Agroecologia e a Fundação Oswaldo Cruz, a partir da Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde.

Tudo de forma leve, simples e acessível, tanto para computadores como para celulares e *tablets* com acesso à internet banda larga.

Desde fevereiro de 2018, a plataforma *online* vem sendo reestruturada com o objetivo de atualizá-la às novas facilidades tecnológicas e, principalmente, às demandas de diferentes organizações, movimentos e redes integrantes do campo agroecológico.

Você pode contribuir com esse processo de reestruturação. Caso tenha comentários, ideias e sugestões, não hesite em entrar em contato pelo *site*.

MAPA DE CONFLITOS ENVOLVENDO INJUSTIÇA AMBIENTAL E SAÚDE NO BRASIL

mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br

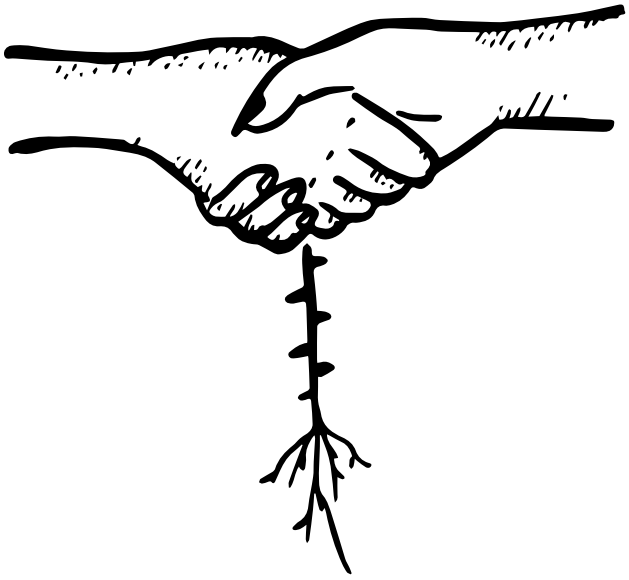
O Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil é coordenado pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Um primeiro aspecto do Mapa, de natureza conceitual e política, diz respeito ao seu foco principal. O objetivo não se reduz a listar territórios onde riscos e impactos ambientais afetam diferentes populações, mas, sim, tornar públicas as vozes que lutam por justiça ambiental de populações frequentemente discriminadas e invisibilizadas pelas instituições e pela mídia. Muitos casos mostram como tais populações são ameaçadas e vítimas de violência quando buscam exercer sua cidadania, ao defenderem seus direitos pela vida, que incluem o território, a saúde, os ecossistemas, a cultura e a construção de uma sociedade mais humana, saudável e democrática. A prática de uma ciência cidadã adotada neste projeto assume uma posição ética e solidária com tais populações, reconhecendo que os problemas e conflitos apresentados são complexos e exigem soluções de curto, médio e longo prazos, incluindo mudanças estruturais nos sistemas de produção e consumo das sociedades capitalistas modernas, bem como nas políticas públicas e nas práticas das organizações.

O conceito de promoção da saúde acoplado ao de justiça ambiental implica incorporar a defesa dos direitos humanos fundamentais, a redução das desigualdades e o fortalecimento da democracia na defesa da vida e da saúde. Isso engloba, igualmente, o direito à terra, a alimentos saudáveis, à democracia, à cultura e às tradições, em especial das populações atingidas, frequentemente vulneráveis e discriminadas. Ou seja, a concepção de saúde e ambiente adotada transcende as variáveis do saneamento básico, da contaminação ambiental por poluentes e das doenças e mortes decorrentes desses fatores. Ela está intimamente associada à noção de justiça ambiental e seus movimentos, conforme apregoado no Manifesto de Lançamento da Rede Brasileira de Justiça Ambiental.

CADERNO DE CONFLITOS NO CAMPO

cptnacional.org.br

Organizado pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Caderno de Conflitos no Campo registra, desde 1985, os casos de violência no campo de modo sistemático. Entre os anos de 1985 e 2017, a CPT registrou 1.438 casos de conflitos no campo em que ocorreram assassinatos, com 1.904 vítimas. Desse total, apenas 113 foram julgados, o que corresponde a 8% dos casos, em que 31 mandantes dos assassinatos e 94 executores foram condenados. Isso mostra como a impunidade ainda é um dos pilares mantenedores da violência no campo.



SEGUINDO EM FRENTE: MENSAGEM FINAL

"A gente sonhou tanto com este dia, e, hoje, estamos acordados vendo este momento acontecer."

"Que bom, dona Dijé, que, depois de tantos anos de luta e resistência, a senhora pode vivenciar o momento da posse do Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais pelo qual tanto bravejou. Depois de 3 dias, em 14 de setembro de 2018, Maria de Jesus Ferreira Bringelo, a dona Dijé, fechou os olhos para a vida terrena junto dos seus no Quilombo de Monte Alegre, território que tanto amava e em que tanto resistia, deixando um imenso e profundo sentimento de tristeza, saudade e esperança no coração de todas e todos que tiveram, em algum momento, a oportunidade de caminhar junto aos seus passos. Uma Mãe Palmeira se despede... Mulher, negra, quilombola, quebradeira de coco-babaçu, mãe, avó... Entre tantas autodefinições que a senhora sempre fazia questão de enfatizar, nos ensinou, com firmeza e mansidão, que a luta pela liberdade, vida e dignidade de todos os povos e comunidades tradicionais do Brasil é uma luta conjunta, de todas e todos, por justiça social. Hoje, estamos imensamente tristes com a sua repentina partida, mas fortalecidos e com a certeza de que continuaremos a caminhar e a seguir os passos que a senhora nos mostrou e ensinou. Dona Dijé, todo o nosso amor, respeito e gratidão! Dijé, presente!"

Reprodução da Carta da Rede Cerrado

Que bom, dona Dijé. Este caderno é dedicado a você e à luta das mulheres dos mais diferentes territórios do Brasil.

O processo preparatório para o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) começou em 2017, e, certamente, suas reverberações não acabaram com o encerramento do Encontro. Este é um processo que segue no curso de muitos rios, estradas, igarapés e sertões deste Brasil que resiste.

Certamente a palavra mais citada neste caderno, além de *território*, foi *resistência*. Territórios e resistências parecem construções comuns, e os encontros nacionais representam

os principais momentos de diálogo, de convergência e de fortalecimento das alianças entre diferentes organizações, movimentos sociais e redes que atuam com a agroecologia.

O IV ENA, realizado em um contexto político tão adverso na terceira maior metrópole do país, foi um momento de encontro e renovação da luta pela agroecologia, pelos povos e pela defesa dos bens naturais.

As *Instalações Artístico-Pedagógicas* constituíram uma ferramenta importante, pois, entre outras potencialidades, trouxeram denúncias, desafios, conquistas e as diferentes formas de como os povos resistem nos seus territórios.

Os 16 seminários territoriais, organizados em *Instalações Artístico-Pedagógicas*, representaram possibilidades de interagir com as práticas que pulsam em diferentes lugares do Brasil e de dar visibilidade ao trabalho incansável do povo que acontece nessa caminhada de construção da agroecologia e de luta pelos direitos das comunidades tradicionais e camponesas.

As instalações mostraram a riqueza de expressões e processos de resistências das regiões, pequenas e breves amostras da diversidade muitíssimo mais ampla do que a retratada nas tendas. Cada um dos depoimentos — de agricultoras/es, estudantes, indígenas, quilombolas, educadoras/es, médicas/os da família, benzedeiras, crianças, pajés, representantes do poder público que seguem caminhando ao lado das lutas do povo — reforça que os desafios nunca foram pequenos, mas que é por meio da atuação em rede e da força de suas comunidades que os biomas, os agroecossistemas e os territórios seguem resistindo e apontando caminhos para uma sociedade justa, igualitária, fraterna e em harmonia com a natureza.

Este caderno é produto da reunião de relatos feitos simultaneamente no parque, de sínteses e da organização de conteúdos e dados, formando um mosaico e uma bricolagem de denúncias, anúncios e propostas que compartilhamos, provisoriamente, com vocês. Certamente a leitura atenta de cada um dos relatos irá despertar novas memórias, sentidos, falas e conflitos que emergem em cada bioma, território e região. A plataforma virtual **enagroecologia.org.br** será um espaço de complementações, revisões e ajustes.

OS TERRITÓRIOS: REDES DE ANÚNCIOS E DENÚNCIAS – BIOMAS, EXPERIÊNCIAS E DEPOIMENTOS


A DIVERSIDADE DA AMAZÔNIA
LUTA PELA AGROECOLOGIA
FASE
Volume de Recursos Investidos no Brasil através
PARAÍBA: Opção pela Inclusão Produtiva e Social
TOTAL INVESTIDO
INGÁ

AMAZÔNIA

Na Amazônia, a agroecologia é um saber ancestral regido por múltiplos povos. São outros tempos, mares, ritmos, cores e formas de relacionar-se com a floresta e com as águas. Nesse primeiro conjunto de memórias, vocês encontrarão relatos sobre o bioma amazônico tecidos a partir das histórias de resistência de 11 experiências. Juntas, essas práticas mantidas por jovens, mulheres, homens e crianças recobrem diferentes ambientes amazônicos. Aqui, é preciso lembrar que o território do Bico do Papagaio, assim como o amazônico, abrange ecossistemas de transição e também compõe a riqueza do Cerrado brasileiro.

Atualmente, as histórias seculares de resistências dos povos indígenas, dos ribeirinhos e das comunidades extrativistas nesse bioma caminham junto com a ampliação dos processos de comercialização, com a multiplicação das feiras, com o protagonismo das mulheres e jovens e com o fortalecimento dos processos de transição agroecológica também nas cidades e capitais dos 9 estados que compõem a Amazônia Legal.

Experiências históricas de formação e educação do campo se juntam às redes invisíveis de solidariedade e articulação política que dão o contorno às práticas agroecológicas vinculadas diretamente ao manejo extrativista e ao movimento das águas doces e salgadas que fortalecem a luta do povo deste extenso e belo território amazônico.

Açaí e babaçu são apenas 2 exemplos dos diversos alimentos que sustentam o povo dessas terras e estão presentes nos relatos a seguir. Além das experiências que compuseram o início dos 3 seminários territoriais reunidos aqui, diferentes vozes das/os participantes se somaram em defesa da Amazônia. Assim, ao final dos relatos das experiências, outras denúncias e anúncios também são compartilhados, correspondendo à parte das várias contribuições que cada um dos seminários contou. As lutas do povo sobre o solo sagrado da Amazônia se somam a outras vozes que também seguem defendendo a liberdade a partir do convívio com as florestas em pé.

> *"Sem terra e território, não vamos ter produção, só irão aumentar as favelas e lotar pequenas cidades, e o que vai sobrar para nós serão os últimos pedaços da periferia, onde ninguém vai nos ver. Nós, unidos, precisamos nos reconhecer, nos relacionar. Este país é nosso, é o país dos indígenas, é dos negros."*
>
> Dona Dijé, quebradeira de coco (homenageada na capa deste caderno)

TENDA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL

Rede Maniva de Agroecologia do Amazonas (AM), Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas (AC), Rede de Agroecologia Terra Sem Males (RO) e *Projeto Agroextrativista da Reserva Extrativista Tapajós-Arapuíns*, no Baixo Amazonas-Santarém (AM e PA).

> *"Chico vive através de nós; portanto, é preciso resistir."*
> Xandão (Resex Chico Mendes)

A tenda que reuniu experiências da Amazônia Ocidental começou com os cantos dos povos de Santarém. Rosa Coutinho, do Acre, e Josimar, da etnia indígena Sateré-Mawé, também saudaram as pessoas presentes pedindo, em língua indígena, proteção para abrir os trabalhos em torno dos diferentes elementos que estavam na tenda que marcam a sociobiodiversidade da Amazônia.

O seminário territorial da Amazônia Ocidental contou com a apresentação das ações de quatro experiências, sendo elas: a Rede Maniva de Agroecologia do Amazonas (AM); a Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas (AC); o *Projeto Agroextrativista da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns*, no Baixo Amazonas – Santarém (AM e PA); e a Rede de Agroecologia Terra Sem Males (RO).

Dione Torquato, do Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS), ao final das apresentações, fez uma síntese, apontando que a tenda percorreu em suas falas a complexidade da sociobiodiversidade contida nos territórios amazônicos. A partir da enorme riqueza e diversidade dos relatos, muitos trouxeram nítidos aspectos em comum, como a força dos saberes ancestrais e o manejo da floresta em pé.

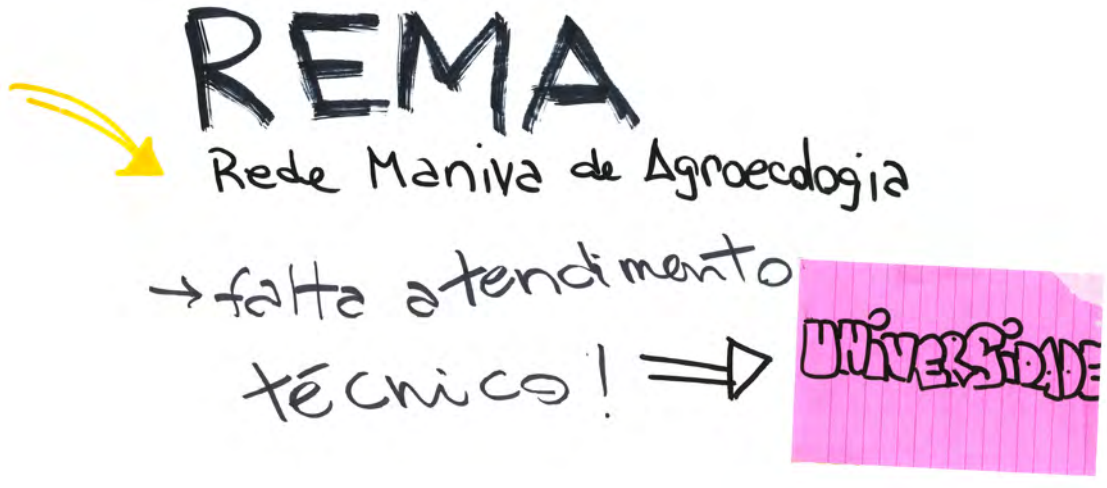
REDE MANIVA DE AGROECOLOGIA DO AMAZONAS (REMA)

A Rede Maniva de Agroecologia do Amazonas reúne, desde 2011, diversos grupos da agricultura familiar e extrativista do maior estado brasileiro. Atuando como um ambiente de articulação territorial, a Rema, como a rede é chamada, trouxe a experiência de fortalecimento da agricultura periurbana na Região Metropolitana de Manaus. Entre suas ações principais estão o incentivo à transição agroecológica, a certificação orgânica participativa, o intercâmbio de práticas e de conhecimentos e o fortalecimento de políticas públicas e de mercados regionais e locais.

DIVERSIDADE NA RAIZ: a rede conta com alta pluralidade de parceiros, além dos grupos de base, que são formados por professoras/es, pesquisadoras/es, consumidoras/es, estudantes e outros coletivos. O crescente processo de organização social dos grupos de base representa uma "mola" que impulsiona o acesso a "resultados inesperados e que se multiplicam". A formação da rede, orientada pelos processos de transição com vias à certificação participativa, é capaz de promover organização social. As/os agricultoras/es, ao conciliar o uso da sociobiodiversidade com as técnicas de produção orgânica e mecanização, também promovem a inclusão de mulheres e jovens. Por fim, as práticas de identificação e valorização das plantas nativas, crioulas ou tradicionais (PANCs) promovem a saúde e a cultura local. É notório o crescente e maior protagonismo dos grupos de base em espaços políticos, como na Comissão Estadual de Produção Orgânica (CPOrg) e no Fórum Estadual de Combate aos Impactos dos Agrotóxicos.

ATUAÇÃO E CONQUISTAS POLÍTICAS – POLÍTICA ESTADUAL DE AGROECOLOGIA E CANAIS DE COMERCIALIZAÇÃO EM MANAUS: entre os principais avanços, a Rema, junto à CPOrg, foi responsável pela elaboração da Política Estadual de Agroecologia e Produção Orgânica (Peapo), promulgada em março de 2018. Observa-se ainda a ampliação de circuitos curtos de comercialização em Manaus, como as feiras, as cestas verdes e as comunidades que sustentam a agricultura (CSA), destacando-se o credenciamento do primeiro Sistema Participativo de Garantia (SPG) da Região Norte, o SPG Maniva, em 2017.

DESAFIOS TERRITORIAIS: como desafios, apontam-se a falta de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater) de base agroecológica e do apoio do Idam (órgão estadual de Ater), além da fragilidade da educação do campo, voltada efetivamente para as comunidades, e da necessidade de maior unificação dos movimentos da agricultura camponesa, familiar e extrativista.



ASSOCIAÇÃO DO MOVIMENTO DOS AGENTES AGROFLORESTAIS INDÍGENAS DO ACRE (AMAAIAC)

Em 2002, foi criada a Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre (Amaaiac) com o intuito de organizar os trabalhos da categoria e realizar a representação política das/os agentes junto ao poder público, às organizações indígenas e aos parceiros. Desde então, a Amaaiac vem realizando uma série de projetos de apoio ao trabalho das/os agentes, além da representação política destas/es profissionais da floresta em diferentes espaços de articulação ligados à conservação ambiental e aos direitos dos povos tradicionais.

Em 2009, a proposta político-pedagógica e curricular de formação profissional e técnica, integrada à educação básica de Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre (AAFIs), foi aprovada pelo Conselho Estadual de Educação, que validou o currículo e reconheceu a escola da associação como a única instituição credenciada para formação das/os agentes no Acre.

O processo de formação das/os AAFIs para a gestão ambiental dos Territórios Indígenas no Acre foi pioneiro na Amazônia e no Brasil, influenciando experiências similares promovidas por outras organizações indígenas e, consequentemente, a construção da Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial em Terras Indígenas (PNGATI), promulgada em junho de 2012.

RECONHECIMENTOS E CONQUISTAS: o trabalho chama a atenção por seu pioneirismo e protagonismo por se tratar da forte promoção da atividade de agentes agroflorestais no território. Entre as principais conquistas estão:

- ***Programa Pró-Índio:*** curso reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC). Apoiou a elaboração do plano territorial. Os avanços vieram e, hoje, os índios contam com escola até o Ensino Médio dentro da TI, com aulas ministradas na língua materna dos Kaxinauá e com formação de agentes indígenas agroflorestais.
- **Curso de Agentes Florestais:** em 1996, iniciou-se um curso com 15 agentes de 15 TIs do Acre. Em 2002, surge a necessidade de formação da Amaaiac, devido à demanda crescente pelo curso. A iniciativa educacional da associação já formou 182 agentes agroflorestais de 31 terras indígenas do estado com foco na fiscalização, sensibilização e demais assuntos correlatos.
- **Comercialização:** destacam-se a comercialização dos itens dos Sistemas Agroflorestais (SAFs) para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae) e a promoção da saúde das/os próprias/os estudantes indígenas que também passam a estar envolvidas/os na articulação política para a regionalização do Pnae no estado.

PROJETO AGROEXTRATIVISTA DA RESERVA EXTRATIVISTA TAPAJÓS-ARAPIUNS (OESTE DO PARÁ – BAIXO AMAZONAS – SANTARÉM)

Extrativistas e indígenas da etnia Munduruku vinculados ao *Projeto Agroextrativista da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns*, em Santarém (PA), começaram a apresentação afirmando a forte identificação com a cultura amazonense, especificamente com a região do Baixo Amazonas. "*Precisamos expandir a resistência para as Resex pela pressão de madeireiros e mineradores. Esses problemas estão extrapolando o Pará e indo para a calha norte do Amazonas.*" Para as/os indígenas, essa situação reforça a importância de caminhar juntas/os.

O projeto articula um grupo que reúne mais de 140 organizações de base na região oeste do Pará. Nesse território, é possível identificar várias ameaças ambientais e violações aos direitos das comunidades em decorrência da expansão do agronegócio, que se intensificou nos anos 2000, promoveu transformações severas nas comunidades e nos ambientes e implicou a modificação das estratégias de enfrentamento. Entre os principais entraves e problemas enfrentados no território, foram relatados como denúncias ou problemáticas:

- Pressão do agronegócio: ação da empresa Cargill, porto graneleiro ou de "transbordo".
- Monoculturas: exploração madeireira se amplia com a abertura para as áreas de soja, provocando aumento do desmatamento.
- Exploração de minérios: principalmente pela empresa Alcoa (além de ouro e de bauxita).
- Ampliação dos portos: além de Santarém, há a especulação de novas instalações portuárias.
- Barragens: uso da bacia do Rio Tapajós para a construção de barragens.
- Venenos: alto índice de contaminação e morte por agrotóxicos.

RESISTÊNCIAS: como estratégias de resistências, a experiência aponta a articulação regional envolvendo todos os segmentos da agricultura familiar, camponesa e das comunidades no Fórum das Organizações Sociais do Baixo Amazonas, criando, assim, outros fóruns menores e comunitários de ribeirinhas/os, pescadoras/es e indígenas, além do Fórum Regional de Combate ao Uso do Agrotóxico.

PROTOCOLOS: o povo indígena Munduruku também tem construído os seus protocolos de uso sustentável dos recursos naturais. Todo povo tradicional tem direito a ser consultado quando há interesse de um empreendimento, tendo como referência a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Na região de Santarém, as/os quilombolas estão construindo protocolos também, pois empresas como a Embrapa querem construir novos portos. Em contrapartida, as comunidades vêm fortalecendo suas ações com o apoio de advogadas/os e estudantes. Além dessas ações, destaca-se a campanha *Não Abra Mão da Sua Terra,* contra a Lei nº 13.465, conhecida pelos movimentos sociais como lei da "legalização" da grilagem.

REDE DE AGROECOLOGIA TERRA SEM MALES (RO)

Os integrantes da Rede Terra Sem Males, atuantes em todo o estado de Rondônia, apresentaram a alta pluralidade social e étnica que compõe a rede. O *Projeto Terra Sem Males* (PTSM) teve início em 2003 e é uma ação participativa construída por famílias agricultoras de Rondônia, que praticam a agricultura ecológica. Juntamente com a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o *Projeto Padre Ezequiel* (PPE), o PTSM busca a construção de iniciativas e conhecimentos em agroecologia, visando à mudança de práticas na agricultura e ao intercâmbio de conhecimentos através da troca de experiências.

A partir de 2001, a CPT e o PPE, em parceria com a Agência Regional de Comercialização – Tucumã, promovem debates que reforçam a necessidade de um acompanhamento técnico diferenciado que apoie não somente a produção de alimentos, mas a produção com Responsabilidade Social e Ambiental. Assim, em 2003, com o apoio financeiro da entidade inglesa Agência Católica para o Desenvolvimento (Cafod) e a responsabilidade da CPT-RO, começam as atividades do Terra Sem Males.

Uma das principais experiências da rede é o *Projeto Reca*, que atua principalmente no reflorestamento econômico consorciado e adensado, estimulando a certificação participativa, pois atualmente cerca de 24 famílias são certificadas pelo Instituto Biodinâmico (IBD). Entre os principais produtos processados e comercializados estão o palmito, o cupuaçu e o açaí. As famílias exportam palmito para a França e para diversas capitais brasileiras.

A Rede Terra Sem Males também articula ações que envolvem o uso da homeopatia para a transição agroecológica das áreas das famílias; o protagonismo feminino na construção de práticas de saúde familiar e do solo; e o fomento de feiras de trocas de sementes tradicionais em parceria com o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA).

Como principais problemáticas e estratégias para o desenvolvimento da agroecologia em seu território, foram citadas:

- Reafirmar e valorizar a cultura indígena local Arara com a língua Krahô: *"Nossa língua não desapareceu, pois estamos somando forças com outros segmentos, e fortalecer a união é preciso"*.
- Fortalecer a prática homeopática na agroecologia: *"Primeiro, é preciso tratar o solo, antes infectado com agrotóxicos, pelo uso das homeopatias. Para ter pessoas saudáveis, precisamos de solos e ambiente saudáveis"*.
- Fortalecer as resistências agrárias aproximando mais a luta pela agroecologia e a luta pelo campesinato.
- Impulsionar as experiências com sementes.
- Ampliar a participação das mulheres, como a experiência da Associação de Mulheres vinculada à rede, que possui 100% de seus produtos agroecológicos vendidos em feiras e entregues ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

As vozes que se somam às lutas da Amazônia Ocidental: depoimentos

"Criamos o protocolo de consulta para regular a entrada e o uso das terras indígenas contra o governo e invasores privados. O protocolo tem objetivo de consultar as mulheres, as crianças, os pajés, as/os agentes de saúde baseado na Constituição de 1988. Hoje, os jovens estão se formando e voltando para a aldeia. As lideranças acordaram para a luta. As mulheres se reúnem em encontros de mulheres."

Indígena da etnia Munduruku – Santarém

“Entre as várias ameaças, estão hidrelétricas, rodovias, concessão florestal, invasão de garimpeiros e madeireiros. O Mapa da Vida, após vários anos de construção, foi finalizado, e estamos levando ao Ministério Público Federal, mostrando os locais sagrados que serão atingidos pelas obras e a sua importância ecológica enquanto berçário, serviços ambientais e outros papéis.

“Na Amazônia, temos problemas socioambientais comuns. Pela alta riqueza da natureza, somos mais massacrados, somos vistos como lucro, e não como pessoas. Não podemos parar de lutar, pois somente assim avançaremos. Se não falarmos, nós perderemos.

“O contato próximo aqui, essa troca, nos fortalece e dá força para seguir. Para falar de agroecologia na região amazônica, necessitamos aprender com nosso solo, primeiro de tudo! Cuidar dele como parceiro, cuidar do nosso patrimônio, nossas sementes. As agricultoras e os agricultores familiares sabem manejar suas sementes crioulas e não deveriam pedir licença para o governo. A saúde popular está sendo enterrada.

Integrante da Rede Terra Sem Males (RO)

“Está em vias de inauguração o percurso turístico de base comunitária Chico Mendes, dentro da Resex. Em dezembro de 2018, ocorrerá a Semana Chico Mendes. Chico vive através de nós, e, portanto, é preciso resistir. Seguimos, pois agroecologia e democracia andam juntas.

“Os produtos da sociobiodiversidade da Amazônia promovem a saúde dos humanos, mas são, ao mesmo tempo, a origem de disputas e conflitos cruéis e históricos no local. A agricultura familiar detém a maior cultura: a “agri-cultura” é a cultura primordial.

Nutricionista da CSA Brasil

TENDA DO ESTUÁRIO AMAZÔNICO

Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS) no Marajó (PA); Rede Bragantina de Economia Solidária Bragança e Escola do Campo para Jovens Agricultoras/es de Comunidades Amazônicas – Escola Ecrama, no Nordeste do Pará; Rede para formação, produção e comercialização agroecológica no Baixo Tocantins (PA/TO); e o Coletivo de Mulheres de Mosqueiro – Amacampo (MST), na Região Metropolitana de Belém (PA).



"É grande a diversidade no Estuário, que envolve vários municípios: temos a maré, a vazante, os igapós, as várzeas, a pororoca. A biodiversidade tem riquezas, como o açaí, o pescado e muitas outras frutas. [...] Aqui, tudo tem a sua hora, e a maré rege nossas vidas. No Estuário, somos ligados por diferenças e similaridades."

Paulo Rocha, do Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS) do Amapá – Bailique/Distrito de Macapá, conta que o Estuário é uma região que circunda o Amapá e o Pará e tem proximidade com a Guiana Francesa. Recebe influência dos rios amazônicos e do Oceano Atlântico.

Paulo, ao abrir os trabalhos do seminário territorial que contou com a apresentação de 4 experiências, relata que o açaí é o ouro negro, é o carro-chefe junto com a pesca. Tiveram a seringa e depois vieram os óleos, como a andiroba e a pracaxi. Ele explica que há dois grandes centros urbanos, Belém e Macapá, que são um importante mercado para os produtos extrativistas das populações do Estuário.

Contudo, o açaí virou *commodity* para exportação e encareceu para as populações locais urbanas, que, aos poucos, perdem sua tradição e seu hábito de consumo que carregam dos seus locais de nascimento. As hidrelétricas têm trazido impactos negativos para o ambiente e as populações. Além disso, as pessoas sofrem as consequências da expansão do agronegócio, pois o Amapá virou mais uma fronteira agrícola, e a pesca também já vem sendo impactada, com a contaminação dos peixes por agrotóxicos.

Em Igarapé Mirim, Comunidade Camiri, as comunidades sofrem muitos impactos. Como exemplo, há a barragem de Tucuruí, que completou 32 anos de existência, com assoreamento do rio, causando escassez do peixe.

As comunidades impactadas "pagam a conta", pois precisam fazer acordos de pesca para viabilizar a atividade. A apresentação fala também do derramamento de resíduos

da mineração, impactando as populações. Ferrovias e portos planejados e já em uso se multiplicam. *"Precisa-se, cada vez mais, de mais organização social para lutar contra esses grandes projetos e seus impactos. É importante visitar as tendas dos territórios para ver as fotos e depoimentos, para conhecer melhor os impactos"*, dizem os representantes do Amapá.

ANÚNCIOS: no Bailique, a organização social anda junto com a proteção do ambiente. O Protocolo Comunitário do Bailique, com vários anos de discussão e preparação, hoje já dá frutos, como a Cooperativa dos Produtores de Açaí, a primeira com certificação Forestry Stewardship Council (FSC) no país. Outro eixo importante em execução, na comunidade Arraiol, é o curso que forma jovens técnicas e técnicos em alimentos e que já está na segunda turma. As turmas pretendem construir uma farmácia viva, com plantas medicinais, mas já existe o viveiro, que, mesmo pequeno, produz 20 mil mudas. Contam ainda que, por meio do *Projeto Semear*, realizam a capacitação de produtoras/es e coletoras/es de sementes, produzindo mudas de qualidade. O diálogo e os intercâmbios também são marcas desse trabalho.

A experiência abre os trabalhos da tenda, que contou com 4 iniciativas ligadas ao ambiente do Estuário Amazônico, sendo elas: 1) o agroextrativismo e a atuação do Conselho Nacional das Populações Extrativistas no Marajó (PA); 2) a Rede Bragantina de Economia Solidária Bragança (PA) e a Escola de Formação para Jovens Agricultores de Comunidades Rurais Amazônica – a Escola Ecrama, no Nordeste do Pará; 3) a Rede para formação, produção e comercialização agroecológica no Baixo Tocantins (PA/TO); 4) e o Coletivo de Mulheres de Mosqueiro – Amacampo (MST), na Região Metropolitana de Belém (PA).

COLETIVO DE MULHERES DE MOSQUEIRO – AMACAMPO (MST), REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM (PA)

A organização de mulheres apresenta suas práticas ligadas à luta pela soberania alimentar e a conexão estabelecida pelo grupo com a população a partir da comercialização em feiras, na Região Metropolitana de Belém. Teófila conta sobre as feiras, no âmbito local, estadual e nacional, e questiona afirmações de que as áreas de Mosqueiro não têm vocação agrícola, pois, segundo ela, *"as práticas do grupo estão provando que têm"*.

DIÁLOGOS ENTRE CIDADE E CAMPO: *"É importante o diálogo com as cidades, para esclarecer sobre a criminalização do movimento e promover o aspecto político da alimentação saudável. Nas feiras, são feitos debates com a universidade e realizadas vivências no assentamento. Mais da metade das feirantes são mulheres. É a resposta*

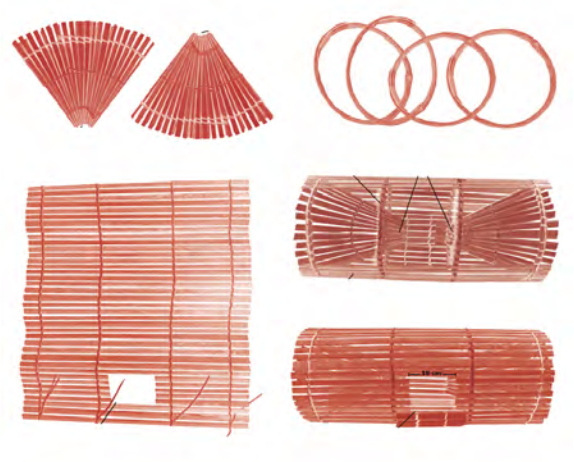
ao povo da cidade após anos de acampamento, com a produção organizada pela via coletiva". Ela conta que, nesse contexto, são realizadas oficinas para preparar cardápios e que o grupo pratica preço justo e promove o reconhecimento da comida do Pará, onde a cultura é valorizada junto com a promoção da alimentação saudável.

REDE PARA FORMAÇÃO, PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO AGROECOLÓGICA NO BAIXO TOCANTINS (PA/TO)

A representante da Associação Paraense de Apoio às Comunidades Carentes (Apacc), Rede Jirau, em Cametá, na região do Baixo Tocantins (PA), e o representante da Casa Familiar Rural de Abaetetuba (PA) falaram sobre a rede no Baixo Tocantins.

A companheira fala do foco nas cadeias produtivas da sociobiodiversidade. Diz que a combinação de economia solidária, educação do campo e autogestão, com base nos saberes populares, é o princípio para as ações prioritárias do grupo. Trabalham em uma agenda de ações contínuas para a região, que envolvem redes de inovação, com base em formação, com participação de universidades, organizações do governo, ONGs e cooperação internacional. Há feiras em diversos municípios da região do Baixo Tocantins.

O representante da rede fala que a Rede Jirau trabalha para fortalecer a produção agroecológica, ajudando a resgatar a agricultura familiar. A abordagem da educação é direcionada a conciliar o trabalho e o estudo. O trabalho inclui atuação nos territórios de ilhas e áreas alagadas, onde se produz mais pescado e camarão. Ele conta, com sorriso no rosto, que "retomaram o uso do matapi tradicional".



O matapi é uma armadilha artesanal utilizada para capturar camarões. Ela é confeccionada a partir de uma palmeira, chamada *jupati*, sendo uma ferramenta da pesca artesanal amazônica.

A Rede Jirau promove o fortalecimento mútuo das pessoas que produzem e das/os consumidoras/es. Assim, ajuda a despertar o povo para comprar o que se produz na região, sem veneno. Há um grupo de mulheres que produz sucos, com o aproveitamento de cascas e sobras de vegetais.

REDE BRAGANTINA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA BRAGANÇA E A ESCOLA DO CAMPO PARA JOVENS AGRICULTORAS/ES DE COMUNIDADES AMAZÔNICAS – ESCOLA ECRAMA, NO NORDESTE DO PARÁ

Um companheiro de Cachoeira do Piriá (PA), Dilmara Silva Araújo e outro representante da Comunidade Extrativista Pirocaba, Abaetetuba (PA), egresso e estudante da Escola Ecrama, apresentam a experiência.

A Rede Bragantina de Economia Solidária Bragança e a Escola Ecrama atuam nos municípios do nordeste do Pará. Surgida em 2001, em Santa Luzia do Pará, a Escola Ecrama promove conceitos de agroecologia e sustentabilidade para jovens e comunidades das cidades de Bragança, Cachoeira do Piriá, Viseu, Santa Luzia do Pará, Capitão Poço, Ourém, Paragominas e Castanhal, localizadas no nordeste do estado, e outros. Após a criação da Cooperativa Mista dos Agricultores entre os rios Caeté e Gurupi (Coomar), se acentuou a necessidade das/os pequenas/os agricultoras/es darem estudo às suas filhas e filhos para assegurar a continuidade das atividades na área de produção, com visão agroecológica. Assim, as/os jovens estão retomando o interesse pela atividade agrícola, cultivando várias culturas. Foi implementado um programa de Formação de Jovens, com a pedagogia da alternância, que alia teoria e prática.

Uma das missões da Ecrama é promover guardiãs/ões da agrobiodiversidade para evitar a perda de sementes e outros bens naturais. Além disso, mantêm intercâmbios com universidades, Embrapa/Núcleo Puxirum Agroecológico e outras atividades.

AGROEXTRATIVISMO E A ATUAÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DAS POPULAÇÕES EXTRATIVISTAS (CNS), NO MARAJÓ (PA)

O representante da CNS em Gurupá, território do Marajó, no estado do Pará, conta das experiências na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Itatupã Baquiá, onde o foco é o extrativismo e diversas famílias *"contrapõem vivência e resistência com experiência, ressaltando as dinâmicas plurais da Amazônia"*.

Ele diz que, no início dos anos 1980, ocorreu mobilização da Igreja Católica, organizações de base, aliados aos saberes das pessoas mais velhas, para o uso sustentável da floresta e das águas. Daí nasceram os planos de uso, hoje protocolos comunitários, organizados como base da produção. **Ele aponta o respeito à cultura local e as resistências como bases para a conquista dos territórios.**

Entre 2000 e 2005, alcançou-se uma relativa garantia de territórios: Unidade de Conservação de Uso Direto, PAEs (decretos), além da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), uma UC de Uso Direto que conjuga conservação e produção. O companheiro diz que se ampliaram as parcerias das comunidades com o CNS, ONGs e outras organizações nacionais: *"Jovens, mulheres e homens praticam resistência que valoriza o ecossistema e a produção primária"*.

DESAFIOS: dentre os maiores desafios, se destaca a ausência do Estado para construir e implementar políticas públicas, como o PAA e o Pnae, com base nas particularidades locais. Outro desafio é melhorar os mecanismos de comercialização da produção agroextrativista. E ainda há desafios ideológicos para o enfrentamento dos projetos do capital, como Belo Monte e outros.

As vozes que se somam às lutas do Estuário Amazônico: depoimentos

> *"Temos fundos rotativos e solidários relacionados à caprinocultura, à piscicultura, à construção de biodigestores, a fogões ecológicos. Estamos no Cariri oriental, e tem os produtores experimentadores que produzem ração com os produtos nativos da Caatinga. Lá também implantaram energia eólica, mas está causando impactos nas comunidades.*
>
> Agricultor da Paraíba

“*Sofremos ameaças, criamos uma associação quilombola e ainda enfrentamos dificuldades. Vivemos dos produtos nativos, da floresta, como castanha-do-pará, pracaxi, açaí, uxi. Mas, se a ferrovia passar dentro de nossa terra, o que vai acontecer com nossos produtos? Vamos viver de quê? Quem está pensando em indenização não tem futuro. O futuro é o plantio.*

Agricultor quilombola do Pará

“*Temos cinco assentamentos extrativistas, trabalhamos com sementes de produtos nativos e pesca, temos a cooperativa que comercializa via PAA e Pnae. Estamos sofrendo impactos pela atividade da empresa que poluiu nosso município. É interessante envolver os movimentos urbanos na luta pelo meio ambiente. Também é importante divulgar mais a agroecologia.*

Representante do Movimento de Barcarena Livre

“*No Pará, a* Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida *está sendo fortalecida. São muitos problemas para enfrentar o monocultivo de dendê. O avanço das ferrovias também ameaça as comunidades. As ferrovias vêm para transportar minérios, e não para transportar os produtos da agricultura familiar. Temos dificuldade, mas estamos todos reunidos. Temos que pensar no nosso encontro regional de agroecologia na Amazônia, previsto para o período de 5 a 9 de novembro de 2018. Não queremos que seja mais um encontro, mas, sim, que resulte no fortalecimento da agricultura familiar e na defesa dos territórios.*

“*A Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Município de Santarém (AMTR) trabalha com quintais produtivos, no Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) Gleba Lago Grande. As pessoas sofrem muito com as ameaças da mineradora Alcoa. Quando o linhão está chegando, quem sofre mais são as mulheres e crianças.*

“Fundador de uma articulação quilombola, vi minha comunidade sofrendo desde 1980. Muita luta pela terra, e uma parte dela foi perdida. Agora, estamos ameaçados pela ferrovia da liberdade. Estou ameaçado de morte, mas estamos lutando contra a mineração e a construção de portos. Recebemos ajuda para fazer o nosso protocolo de consulta, e minha filha está ameaçada de morte. Mas as mulheres têm coragem. O governo e as grandes indústrias não olham para os pequenos. Colocamos comida na mesa deles, e eles não nos defendem. O poder judiciário deve ser pressionado porque beneficia só os grandes empresários, como o que assassinou a Irmã Dorothy.

Agricultor quilombola do Pará

“Precisa-se compreender melhor os usos e os impactos causados pelos agrotóxicos no Pará, tanto pelo agronegócio como pela agricultura. O comitê está organizando suas atividades e precisará de uma interlocução mais forte com os movimentos sociais para entender a situação e definir estratégias de trabalho em comum, com informações locais densas e relevantes.

Representante do Comitê Paraense da *Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida*, Belém, PA

“Há diversidade de pescados no Amapá, e aqui também fazemos o enfrentamento à construção de barragens na região.

Pescador de Macapá (AP)

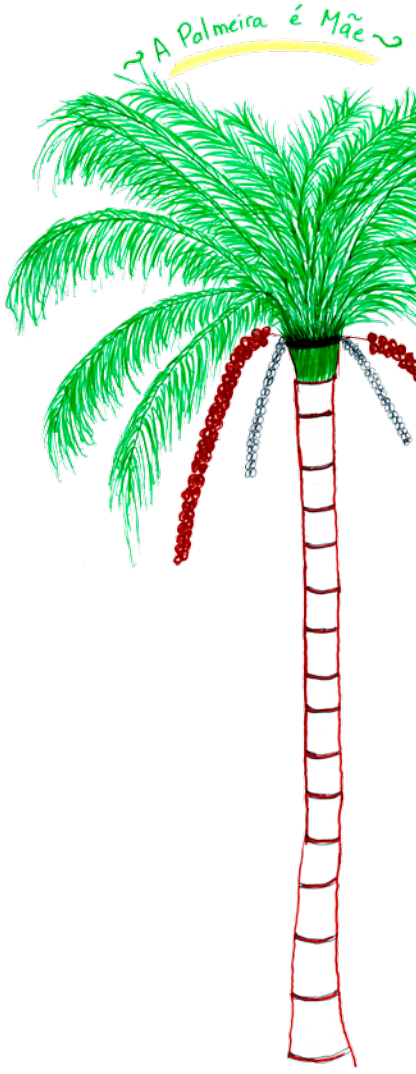
“Há invisibilidade das reais necessidades do campo dentro da academia, como, por exemplo, na Universidade Estadual do Pará (Uepa). O uso de agrotóxicos na agricultura familiar é um problema que precisa ser enfrentado. O poder público usa capina química, envenenando as pessoas e tirando emprego de garis. Reforma agrária tem que ter soberania alimentar e qualidade de vida. As mulheres têm papel fundamental na defesa da vida e da água. A Hydro é uma empresa da Noruega que impacta muito as comunidades e, ao mesmo tempo, põe dinheiro no Fundo Amazônia. Precisa-se fazer este debate no Comitê do Fundo Amazônia.

“Na comunidade, já passaram três linhões. Na época, o avô não tinha força para brigar com eles, recebia um dinheirinho e era enganado, com o argumento de que a obra, a ferrovia, era para o bem popular. Para os locais, não sobrava nada, ninguém respeita os amazônidas. Vivemos na floresta com dignidade. Estes caras vão buscar o que é nosso, com ameaças e sem respeito. A Ferrovia Norte-Sul e o linhão vão nos expulsar. O IBGE determina que ora estão em Moju, ora em Abaetetuba, isso é uma grande ameaça ao povo. Vamos nos organizar e ficar em Abaetetuba, para definirmos melhor as nossas necessidades. Do jeito que está é uma guerra. Nossa identidade não pode ficar na mão deles. A praia, local de banho e turismo, está interditada pela poluição causada pela Hydro Norsk. Estão jogando uns contra os outros na comunidade e no município.

TENDA DO TERRITÓRIO DO BICO DO PAPAGAIO

Rede Bico do Papagaio (TO), Experiência das Quebradeiras de Coco-Babaçu (TO, PA, PI e MA) e Terra Indígena Krahô (TO).

“O Bico do Papagaio é uma região de transição entre o bioma Cerrado e a Amazônia e é onde os rios Tocantins e Araguaia se encontram.”



“Uma mãe de muitos seios, cada cacho um seio [...] deixa viver, deixa viver [...] tem um leite precioso que alimenta tanto o povo.” Com o canto das quebradeiras de coco-babaçu e protegidas pelo canto do povo Krahô, três experiências do Tocantins foram apresentadas na tenda.

João Palmeira apresentou a região do Bico do Papagaio relatando fatos históricos, conflitos existentes e as principais características da Rede Bico até que as vozes das quebradeiras chegaram para contar sobre a experiência das quebradeiras de coco-babaçu e da construção do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB). Representando a força dos povos indígenas, Wagner Katami apresentou a situação dos povos na região do Bico. Infelizmente, devido a questões relacionadas à greve das/os caminhoneiras/os, não foi possível que mais participantes da experiência de Sementes Krahô estivessem presentes.



O Bico do Papagaio é uma região de transição dos biomas Cerrado e Amazônia e é onde os rios Tocantins e Araguaia se encontram. No Bico, estão presentes diversas comunidades tradicionais indígenas, quilombolas e assentadas da reforma agrária. Destaca-se, na região, a grande noção de pertencimento que as comunidades locais possuem em relação ao Bico, e o babaçu ajuda a firmar essa identidade.

A região carrega histórias de grandes conflitos com grileiros, sendo mais intenso no período da ditadura e após a criação da Transamazônica. A partir de 1983, os conflitos se intensificaram, e, em maio de 1986, Padre Josimo, um padre negro que fez a luta em defesa dos trabalhadores, foi assassinado. Após essa década, se intensifica ainda mais a luta pela reforma agrária. Com isso, representantes de instituições e movimentos sociais participam da ECO-92, e começam a surgir diversas organizações no Bico do Papagaio atuando sobre as questões extrativistas e da agricultura comunitária.

Atualmente, os desafios ainda continuam os mesmos, como o enfrentamento às grandes propostas de desenvolvimento e o avanço da fronteira agrícola. No entanto, as forças atuam no que os povos chamam de *teia invisível*, que reúne tantas organizações e movimentos.

A região possui grande potencial referente ao agroextrativismo do babaçu, e o movimento das quebradeiras de coco e os diversos assentamentos na região avançam nesse sentido. Porém, ainda é necessário avançar no diálogo com a cidade e refletir como se aproximar de outras lutas populares.

Neste seminário territorial, três experiências foram apresentadas: a da Rede Bico do Papagaio (TO), a das quebradeiras de coco-babaçu (TO, PA, PI e MA) e a da Terra Indígena Krahô (TO). Ao final do seminário, Francisca demonstrou como se quebra o coco, enquanto outros encantamentos ocupavam a tenda, pelas vozes e letras de resistência das quebradeiras, e semeavam força e esperança pelos ventos do Parque Municipal e de todo o Brasil.

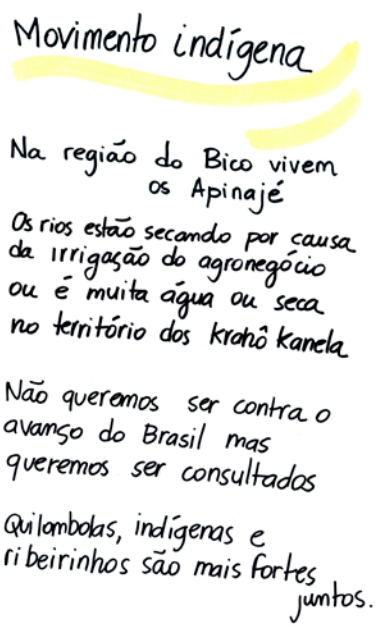
SEM FEMINISMO, NÃO HÁ AGROECOLOGIA!
FORA, TEMER!
LULA LIVRE!
BABAÇU LIVRE!
TERRITÓRIO LIVRE QUANDO? JÁ!
AGROECOLOGIA QUANDO? JÁ!

REDE BICO AGROECOLÓGICO (TO)

A Rede Bico Agroecológico surgiu em 2015 como desdobramento de décadas de articulação de movimentos sociais na região. O Bico do Papagaio foi palco de vários conflitos com luta armada, inclusive durante a guerrilha do Araguaia, e a construção da fraternidade e solidariedade entre os grupos de resistência foi se formando nesse processo.

Para fortalecer a organização das lutas por direitos, Padre Josimo incentivou a criação das associações. Na década de 1990, começaram a ser reconhecidas as práticas de agroecologia que já se faziam presentes na região, através de mutirões e trocas. As muitas experiências no estado fizeram surgir recentemente a Articulação Tocantinense de Agroecologia (ATA). Em seguida, em 2015, sentiu-se a necessidade de reunir as várias organi-





zações e povos que lutam pela agroecologia no Bico, com a criação de uma identidade própria e um plano de ação específico, e assim surgiu a Rede Bico Agroecológico.

A proposta de desenvolvimento que vem sendo encabeçada, com construção de barragens, plantação de soja, eucaliptos, vem gerando grandes impactos nas dinâmicas das quebradeiras e dos assentamentos no Bico. Por outro lado, têm-se realizado diálogos com nutricionistas, com o objetivo de refletir sobre como trazer os alimentos produzidos na região para os mercados; e tem-se buscado aprender e construir iniciativas de apoio à agricultura sustentável, como as Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSAs).

COMUNICAÇÃO: *"É importante trazer a juventude para outros espaços, buscando envolvê-la não só no extrativismo, mas também na comunicação das comunidades"* (João Palmeira). Nesse âmbito, surgiu a mídia de comunicação feita por jovens, que divulgam nas comunidades as experiências agroecológicas do território, um exemplo de construção de comunicação solidária. Além disso, foi criada a Escola Família Agrícola Padre Josimo, que tem como objetivo trabalhar a agroecologia e dialogar com a identidade do local.

QUEBRADEIRAS DE COCO-BABAÇU (TO, PA, PI E MA)

> *"Ô mulher, te chamo porque essa luta é sua, sai do gabinete e vamos cair na luta. Ô mulher, te chamo porque essa luta é sua. Deixa essa cozinha e vamos cair na luta."*
>
> Canto das Quebradeiras

O Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) é uma organização formada pelas quebradeiras de coco de 4 estados do Brasil que buscam enfrentar o conflito por território e pelo babaçu livre. Além disso, o movimento tem como pauta transversal o combate ao machismo.

O MIQCB, criado entre 1989 e 1990, surgiu como um movimento com a intenção de organizar as quebradeiras de coco em uma época em que não existia nenhum tipo de política voltada para as/os trabalhadoras/es. O babaçu era uma moeda de troca para comprar os produtos de subsistência, e as quebradeiras perceberam que não bastava lutar apenas pela terra, pois não a estavam perdendo somente, estavam perdendo também o babaçu, que ia além das propriedades.

Nesse período, muitas mulheres sofreram as mesmas violências com a extração das sementes, e muitas tinham vergonha e medo de lutar. A criação da primeira associação de mulheres se deu no intuito de fortalecer um lugar de fala para as quebradeiras, e, com o tempo, viu-se a necessidade de ampliar o grupo. Assim, surgiu o movimento interestadual. Durante os anos, o grupo percebeu que não dava para discutir apenas a venda da amêndoa e passou a lutar por beneficiar o babaçu como forma de agregar valor. **Três mulheres contam, por meio de suas histórias, a atuação do Movimento**:

"Tocantins está apresentando um novo projeto contra a lei do babaçu livre. Essa foi e sempre será nossa luta: o babaçu livre. Nós lutamos não só no Tocantins, mas em vários estados, para fortalecer os jovens, a comunicação, o artesanato, a torta do babaçu e vários produtos. Trabalhar com a juventude precisa de muito carinho, pois estudam, trabalham. E a conquista da juventude é muito desafiadora, pois eles olham os desafios dos pais. Nossa luta enquanto quebradeira sempre foi grande. Sofremos diversos preconceitos no Brasil, porém, hoje, estamos ocupando diversos espaço de luta. Vamos continuar lutando pela vida da palmeira, porque ela é a principal vegetação responsável por fazer o sequestro da poluição e por ajudar a conservar a terra e a água. Para fazermos essa recuperação, para preservarmos esses dois biomas, precisamos de apoio." Quebradeira de coco-babaçu



"Tenho tripla identidade — ser mulher, negra, de lutas e enfrentamentos, e quebradeira. Nossa luta é por terra e território", diz Dijé, para quem o Brasil ainda tem muitos povos que ainda estão se descobrindo. Ela afirma também que *"Nós, unidos, precisamos nos reconhecer, nos relacionar. Este país é nosso, é o país dos indígenas, é dos negros. Nosso país está sendo entregue ao capital estrangeiro, que chega em nosso território e vai nos expulsando, fazendo grandes pesquisas em busca de gás e petróleo, em função dos grandes projetos. Nós, além de fazermos parte das grandes representações, fazemos parte das nossas associações de base. Além disso, vários povos estão sendo descobertos, e o Brasil se omite. É necessário reconhecer os diversos povos, geraizeiros, quilombolas, indígenas"*, finaliza a quebradeira de coco-babaçu.

"Eu nunca fui ladrona de nada, mas, do babaçu, eu achei que era. Na época, achava que estava roubando; hoje, vejo que era meu", diz a quebradeira de coco-babaçu que também é agricultora e alerta que há muito desafio em torno do babaçu, pois ele está *"sendo devastado, envenenado e perfurado, mas ele é teimoso. Estamos na área mais cobiçada do mundo, grandes empresas têm feito relações para comprar as terras, mas o Brasil é nosso! Houve derrotas, mas depois de muita luta também tivemos muitas conquistas. Vemos o tanto de utilidade que tem o babaçu, hoje os produtos que antes eram vistos como 'coisa de pobre' estão sendo valorizados. As empresas também veem o valor do babaçu, eles estão caladinhos, por isso que não podemos parar. Precisamos deixar para a juventude, para eles lutarem"*, explica ela.

CD AS ENCANTADEIRAS: QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU QUE CANTAM E ENCANTAM

"Ei, não derrube essas palmeiras. Ei, não devore os palmeirais. Tu já sabes que não podes derrubar, precisamos preservar as riquezas naturais."

Além de mulheres, trabalhadoras, mães, avós, extrativistas e muito mais, elas ainda são as Encantadeiras. As mulheres do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu gravaram um CD, com seus cantos de trabalho e resistência, chamado As Encantadeiras: quebradeiras de coco babaçu que cantam e encantam.

Elas cantam seus modos de vida, seus valores e seu dia a dia e compartilham — através da música, da arte e da cultura — suas práticas de cuidado com a natureza e seus afazeres, parte da extensa sociobiodiversidade do povo brasileiro.

Aproveite e confira uma das lindas músicas disponíveis no YouTube:
https://youtu.be/bk2YzPO1BIw.

Para saber mais, visite o site da Associação do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (AMIQCB), sua história, lutas e produtos: https://www.miqcb.org/.

SEMENTES KRAHÔ (TO)

O representante dos povos indígenas no Tocantins começa a apresentação dizendo que *"Há 305 povos indígenas que resistem no Brasil, 9 deles estão no Tocantins; e, na região do Bico, há o povo Apinajé"*. Ele conta que os Apinajés estão classificados como Timbiras Ocidentais e caracterizam-se por uma sofisticada organização social composta por vários sistemas e aldeias relativamente populosas. Na segunda metade do século XX, porém, sofreram uma grande perda de população e desestruturação social, quando seu território foi invadido por centenas de famílias de migrantes e suas terras cortadas por estradas, como a Belém-Brasília e a Transamazônica.

Ele reforça que *"A questão indígena se relaciona diretamente com a terra. Através dela, os povos obtêm saúde e educação, por isso é necessário o grito: 'Demarcação Já!'. O agronegócio tem avançado nos territórios indígenas, e, em consequência, rios estão secando, cerca de 30 aldeias já não têm mais água em suas terras. Os povos têm se articulado e trabalhado para a valorização da sua cultura e a demarcação das terras".*

FEIRA DE SEMENTES TRADICIONAIS KRAHÔ: através de uma parceria com a Embrapa, a *Feira de Sementes Tradicionais Krahô* está em sua décima primeira edição (2018). A realização das feiras é precedida por reuniões das lideranças (pahis) de todas as aldeias, que planejam coletivamente a sua programação. A Funai, a Embrapa e o Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) também participam desse processo. As Feiras de Sementes Tradicionais Krahô têm reunido anualmente mais de 2 mil indígenas de diversas etnias e se revelado um ótimo instrumento para a promoção do manejo comunitário da agrobiodiversidade.

Comunidades ainda não estão sendo respeitadas. Foram feitos canais próximos às comunidades, o que interferiu no acesso a água, deixando o povo Krahô sem água por mais de três meses.

Para saber mais: artigo da revista *Agriculturas* (2014): *Sementes tradicionais Krahô: história, estrela, dinâmicas e conservação.*

ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/120867/1/Artigo-1.pdf

As vozes que se somam às lutas do Bico do Papagaio: depoimentos

"Nossa região está tendo grande represália; no inverno, temos muita água e, no verão, não temos nada. Não está havendo consulta aos povos e às comunidades existentes sobre os grandes empreendimentos. O Instituto de Natureza do Tocantins (Naturatins) está tomando as decisões que apoiam o agronegócio, e a Agência de Defesa Agropecuária (Adapec) está dando autorização de uso de agrotóxico em nossa região. ***Queremos ser consultados!*** *Vamos continuar lutando e temos que juntar a luta indígena e quilombola. Nosso movimento, junto com o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), busca organizar os povos; além disso, conseguimos 3 projetos com com DGM [Dedicated Grant Mechanism for Indigenous Peoples and Local Communities] de proteção do nosso território. São projetos que vêm para contribuir com a comunidade.*

Liderança indígena

"Sou do Maranhão, e, no nosso território, a luta é semelhante, com o enfrentamento ao agronegócio, a criação de organizações e a luta pelo fortalecimento da agroecologia. A Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras do Estado do Maranhão (Fetaema) está trabalhando no mesmo sentido.

Agricultor do Maranhão

"No Piauí, as quebradeiras do babaçu também estão presentes, e o babalate (achocolatado de babaçu) está presente na merenda escolar lá. No Matopiba há vários focos de violência, e esse é um desafio da Associação Piauiense dos atingidos pelo Matopiba. Somos vítimas desses grandes projetos, e há, inclusive, mineração na região do parque. Além disso, no Piauí, é desafiador trabalhar a agroecologia na educação e trazer mais profissionais do movimento agroecológico para a formação da juventude.

Agricultor do Piauí

“Não faço parte da região do Bico, mas me sinto parte, pois também sou impactado pela Ferrovia Norte-Sul e estou inserido na mesma luta. No Piauí, o Padre Josimo ainda é vivo através de um memorial e inspira muitas lutas. Tem casa familiar rural e assentamentos que o homenageiam. Padre Josimo e Dorothy viraram sementes e estão se tornando uma grande árvore. Foi criada a Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam), que está presente nos 9 países da Amazônia e é imbuída em fazer trabalhos junto dos povos que têm sido atingidos. Umas das ações é a busca por alternativas econômicas ao desenvolvimento, não através de grandes projetos, mas junto do povo. A agroecologia foi escolhida como a primeira frente de trabalho.

Representante da Repam



> *É importante lembrar que há apoios nacionais e internacionais que fazem com que a agroecologia aconteça na região e que as ações junto com a juventude sejam realizadas, como o apoio do* Programa Ecoforte.

Representante do Grupo de Trabalho das Juventudes

> *A água jogada pelos grandes projetos é uma água poluída cheia de agrotóxico, que mata os peixes e deixa o rio sem vida. Com as barragens, os rios estão morrendo. Hoje, não existe navegação porque o rio morreu em função das barragens.*

Representante do Tocantins

> *No Purus, temos hidrelétrica, desmatamento intenso e mineração. Existem iniciativas sendo construídas, e esperamos, daqui a 4 anos, no próximo ENA, poder compartilhá-las. Para lidar com conflitos entre indígenas e extrativistas por territórios sobrepostos, nos perguntamos: "Como fazer diálogos?" Em Purus, começaram a discutir como conversar. Iniciaram um projeto de gestão integrada: indígenas, extrativistas, ICMBIO e Funai, e houve discussões intensas. Há a necessidade de o pequeno acreditar no outro pequeno. O pequeno só será grande quando unificarmos as lutas e fizermos com que as políticas públicas aterrissem nos territórios em que precisam chegar. Como a gente vai conseguir avançar se a gente não consegue se unir?*

Agricultor de Apurinã (AM)

> *Há convergência das diversas lutas, elas se articulam, ainda que estejam distantes. É importante trazer a temática da luta e da defesa das terras e dos territórios juntamente com a agroecologia. A comunicação é fundamental, precisamos mostrar que somos capazes de nos comunicar. E também fazer coro com a pauta trazida pelas quebradeiras: Sem Feminismo, Não Há Agroecologia.*

Representante da ASA (BA)

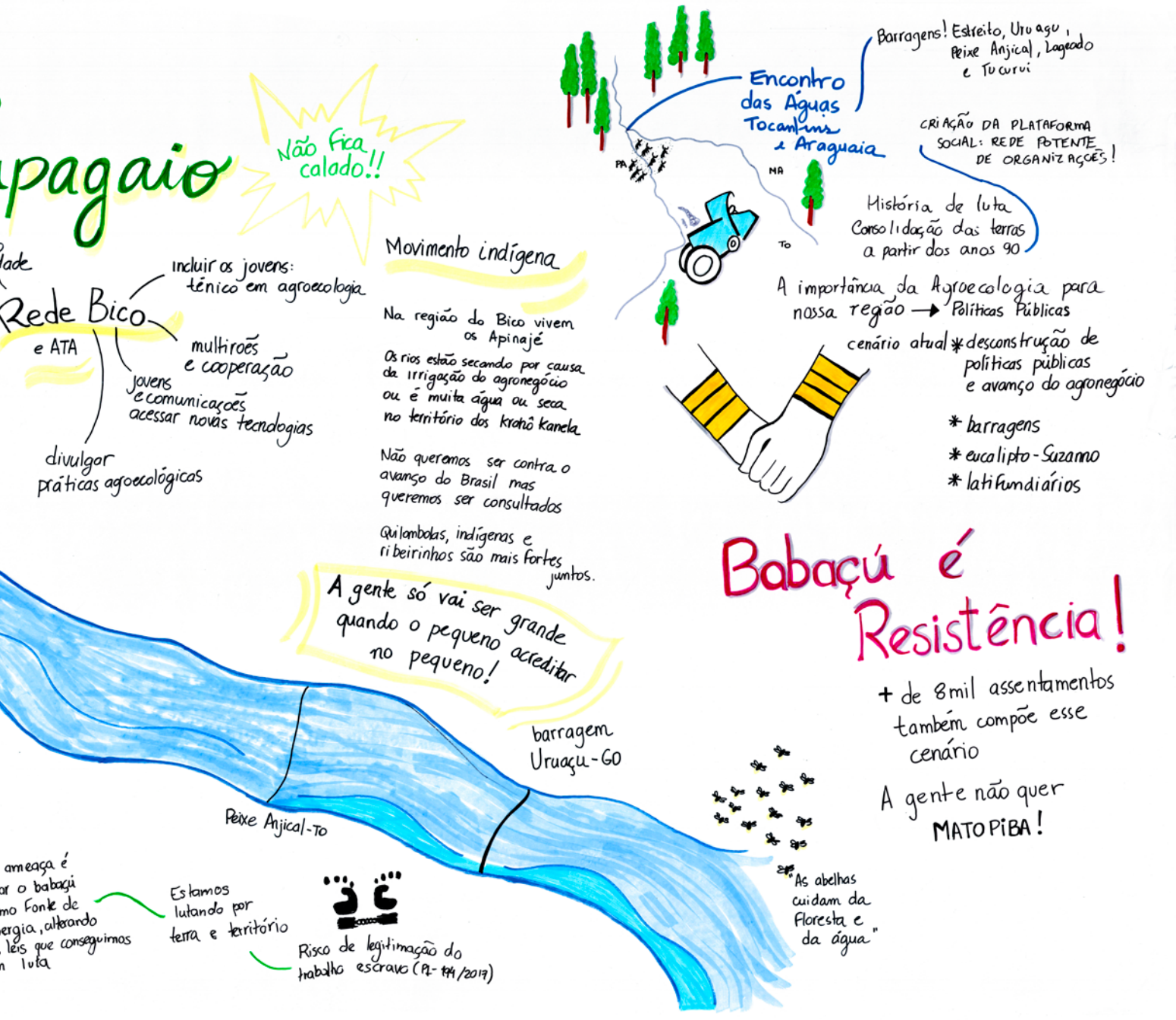

IV ENA ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA
AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADE
AMAZÔNIA
Periurbanos (Manaus)
- defensivos NATURAIS
COMPOSTAS
SPG
-NOVAS POLÍTICAS PUBLICAS = FEIRAS
(APOAM)
REMA
Rede Maniva de Agroecologia
→falta atendimento técnico!
UNIVERSIDADE
CONSELHO CONTRA AGROTÓXICO
SOLUÇÃO P/
Seringueiros (santarém)
→AGROEXTRATIVISTA
+ de 140 comunidades
PRESSÃO:
-AGRO "POP"
-MADEIREIROS
-MINERADORES (VALE ...)
PORTO
SOLUÇÃO:
-ARTICULAÇÃO REGIONAL = FORUM
-PROTOCOLOS
LEI
-CONSULTA
PESCADORES
QUILOMBOS
INDÍGENA
NÃO ABRA MÃO DE SUA TERRA!
FORTALECER NOSSAS ORGANIZAÇ


OCIDENTAL
RESISTIR
[MPA]
REFLORESTAS
gentes agroflorestais
*Indigenas
→ MISSÃO: PROTEGER A FLORESTA
↳ DEMARCAÇÃO JÁ!
PRESSÃO: LATIFUNDIO
[NÓS POR NÓS]
182 AGENTES (em formação)
em
31 TERRITORIOS INDIGENAS
AGENTES INDIGENAS
↳ PROFISSIONAIS P/ ATENDER A COMUNA
- ESCOLA * INDIGENA
- AGENTE AGROFLORESTAL
*Homeopatas
- tratamento do solo (Rondônia)
Pessoas saudaveis
ambiente saudavel
*Indigenas
- POVOS ARARA
[UMA ANDORINHA SÓ NÃO FAZ VERÃO.]
*RECA
REFLORESTAMENTO ECONOMICO CONSORCIADO ADENSADO
- PROD. ORGÂNICO
- 24 FAMÍLIAS CERT. PELA APP
*Ribeirinhos
.camponeses
-mulheres ♀
MAB
- busca politicas públicas
- atividades ⇒ demonstrar alteratiVa
FEIRAS
≠ contra AGRO "POP"
LOCAIS
REGIONAIS
se não cuidar...
* MERENDA REGIONALIZADA
acaba.
FÕES!"


IV ENA : ESTUÁRIO AMA
"O AÇAÍ É NOSSO OURO NEGRO!"
"TUDO TEM SUA HORA, A MARÉ REGE NOSSAS VIDAS!"
AMAPÁ
ILHA DE MARAJÓ
PARÁ
"A CULTURA É VALORIZADA JUNTO COM A PROMOÇÃO DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL"
AÇAÍ
CAMUCAMU
TUCUPI
TACACÁ
JAMBU
CARURU
PIMENTA
BACU
MANICOBA
SOCIO BIO DIVERSIDADE
EDUCAÇÃO NO CAMPO
SABERES POPULARES
"despertar o povo para comprar o que se produz na região, sem veneno!"


ZÔNICO
AP
ILHA DE MARAJÓ
PA
01 de Junho 2018
Pq. municipal-BH
RESISTIR E LUTAR SEMPRE!
GUARDIÕES DAS SEMENTES
"semeando agroecologia de pai para filho"
AGRO EXTRATIVISMO
BIODIVERSIDADE
"... Mas nesta região não se fala de experiências, se fala de "Vivências e Resistência" pelo extrativismo..."
(trecho do texto para carta política"


Amazônia - Bico do Pa
barragem Tucuruí PA
barragem Estreito MA
barragem Lageado TO
aproximação campo e cid
diálogo com CSA
A Palmeira é Mãe
Quebradeiras de Côco Babaçú
O Babaçu cura tudo até o gado!
~Substitui o trigo e não tem glúten~
CAPACITAÇÃO DOS JOVENS DO CAMPO E DA CIDADE
SOU MULHER SOU NEGRA MÃE E AVÓ E Hoje não tenho vergonha de dizer: Eu Sou QUEBRADEIRA!
Mulher eu te chamo pois a luta é tua! Sai da cozinha e vamos para luta !!!
MIQCB criou a cooperativa CIMQCB para comercializar os produtos do Babaçu
OS CANTOS SÃO UMA ESPÉCIE DE ORAÇÃO!
o côco babaçú era nossa moeda de troca mas precisamos disputar espaço
O côco ficou preso dentro das fazendas mas a gente entrava e pegava!
Conquista das leis do babaçú livre a nível de estado e alguns municípios
O NEGRA é uma ameaça as quebradeiras assentadas e não assentadas titulando terras para o agronegócio comprar
LEI DO BABAÇU


pagaio
Não fica calado!!
lade
Rede Bico
e ATA
incluir os jovens: técnico em agroecologia
multirões e cooperação
jovens e comunicações acessar novas tecnologias
divulgar práticas agroecológicas
Movimento indígena
Na região do Bico vivem os Apinajé
Os rios estão secando por causa da irrigação do agronegócio ou é muita água ou seca no território dos Krahô Kanela
Não queremos ser contra o avanço do Brasil mas queremos ser consultados
Quilombolas, indígenas e ribeirinhos são mais fortes juntos.
A gente só vai ser grande quando o pequeno acreditar no pequeno!
Encontro das Águas Tocantins e Araguaia
PA
NA
TO
Barragens! Estreito, Uruaçu, Peixe Anjical, Lageado e Tucuruí
CRIAÇÃO DA PLATAFORMA SOCIAL: REDE POTENTE DE ORGANIZAÇÕES!
História de luta
Consolidação das terras a partir dos anos 90
A importância da Agroecologia para nossa região → Políticas Públicas
cenário atual * desconstrução de políticas públicas e avanço do agronegócio
* barragens
* eucalipto - Suzano
* latifundiários
Babaçú é Resistência!
+ de 8mil assentamentos também compõe esse cenário
A gente não quer MATOPIBA!
barragem Uruaçu - GO
Peixe Anjical - TO
ameaça é
ar o babaçú
mo fonte de
ergia, alterando
leis que conseguimos
n luta
Estamos lutando por terra e território
Risco de legitimação do trabalho escravo (PL - 4X4/2019)
"As abelhas cuidam da Floresta e da água"


SERTÃO DO ARARIPE
EXU
MOREILÂNDIA
ARARIPINA
OUROLÂNDIA
GRANITO
TRINDADE
STA CRUZ
STA FILOMENA
NÚCLEO DE AGROECOLOGIA DO SEMIÁRIDO
SEMEAR A AGROECOLOGIA PARA UMA VIDA DIGNA NO SEMIÁRIDO
Mulheres da Caatinga
IMPACTOS DO GESSO E OUTRAS GRANDES
- Mais de 400 casos
violência contra a mul
denunciado na lei Mari
da Penha por ano.

CAATINGA

"Cada experiência nossa é uma trincheira de luta. As lutas não são isoladas, são por territórios, é a partir disso que conseguimos dialogar com os programas públicos, com o Estado brasileiro. Nascem de inspirações que vieram das redes locais que souberam captar essas experiências e transformar em políticas públicas e programas. Não podemos perder isso de vista. Não podemos esquecer do que já construímos."

Luciano Silveira (AS-PTA)

É no sertão que aprendemos, com esse povo que pulsa arte e resistência, a nos organizar em torno de várias formas de existir e de expressar a diversidade. Força política, inovações, a potência de cada comunidade. Essas foram apenas algumas das palavras que ganharam relevo nas terras desses seis territórios de chapadas, agrestes, cariris e sertões.

Nos meandros que confundem luta e vida, as organizações que atuam no território tecem redes de colaboração que são nascentes, inspirações para as redes de agroecologia em todo o Brasil e no mundo. Três seminários territoriais coloriram o Parque Municipal em Belo Horizonte com as sementes, as flores e os frutos da luta pela terra na Caatinga.

Ao final de cada relato, são apresentados *Frutos e lutas conquistadas* e *Denúncias e desafios que persistem na caminhada* em cada território, retratando anúncios e estratégias das comunidades e alguns dos vários impactos negativos enfrentados por elas para garantirem seu direito à terra, à água e à vida.

Em 2 seminários, também contamos com belíssimos registros das vozes que se somaram às apresentações das experiências, ampliando, a partir dos depoimentos, a riqueza de histórias e de elementos que fazem parte da narrativa e da prática do povo do Semiárido brasileiro. Contribuições de diferentes agricultoras/es, assessoras/es técnicas/os, representantes dos movimentos e dos sindicatos que falaram sobre os ambientes das *Instalações Artístico-Pedagógicas*, sobre sentimentos, sobre angústias e sobre as semelhanças entre as lutas que cortam o país.

TENDA CAATINGA 1

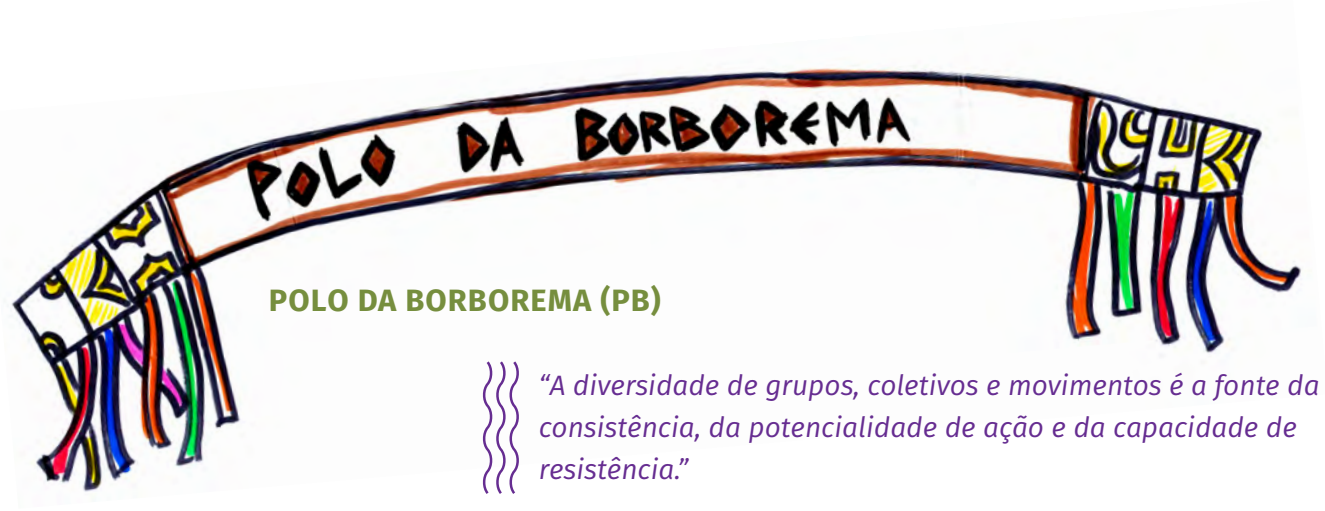
As experiências do Polo da Borborema (PB) e do Sertão do São Francisco (BA) trazem elementos que nos ajudam a identificar um panorama específico na construção da agroecologia. O grande e histórico desafio segue sendo a disputa pelo controle do território, dos bens naturais (solo, água e sementes), além das técnicas de cultivos e modos de comercialização que superem os limites colocados às comunidades.

A disputa por direitos no território é realizada por diversos caminhos, em parcerias envolvendo instituições, universidades públicas, associações, cooperativas, instituições de cooperação internacionais e tendo como apoio algumas políticas públicas federais e estaduais.

Embaladas/os pelo canto da ciranda de roda *"essa ciranda não é minha só"*, de Lia de Itamaracá, o Seminário tem início com a apresentação sobre as conquistas e os desafios enfrentados no Semiárido e sobre o bioma Caatinga, seus períodos de estiagem, sua história de ocupação e invasão pelos latifúndios, quando muitos povos tiveram seu acesso à terra e à água ainda mais restrito.

A desconstrução do paradigma do Semiárido como ambiente de escassez e pobreza persiste e orienta a troca de experiências sobre as trajetórias de luta dos territórios. Inspirados por duas perguntas — *Quais são os nossos principais enfrentamentos atuais?* e *Quais elementos fortalecem a nossa luta?* —, a apresentação das experiências se iniciou.





POLO DA BORBOREMA (PB)

"A diversidade de grupos, coletivos e movimentos é a fonte da consistência, da potencialidade de ação e da capacidade de resistência."

A experiência do Polo foi apresentada por duas mulheres agricultoras, mães, trabalhadoras e filhas desse território que inspira resistência: uma agricultora experimentadora que faz parte do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Solânea (PB) e do Polo Sindical do Território da Borborema e uma camponesa que é assentada da reforma agrária e liderança da coordenação do Polo. Após a ciranda com a música *Momento Novo ("[...] Vem, entra na roda com a gente")*, elas convidam todas/os para olhar a paisagem do Semiárido *(Instalação Artístico-Pedagógica)* e fazer uma viagem por esse território.

"O Polo é uma articulação dos sindicatos, animado pelo movimento sindical e pela construção da agroecologia, que articula 15 municípios e onde a agricultura familiar teve papel fundamental no fortalecimento da renda das famílias e da segurança alimentar. Ali tem mais de 19 mil famílias com terras de até 10 hectares", diz a agricultora sindicalista.

"Nos anos 1960, a região mais úmida [brejo] *foi ocupada pelos engenhos, e a parte mais semiárida foi marcada pela ocupação da pecuária e do sisal. As famílias agricultoras nesse processo do colonialismo viviam na margem, trabalhando nos latifúndios. Nas décadas de 1970 e 1980, inicia-se a organização da agricultura familiar, mas, ao mesmo tempo, existe a seca. Começa-se um conflito no campo, em que os camponeses buscam a luta pelo direito ao acesso à terra"*, diz uma camponesa ligada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Ela acrescenta que, nos anos 1980, houve um incentivo por parte da Igreja (Dom José Maria Pires, arcebispo da PB), que teve papel fundamental na luta pelo direito à terra, além do incentivo da companheira Margarida Maria Alves e das Ligas Camponesas.



Nos anos 1990 e 2000, clama-se pela redemocratização e por uma luta por um novo paradigma do Semiárido. A seca de 1993 foi marcada por um movimento no Recife (PE), na Sudene, na luta por programas de convivência com o Semiárido, e não de ações contra a seca; pelo reconhecimento dos povos do Semiárido, e não por uma política pública de miséria.

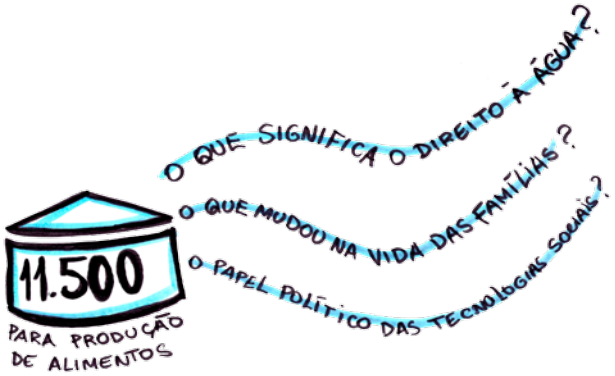
A assentada afirma, por fim, que: *"O Polo vai se construindo a partir de 1996 para garantir a luta dos direitos, da terra, das mulheres, e vai formando uma rede de 15 sindicatos e 15 municípios. No fim dos anos 1990, forma parceria com o MST para ocupar as terras de latifúndio. À medida que vai construindo experiências em agroecologia, a demanda da terra passa a ser uma demanda forte, e 98 terras de latifúndio são ocupadas. Também vai construindo a luta e as experiências agroecológicas, fortalecendo um novo olhar sobre o Semiárido brasileiro e a construção de um projeto político para a agricultura familiar"*.

FRUTOS E LUTAS CONQUISTADAS NESSE TERRITÓRIO



"A partir dos anos 1990, da redemocratização, tivemos 35 assentamentos da reforma agrária conquistados na luta pela terra das Dioceses, Incra, Interpa e por ocupações do MST."

"O Mapa do Acesso à Água demonstra que foram conquistados mais de 11 mil cisternas e 2 mil reservatórios de água. Com o intuito de ampliar o estoque de água das famílias, comunidades rurais e populações tradicionais para dar conta das necessidades dos plantios e das criações animais, a ASA criou, em 2007, o Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2). *O nome do programa faz jus à estrutura mínima que as famílias precisam para produzir — o espaço para plantio e criação animal, a terra e a água para cultivar e manter a vida das plantas e dos animais. O P1+2 integra o* Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semiárido, *da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). Esse programa-guarda-chuva congrega também o* Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC)."





"A luta pelo acesso à água foi de muita dificuldade. As mulheres e as crianças pegavam água longe, e, a partir da nossa organização, conseguimos fazer um diagnóstico de mapa das águas nos territórios, com as tecnologias sociais da ASA, P1+2 *e* Um Milhão de Cisternas."

"Também tivemos a luta pelas sementes e as conquistas com os bancos de sementes comunitários, apoiadas por projetos que vêm nos fortalecer, como o Ecoforte. *Conseguimos, assim, diversidade de sementes que são muito importantes para as famílias."*

"Também temos autonomia de forragens. De 2011 a 2017, produzimos e conservamos mais de 16 mil toneladas de forragem para os animais."



"Avançamos na discussão com os mercados locais. Já sabemos onde vamos comercializar nossas produções, com o princípio de comer e vender os excedentes dentro das feiras agroecológicas. São 12 feiras agroecológicas no território."

"Avançamos no processo de comunicação e disputas de narrativas, trabalhado dentro das rádios nas cidades (em 10 municípios), com boletins informativos, 41 vídeos e documentários e o site. *São instrumentos importantes. Além disso, nos últimos anos, 25 TVs e alguns programas de rádio foram fazer reportagens sobre o Polo."*



O MOVIMENTO DA MARCHA PELA VIDA DAS MULHERES E PELA AGROECOLOGIA NA REGIÃO

"Em 2010, construímos a I Marcha, que veio para denunciar as formas de injustiça e violência e o agronegócio que exclui nosso conhecimento. Teve adesão de 900 mulheres. A II Marcha, em Queimadas (PB), reuniu 3 mil mulheres. A III Marcha, em Esperança (PB), reuniu 1.500 mulheres. A IV Marcha, em Solânea (PB), foi em homenagem às mulheres trabalhadoras rurais. A V Marcha, em Massaranduba (PB), teve como temática a mulher nos espaços políticos de decisão, com adesão de 4 mil mulheres. A VI Marcha, em Lagoa Seca (PB), reuniu 5 mil agricultoras. A VII Marcha, em Areial (PB), reuniu mais de 5 mil mulheres. A VIII Marcha, em Alagoa Nova (PB), levou às ruas um grito pela liberdade das mulheres e contra a chamada 'cultura do estupro'. A IX Marcha, em Lagoa de Roça (PB), teve o lema: Sem Agroecologia, Não Há Feminismo."

"Também temos a preocupação com a educação do campo e com as crianças: a Ciranda da Borborema, em 2010, teve seu primeiro encontro com os jovens. Trabalhou-se no reconhecimento da identidade camponesa e realizou-se a Feira da Juventude e a Marcha da Juventude."

DENÚNCIAS E DESAFIOS QUE PERSISTEM NA CAMINHADA

"Estávamos no diálogo com as políticas públicas, foi um golpe para o povo do Semiárido. Se o Semiárido mudou, mudou por que o povo é forte."

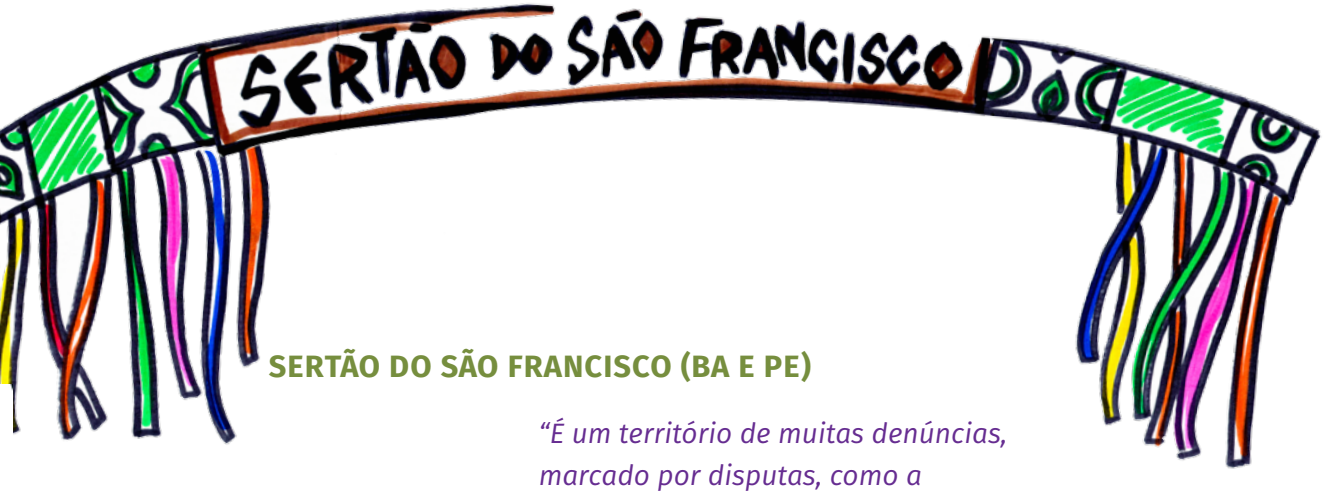


Como principais desafios e denúncias identificadas ao longo da apresentação, foram apontados:

- Golpe político machista e o retrocesso da agricultura familiar. Perdemos secretarias importantes para as mulheres.
- Como envolver as mulheres na construção da agroecologia democrática e justa, já que elas continuavam invisibilizadas e sofrendo violência? Houve um longo processo para identificar quais as reais situações sobre a vida das mulheres.



* PEC do Congelamento, fechamento das escolas do campo: 23 escolas estão fechando no território de atuação do Polo.
* Criminalização dos movimentos sociais.
* Aumento da violência contra a mulher.
* Aumento da violência no campo: agricultoras/es refugiadas/os na cidade.



SERTÃO DO SÃO FRANCISCO (BA E PE)

"É um território de muitas denúncias, marcado por disputas, como a barragem, a mineração e a produção agrícola convencional, e, ao mesmo tempo, por lutas e enfrentamentos das agricultoras e agricultores. São dois processos dinâmicos, mas há um investimento muito maior voltado para os grandes projetos do que para a agricultura familiar."

A representante do Sasop na Bahia começou a sua apresentação convidando as pessoas a sentir os elementos e visualizar as ações do território a partir da pergunta geradora: "O que pode ser percebido?".

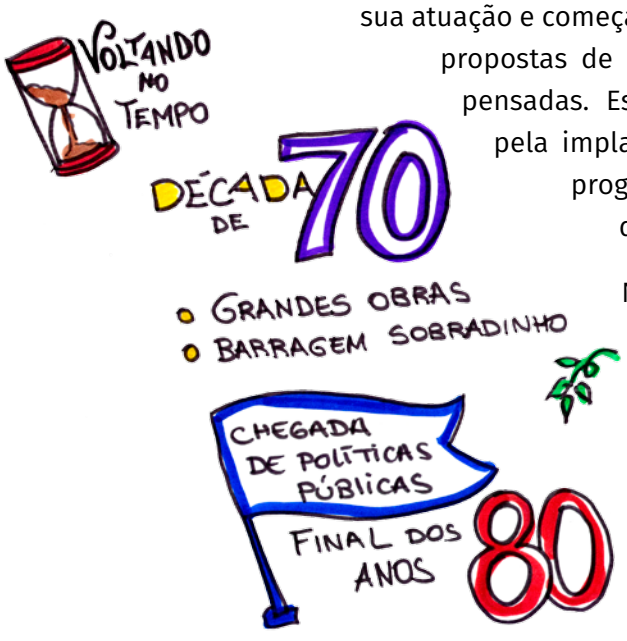
"Chamou a atenção a luta do agricultor do campo na sua comunidade, onde se vê o resgate da semente e a nossa reunião aqui." Representante do Banco de Sementes (Copabacs), Piranhas (AL).

"A sistematização é muito importante pela participação do agricultor, o beneficiamento dos produtos da Caatinga, a apicultura, as cisternas, a valorização das sementes." Representante do Território Serra da Capivara, Associação de Certificação Orgânica no Piauí.

"O contraste que se vê no cartaz Agronegócio e agricultura familiar representa a dificuldade enorme de mantermos as sementes. Por isso, precisamos estar nessa rede trocando as sementes. Além disso, tem a questão do Rio São Francisco; estamos muito distantes do canal e não podemos pegar a água para nosso consumo: será que essa água vai chegar para a gente?" Representante do Sertão do São Francisco, Petrolina (PE).

"Chamou a atenção uma foto que fala da chuva de pó proveniente de uma mina. No município de Barcarena, temos uma chuva de fuligem, e transbordou uma barragem por causa das chuvas. Por mais que os territórios sejam distantes, os impactos na vida das pessoas são semelhantes." Representante de Belém (PA).

Após alguns depoimentos sobre as sensações produzidas pela instalação, a mediadora fez uma breve contextualização histórica e apontou que, nos anos 1970, a atuação da Diocese de Juazeiro nos territórios e a instalação da Barragem de Sobradinho foram marcas no processo de resistência. Já nos anos 1980, observa-se que não há ação expressiva do Estado e ampliam-se as grandes obras nas fazendas que ganhavam relevo na região. Nesse mesmo momento, organizações e movimentos intensificavam sua atuação e começavam a sugerir espaços de diálogo onde outras propostas de desenvolvimento do território pudessem ser pensadas. Essas organizações se fortalecem, orientadas pela implantação de algumas tecnologias sociais e de programas que começam a caracterizar a atuação da ASA no território.



No fim dos anos 1980, o Sasop e o Irpaa se juntam ao trabalho da Diocese. Mais à frente, programas como o *P1+2* se intensificam e ampliam as estratégias de fortalecimento das comunidades a partir do diálogo com outras políticas, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Pnae.

FRUTOS, LUTAS E DENÚNCIAS NO TERRITÓRIO DO SERTÃO

"Fundo de pasto para caprinos, bovinos e cultivo de algumas plantas medicinais da Caatinga."

"Contrapondo o agronegócio, temos as famílias agricultoras que produzem alimentos limpos, para a saúde da população local. O Irpaa e o Sasop fazem o apoio direto às famílias e, desde 2016, formaram a central de cooperativas da Caatinga — uma rede de sabor natural do sertão que organiza a comercialização dos produtos. Há uma loja em Juazeiro com os produtos que trazemos e produtos de outros estados também. Esse projeto está sendo bombardeado pela conjuntura, por isso a importância de nos articularmos em rede."

"O processo de beneficiamento da produção para o PAA parte da iniciativa das mulheres e tem conseguido garantir a venda para o Pnae também."

"Há a luta desde que a barragem chegou. Ainda há processos de violência."

"A região do médio São Francisco, região em que menos chove no Semiárido, tem uma alta insolação, o que justifica a fruticultura irrigada. Temos o maior polo de irrigação de frutas do Brasil. Há uma congregação da empresa Vale Export que comercializa as frutas produzidas no território para o mundo todo. Há interesses minerários e há os povos tradicionais que vivem em fundo de pasto, portanto há a disputa pela terra, pela água e pelo vento. A agroecologia é, nesse contexto, a potência que tem que ter créditos públicos, que é perspectiva para os povos do campo. Com a greve das/os caminhoneiras/os, a Vale Export não pôde exportar suas frutas 'estressadas e obesas'."



Vozes que se encontram na defesa da Caatinga: o que nos toca?

"O que nos toca?" foi a pergunta e o convite proposto pelas/os dinamizadoras/es do seminário territorial.

> *"O que nos toca é a resistência. Nós, povos quilombolas instalados na região semiárida da BA, continuamos na resistência. Temos um caminho, e, nesse encontro, a gente percebe isso. Hoje, vemos nossos rios com muitos barramentos que não levam em conta a vida que ali existe. Faço parte do comitê de sistemas de bacia, mas não há gestão democrática. Nós ainda resistimos com nossas sementes, mas, nos últimos 5 anos, percebemos outra estratégia do inimigo para nos desconstruir: cortaram nossas águas. Mas vejo a esperança nos jovens.*
>
> Quilombola da Bahia

> *"O que nos toca também é a resistência. Ver as nossas sementes, que são as mesmas. Me traz indignação a questão do São Francisco. Sofremos os impactos da transposição, não temos mais o peixe, não podemos mais pescar.*
>
> Quilombola do Sertão do São Francisco (PE)

> *"Acompanhei o trabalho com a juventude e a infância do Polo da Borborema. Nosso trabalho vem desde 2002, e a bandeira de luta dos jovens é pelo "acesso à terra" e "contra a violência". Já estamos na segunda Marcha das Juventudes.*
>
> Agricultora do Polo da Borborema, Lagoa Seca (PB)

> *"Sofremos por falta de água, mas nós, nordestinos, temos capacidade de tirar leite de pedra, temos muita força. Com a ajuda desses órgãos, nós conseguimos muita coisa e vivemos bem melhor. Hoje, nós, agricultoras/es, já temos nosso quintal, nossa verdura; muita alimentação nossa já vem do nosso quintal. Na vida da/o camponesa/ês, todas essas ações feitas pelas políticas públicas melhoraram nossa vida em 90%. A alimentação do solo, a vida do solo, faz com que nós possamos prosseguir com a pouca água que temos.*
>
> Agricultora do Sertão do São Francisco (BA)



"O que me tocou foram as cisternas. Na minha comunidade, vi tanta sede e tanta criança morrendo por falta de água. Nós não queremos que isso aconteça mais. Tiraram nossos projetos de cisterna P1+2. *Isso é uma indignação para a gente. Não queremos ver tanta criança morrer como eu vi. Eu ajudei a enterrar essas crianças. Queremos força, fé e coragem para lutar contra isso. Temos os bancos de sementes, que são símbolos da nossa existência.*

Agricultor do Perímetro Irrigado Fulgêncio, Sertão (PE)

"As experiências do Polo me estimularam a resistir e buscar uma formação para que eu pudesse voltar para o meu território e contribuir com ele. Quero levantar a bandeira da educação do campo com a da agroecologia. Temos vários desafios para que as políticas públicas venham promover uma educação do campo que dialogue com nossa realidade, com os processos educativos que acontecem nos territórios. Um dos desafios que temos é o de levar a temática da agroecologia para as escolas do campo, sem se limitar à horta da escola.

Estudante de Educação do Campo

"A agroecologia me fortaleceu como jovem camponês. Eu me transformei no curso, na luta política e no diálogo com os demais sujeitos. Me apaixonei pela agroecologia. Ela me fez olhar a política de outra forma. Precisamos dialogar e lutar.

Estudante de Agroecologia e agricultor de Vitória da Conquista (sudeste baiano)

"Estou na luta das mulheres, em uma comunidade que foi contemplada por bancos de sementes. Daí criou-se um grupo com 25 mulheres. Essa é a nossa resistência!

Representante de Maracás (BA)

“*O que chamou a atenção foi a importância de uma abordagem territorial, não em perspectivas isoladas. Para conseguir pensar em abordagem territorial, é importante o trabalho de base que os movimentos sociais trazem. Com os territórios, temos o maior tecido agroecológico, que nasceu de um tecido social que foi se construindo. Como reflexão, ficam as perguntas: como o Estado (a gente estando no governo) consegue interagir nessa governança que já existe no território? Como pensar em plataformas de intercâmbio de experiências? E como essa governança pode gerar políticas públicas? O* Ecoforte *trouxe uma maior organização das políticas públicas que já existem nos territórios, pois potencializa ações. Como, a partir desse arranjo do território, conseguir trazer as políticas públicas não segmentadas? Como integrar as políticas públicas? Que as redes continuem!*

“*A luta por uma educação do campo, assim como pelos cursos de agroecologia articulados às experiências e práticas realizadas, é um processo fundamental para dar liga científica e acadêmica ao diálogo de saberes. A Embrapa Semiárido deixou de pesquisar na linha popular de convivência com o Semiárido. Estamos na luta, e os sistemas convergem para uma coisa ou outra. Os sistemas agroecológicos são integrativos e compartilhados, todos têm direitos. São disputas de sociedade, não só de agricultura. Essa disputa também pode ser chamada de* luta de classes. *A agroecologia possibilita que haja autonomia e protagonismo menos dependentes. A transição agroecológica, que aos poucos vai sendo absorvida pelas lojas de produtos agrícolas e pelos bancos, é uma disputa pela autonomia e pela independência. É uma disputa política sumamente importante.*

Representante da CPT

Temos que entender a importância e a força política das inovações, e é preciso que cada comunidade tenha consciência do seu papel político. Cada experiência nossa é uma trincheira de luta. As lutas não são isoladas, são por territórios, é a partir disso que conseguimos dialogar com os programas públicos, com o Estado brasileiro. Nascem de inspirações que vieram das redes locais que souberam captar essas experiências e transformar em políticas públicas e programas. Não podemos perder isso de vista. Não podemos esquecer do que já construímos. São nossas referências, nossas trincheiras de batalha. Temos que aproveitar esse espaço para fazer isso.

Representante da AS-PTA (PB)



Nosso papel aqui é partilhar o conhecimento para que possamos construir nossa força enquanto sujeitos sociais. Mas é um desafio para o sindicalismo assumir para si esse projeto como um projeto seu. Na trajetória do Polo, essa é uma reflexão constante. Mesmo em parceria com a AS-PTA, o principal papel de mobilização é do Sindicato de Trabalhadoras/es Rurais (STR). Como as organizações dos agricultores assumem a agroecologia?

Representante do Polo da Borborema, Remígio (PB)

É importante a gente dialogar com a trajetória da Paraíba e trazer o que fazemos no Projeto Pró-Semiárido, *fazer com que um auxilie o outro. Os projetos são temporários, então é importante construir essa parceria para que possamos dialogar com as experiências que vão contribuir com o desenvolvimento da região.*

Representante do Projeto Pró-Semiárido, parceria entre o Governo da Bahia e o Fida

> *As políticas públicas são sementes que caem em terras muito fortes. É importante que as políticas públicas reforcem a capacidade de fortalecimento dos próprios agricultores. O* Programa Ecoforte*, num curto prazo, deu resultados muito significativos. Em 2014, estávamos discutindo o edital do* Ecoforte *e, em menos de 4 anos, já estamos discutindo os resultados. Continuamos resistindo e precisamos resistir na Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. Precisamos nos mobilizar pensando nos cenários futuros, pensando na defesa das eleições, pois, num cenário mais positivo, já temos condições de avançar. Precisamos de uma frente de defesa das políticas públicas dentro da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) para disputarmos também o Estado.*

Representante da Secretaria Executiva da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA)

> *A contribuição dessa tenda traz alguns elementos que nos dão um panorama na construção da agroecologia. É uma disputa pelo controle do território, do solo, da água, das sementes, das técnicas de cultivos, dos modos de comercialização. São recursos que são públicos por natureza e que se tornam políticos, sociais e culturais. E a disputa se faz por organizações. Todo mundo destacou o envolvimento de um conjunto diverso de atores para chegar onde estão, que são organizações, instituições, universidades públicas, associações cooperativas, instituições de cooperação internacionais, políticas públicas estaduais. E essa diversidade de atores é que dá a consistência, a profundidade e a capacidade de resistência.*

Representante da CPT

TENDA CAATINGA 2

Assim como os cactos, adaptados às condições de chuvas irregulares e à escassez de água, a diversidade de povos da Caatinga representa a essência resistente da natureza na região. Sob um tecido azul, sementes, bandeiras e histórias de resistência navegam por um rio que corta as duas chapadas caatingueiras. Dois companheiros foram os facilitadores do seminário territorial, que contou com a socialização de duas experiências e muitos depoimentos.



CHAPADA DO APODI (RN E CE)

"É arte nordestina transformar seca em poesia..."
Agricultor do oeste do RN

Localizada entre os estados do Ceará e do Rio Grande do Norte, a Chapada do Apodi é lugar onde lutas e resistências seguem diante de tantas adversidades impostas, principalmente pelo agronegócio. No início da apresentação, houve um breve relato histórico sobre os cultivos e a agricultura desenvolvida na Chapada do Apodi antes da chegada dos grandes empreendimentos. *"As sementes eram crioulas e foram passadas de geração em geração. Não havia nenhum tipo de utilização de agrotóxico."*

Hoje, o território, assim como o bioma Caatinga, sofre com três tipos de assassino: o veneno, a motosserra e o fogo, que silenciam práticas e histórias de vida.

BENS NATURAIS: por possuir aquífero e um bom solo para plantio, uma série de propostas para a agricultura industrializada foi alocada para o Apodi. Assim, a construção dos perímetros irrigados deu início a vários conflitos na região. Com subsídios e incentivos públicos para a instalação de empresas de pequeno, médio e grande portes, empresas do agronegócio e do cimento chegaram na região.

VENENOS: a utilização intensiva de agrotóxicos, impactando severamente o ambiente e a saúde das/os trabalhadoras/es, além da destruição do lençol freático do aquífero Jandaíra (terceiro maior aquífero do Brasil), com a perfuração de poços com mais de 1.000 m de profundidade, foram legados das empresas no território. As perseguições por parte dos grandes empresários, o solo destruído e o aumento no nível de doenças nas populações que moram ao redor das empresas por conta do uso constante de veneno são partes da nuvem de destruição causada pela produção de frutas para exportação.

Resistências e rupturas contra o atual modelo hegemônico de produção seguem florescendo nesse terreno de tantas opressões. Apesar do cenário adverso, muitas/os agricultoras/es utilizam sementes crioulas nos seus quintais agroecológicos, onde o excedente do cultivo é comercializado entre as comunidades ou em outros tipos de feira.

Somos Todas Apodi é um dos vários movimentos de resistência que existem na Chapada do Apodi. Liderado por mulheres que denunciam os projetos de irrigação e demais ações do agronegócio na região, o movimento das agricultoras, do campo e da cidade, fortalece a luta por melhores condições de vida e traz as experiências agroecológicas como bandeira de resistência.



CHAPADA DO ARARIPE (PE)

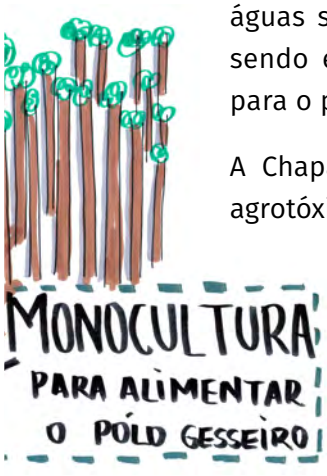
"No III Encontro Nacional de Agroecologia (III ENA), a Chapada do Apodi e a do Araripe eram duas Instalações Artístico-Pedagógicas separadas. Hoje, o sentimento é diferente do daquela época, quando, apesar das ameaças, olhávamos para as nossas experiências e víamos que plantávamos, tinha chuva e as plantas iriam crescer. Hoje, o sentimento é de que está sem chover, e nós estamos resistindo. Ainda bem que nossa semente é forte e resistente. Com essa enxurrada no país, a gente acaba sucumbindo um pouco, mas nos encontrarmos nesse contexto nos fortalece. No III ENA, falávamos que éramos livres. Sabemos que só quem sofre para criar asas é que entende de liberdade."

Agricultor da Chapada do Araripe

O território da Chapada do Araripe, localizado no extremo oeste de Pernambuco, na divisa com o Ceará e o Piauí, é também a terra de Luiz Gonzaga, que tanto cantou a agricultura camponesa e o povo dali.

Como nas músicas de Gonzagão, o povo segue buscando formas de resistir a tantas ameaças e apostando na agroecologia enquanto forma de caminhar e conviver com as riquezas da natureza. A região abriga uma das maiores minas de gesso e gipsita do Brasil, cuja exploração tem provocado sérios danos ambientais e sociais no território, a exemplo do aumento dos níveis de violência, prostituição e violência contra a mulher, associados ao grande fluxo de caminhoneiras/os que transportam o gesso e têm sua interação com o território marcada por essas consequências negativas.

A previsão da construção de um canal da transposição do Rio São Francisco na região também é algo que preocupa, pois se sabe que a destinação das águas será para o monocultivo da cana-de-açúcar e do eucalipto, sendo este último cultivado com a intenção de fornecer madeira para o polo gesseiro.



A Chapada do Araripe ainda sofre com o uso indiscriminado de agrotóxicos e com os impactos de grandes obras de infraestrutura, como a construção da Transnordestina, sobre a qual o povo afirma que "cortou o território ao meio" e dividiu as propriedades de muitas famílias no itinerário por onde passa a linha da ferrovia. A obra também trouxe como consequência o aumento das inundações, já que a localização da via mudou a direção dos cursos de água.

AMEAÇAS COMUNS: o território enfrenta ameaças que são comuns aos espaços rurais no país, frente aos quais os sujeitos e as comunidades têm se desafiado a elaborar e fortalecer resistências e alternativas. Com 49% da população residente no espaço urbano e 51% localizada no campo, a percepção do poder público local é de que a agricultura ainda não é vista com potencial econômico e social de desenvolvimento para o território. Sendo assim, a agricultura é tratada como um setor que necessita apenas de ações emergenciais e/ou compensatórias, com poucas ações estruturantes, salvo a ação de construção de cisternas coordenada pela Articulação do Semiárido (ASA). Essa negligência não condiz com a realidade do território, que possui cerca de 40 mil estabelecimentos de agricultura familiar (representam mais da metade da população no território), que, por sua vez, produzem o equivalente a R$ 800 milhões de reais por ano, considerando produção comercializada e autoconsumo das famílias agricultoras.

Na Chapada do Araripe, as juventudes também encaram o desafio de viver no campo, e, apesar do grande êxodo rural, jovens articulados no Fórum de Juventudes do Araripe, que possui representações de vários movimentos de juventudes da região, constroem, a partir da agroecologia, caminhos para a transformação da vida das famílias.

CULTURA E IDENTIDADE: o tema da cultura e da identidade também é um dos pilares das ações dos movimentos e das organizações nesse território, que se identifica enquanto "território da cultura". De Luiz Gonzaga à diversidade das artes ligadas à agricultura camponesa, considerando essa também como uma arte, diversas ações valorizam a multiplicidade de práticas e resistências a partir da cultura popular.

Nessa esteira de diálogos, reconhece-se o "massacre" da mídia e os processos de "desenculturamento" que ocorrem no país inteiro. Mas, conforme dizia Euclides da Cunha, "o sertanejo é, antes de tudo, um forte!", e sua cultura segue sustentando a raiz camponesa em seus territórios.

AS SEMENTES DE RESISTÊNCIA E DE CONSTRUÇÃO COLETIVA QUE GERMINAM NO TERRITÓRIO DA CHAPADA DO ARARIPE

O povo se organiza em torno de várias formas de resistir e de expressar a sua caminhada. Na Chapada do Araripe:

- Há uma grande expressão dos movimentos e das experiências de agroecologia, da ação de organizações não governamentais, do movimento sindical, das/os pequenas/os agricultoras/es, das/os sem-terra, da organização das mulheres, das juventudes.
- O território integra a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), a Rede Ater Nordeste, a Rede de Agricultoras e Agricultores Experimentadoras e Experimentadores e se articula em uma série de outros movimentos e fóruns que fazem com que a luta se expresse.
- As/os jovens estão organizadas/os em diversos movimentos que se reúnem no Fórum de Juventudes do Araripe, e as mulheres, que são precursoras da agroecologia e denunciam o patriarcado que ainda é muito forte na região, também estão bem organizadas em núcleos, organizações e fóruns, como o Fórum de Mulheres do Araripe.

* Frente a todas essas ameaças, desafios e resistências, afirma-se que a construção da agroecologia não é papel somente de quem está no campo ou na agricultura, mas está ligada também com quem vive na cidade. O trabalho com as feiras, os seminários, as produções de publicações, as participações em programas de rádio trazem o anúncio das resistências para as cidades.

Como demandas e desafios apontados, ainda é necessário: fortalecer ações estruturantes, como os programas *Um Milhão de Cisternas* e o *Uma Terra e Duas Águas*; aumentar o acesso e a divulgação de informações; qualificar as ações de educação; e ampliar o diálogo com as universidades, promovendo iniciativas que unam o campo e a cidade, a prática e a teoria. Identifica-se também a importância de consolidar as ações que valorizam as identidades camponesas, cuidando da construção da história e da formação dentro das escolas e das comunidades e fortalecendo raízes e valores.

Vozes que se encontram na defesa da Caatinga: depoimentos

> *"Enxergo a agroecologia como um elemento muito importante para a área da saúde, no cuidado com a água, com a terra, com as sementes. Os estudos do Tramas — grupo de pesquisa — em comunidades em conflito com o agronegócio mostram diversas contaminações. Na comunidade do Tomé, município de Limoeiro do Norte (CE), há 9 crianças que nasceram com má-formação congênita por causa dos venenos que os pais, que trabalham nas empresas agrícolas, levam para casa no corpo, na roupa, no sangue. O veneno também está no ar, nos alimentos, na água que chega às torneiras das casas. Na comunidade, uma criança nasceu sem os braços e sem as pernas. A mãe, de 17 anos, relatava que, quando era pequena, quando o avião de agrotóxicos passava aplicando o veneno nas plantações, as crianças corriam atrás, como que brincando na chuva. A agroecologia traz a possibilidade de combater tudo isso, propondo outros modos de produção e de sociedade.*
>
> Representante do Núcleo Tramas/UFC (CE)

“*É importante lembrar da seriedade da ameaça do milho transgênico, para o qual não existe estratégia de combate, pois é uma espécie polinizada pelo vento, contaminando as espécies crioulas. Dentre as ameaças, há registros da Agência Nacional de Águas de que a água do aquífero da minha região está contaminada com nitrato. O feminismo é uma das principais formas de resistência. Sem Feminismo, Não Há Agroecologia.*

Representante da Coopervida (RN)

“*As eólicas são uma ameaça, e a Serra da Capivara está sendo ocupada pelas mineradoras e pela linha férrea. Nesse caminhar de resistência do povo, seguimos, e é preciso anunciar que nossas sementes crioulas já alcançam o 4º* Festival das Sementes da Fartura.

Representante do Piauí e da Rede Piauiense de Agroecologia

“*Quero citar mais uma conquista do povo, que foi a aprovação da lei das sementes, as “sementes da tradição potiguar”. E sou poeta também.*

Representante do oeste do RN

“*Precisamos trabalhar nossa identidade, fortalecer nossas raízes, nossos valores.*
No decorrer do tempo, se fortalecem coisas que não têm nada a ver conosco; a nossa história e as nossas origens vão passando como algo feio ou atrasado.

Representante da Chapada do Araripe

TENDA CAATINGA 3

A tenda Caatinga 3 trouxe para o IV ENA os territórios do Pajeú, em Pernambuco, e do Semiárido Mineiro, a partir das experiências do Vale do Jequitinhonha e do Norte de Minas Gerais. O seminário contou com a facilitação de Alexandre Pires, da ASA Brasil, e de Helen Santa Rosa, do Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas. Durante a construção do território, as pessoas foram convidadas a falar sobre as impressões que tiveram acerca da instalação, que refletiu cores, saberes e sabores de cada região.

A montagem do espaço foi feita com elementos que representam as regiões, trazem sentimentos e mostram a realidade vivida pelos povos. A construção do ambiente foi feita a muitas mãos, e o espaço ganhou forma graças ao trabalho coletivo de agricultoras/es, povos e comunidades tradicionais, técnicas/os, estudantes e outros. Foi proposto que as/os participantes andassem por entre os itens expostos na *Instalação Artístico-Pedagógica*, e, ao fim da caminhada, foi sugerida uma conversa sobre as questões que mais chamaram a atenção no espaço. Para orientar a conversa, foi pedido que as/os participantes tentassem pensar nas três questões abaixo: o que mais chamou a sua atenção quando percorreu os territórios? O que teve um significado especial para você? Qual a relação dos itens expostos e a realidade em que você vive?

Durante a reflexão, as/os participantes viram semelhanças nos diversos lugares de fala representados, além de perceberem que a luta no bioma é comum a todas/os, levantando, assim, a importância do trabalho em rede e do reconhecimento da busca por convivência em regiões de transição e de desafios hídricos.

No espaço, as/os participantes fizeram ainda uma série de denúncias, como a privatização da água por parte de grandes empreendimentos e o uso indiscriminado desse bem comum pelas monoculturas, que, além de destruírem nascentes, acabam com a biodiversidade. A reflexão sobre o papel das mulheres também foi um ponto marcante para as/os participantes, assim como o reconhecimento da organização e formação da juventude. Uma diferença do Sertão Mineiro para o Sertão do Pajeú é que em Minas há uma forte onda das Escolas Famílias Agrícolas e, no Pajeú, não há esse incentivo. Notou-se também como os territórios são diversos e como ainda é preciso romper com a lógica de sociedade patriarcal e excludente que é vivenciada nos territórios.

Os sons dos diferentes locais representados também ecoaram pela tenda. As canções puxadas pelas/os participantes retrataram a vida no campo, a importância da agroecologia e o cuidado com os bens naturais para o bem viver de todos, como a letra puxada

pelo caatingueiro Geraldo Gomes: *"Eu moro no meio do mato, junto da mãe natureza, desfrutando o perfume das flores, o ar puro e muita beleza"*. A atividade terminou do lado de fora da tenda, com uma grande ciranda puxada pelas mulheres.

SERTÃO DO PAJEÚ (PE)

O Rio Pajeú, muito agredido, mas de muita resistência, é o principal rio de Pernambuco e banha o Sertão do Pajeú, uma região que tem apoio da Igreja Católica, que ajudou também com a criação da rádio comunitária. A forte atuação das mulheres, através de associações e coletivos, mantém a resistência à agricultura predatória que se apresenta na região.

O Sertão do Pajeú é um reduto da Caatinga onde ainda existem agricultoras/es que produzem alimentos de forma agroecológica. Foi também um dos territórios que mais inspiraram a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), com tecnologias de convivência com o Semiárido brasileiro.

SEMIÁRIDO MINEIRO – DO NORTE DE MINAS GERAIS (MG) E DO VALE DO JEQUITINHONHA (MG)

A apresentação foi feita por um agricultor que mora no município de Turmalina, no Vale do Jequitinhonha, e por uma companheira que é agricultora familiar e caatingueira da cidade de Porteirinha (norte de MG). O território apresentado foi o espaço de transição que está localizado parte no norte de Minas e parte no Vale do Jequitinhonha. Esse lugar é marcado pela organização de redes, que fortalecem políticas de convivência com o Semiárido, e pela presença de grandes empreendimentos, que destroem a vida e a biodiversidade. Pode-se citar como desafios do Alto Jequitinhonha:

- A monocultura de eucalipto, que é produzido na região e beneficiado em outro lugar.
- A monocultura de café na cabeceira do Rio Fanado, em Minas Novas, onde há o uso de agrotóxico que desce para as nascentes e contamina a água dos rios.
- A Copasa, que retira água limpa dos rios e devolve em forma de esgoto, sem tratamento nenhum.

* O uso descontrolado de agrotóxico pelos pequenos e médios agricultores, principalmente na cultura do tomate, sem respeitar o tempo de carência.

No Médio Jequitinhonha, temos como desafios:

* Ameaça de grandes minerações.
* Barragens feitas nos rios e a retirada das pessoas de suas regiões, sendo estas, por vezes, levadas para regiões distantes e, pela necessidade, obrigadas a ficar em trabalhos nocivos.



Como pontos positivos na região, podemos citar:

* A assistência técnica oferecida pelo Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica (CAV).
* Administração das feiras agroecológicas de algumas regiões.
* Diminuição da entrada de produtos do Ceasa, pois os produtos agora são fornecidos pelos agricultores da região.
* Acesso ao Pnae, através da associação.
* Encaminhamento para o reconhecimento de comunidades tradicionais.

Nas regiões, há muita resistência em relação aos recursos hídricos, pois há pouca água para produzir e esta ainda tem que ser dividida com outras atividades que trazem poucos benefícios para a comunidade. Tem-se travado uma luta para conseguir vencer os grandes projetos impostos, entre eles a monocultura e a mineração, que, nos últimos tempos, aumentaram e trouxeram consigo a degradação ambiental. O uso de agrotóxicos também cresceu e tem contaminado as águas e ameaçado a vida.

A Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) foi destaque no momento em que se levantou a importância da articulação em rede para a garantia do acesso à água de qualidade, tanto para beber quanto para produzir, e também por contribuir, através dos programas, para que as/os agricultoras/es familiares tenham a possibilidade de acessarem a água e preservarem a agrobiodiversidade. Destacou-se também:

* A importância da participação da juventude na conservação ambiental, pois ela é o futuro desta luta. É necessário usar as tecnologias atuais para o fortalecimento dos territórios.
* Que as mulheres têm grande papel e importância na agroecologia, pois elas são guardiãs das sementes crioulas, e também na criação de hortas. É necessário que elas disputem e ocupem mais espaço nas organizações onde se fazem os debates de poder.
* Que os acessos a recursos financeiros devem ser ampliados.
* A necessidade de fazer trabalho de base e anunciar os pequenos golpes sofridos contra os direitos populares duramente conquistados.

Vozes que se encontram na defesa da Caatinga: depoimentos

> *"Os jovens são as sementes que vão dar continuidade ao movimento. O Rio São Francisco está morrendo, a monocultura de eucalipto está secando os rios, além de envenená-los. A luta é para defender os rios e os territórios, que são afetados pela criação de Áreas de Proteção Ambiental (APAs) e parques para compensar o* Projeto Jaíba. *Foi tomado o nosso território para compensar o que foi desmatado na construção. Temos problema com fazendeiros, pois nós, agricultores, produzimos em terras da União, e os fazendeiros tentam desarticular as reuniões para regularizar a situação da terra.*
>
> Representante de Itacarambi (Norte de MG)

“No estado de Pernambuco, mais de 5 mil comunidades não foram reconhecidas, apenas 136 foram. O Brasil é quilombola. Os tempos de pouca chuva duraram 7 anos; em 2018 é que fomos colher um pouco. Devemos ter o cuidado de perceber se as sementes crioulas se adaptam na região para trazer e cuidar, para que não se percam; são importantes as trocas entre comunidades. É importante valorizar as escolas que temos, pois elas formam jovens que vão voltar para a comunidade.

Representante da Comunidade de Conceição das Crioulas, em Pernambuco

“O que comove é a representação da vida, o bem-estar; a instalação traz o desafio para o agricultor continuar produzindo sem veneno, cuidando da saúde do povo. Estamos desenvolvendo tecnologias que vão facilitar a vida do povo, isso está sendo construído em parceria com instituições e comunidades. É preciso visibilizar o trabalho dos agricultores para que estes sejam protagonistas do seu próprio destino.

Representante quilombola do Sertão de Pernambuco

“O que mais chamou a atenção foi a quantidade de Escola Família Agrícola e ver como estão presentes. E também a importância da agroecologia como foco principal da educação.

Representante do Tocantins

“É interessante ver quanta diversidade de povos existe e como a agroecologia está presente em todos nós. As mulheres têm grande importância na agroecologia, e ela está presente no dia a dia.

Representante da Comunidade Quilombola Pega



“São importantes as várias formas de comunicação, como as mídias alternativas.

Representante do Sertão do Pajeú

A ASA e a Cáritas têm grande importância, pois constroem programas, e estes possibilitam o plantar de forma tradicional. As guardiãs de sementes são as mulheres, e elas trocam experiências com as comunidades. O Brasil possui uma grande riqueza e diversidade, temos muitos programas e assistência. O IV ENA foi uma aula, trouxe várias experiências, novas práticas e possibilidades para trabalhar. É necessário saber votar, é preciso sentar com as comunidades e os filhos e pensar em quem está na base para podermos fortalecer.

Representante da Comunidade Caldeirão, Médio Jequitinhonha

Olhar as fotos deu muita saudade. Fui reassentada por causa da barragem. Antes, não tinha problema com agrotóxicos; agora, no local onde fui reassentada, tem um grande uso. Estamos levando para o local uma nova forma de produzir sem veneno.

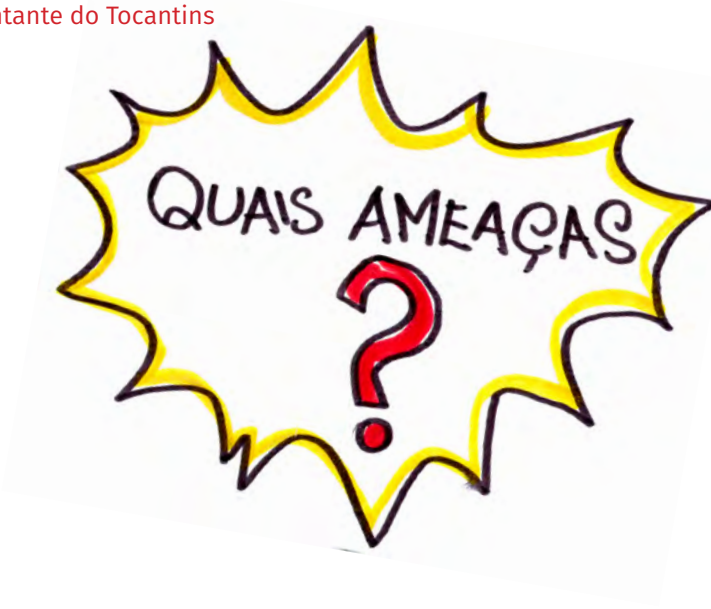
Representante do Itamarandiba

A riqueza do povo é grande; é fantástico perceber a variedade de coisas plantadas e produzidas. As organizações são importantes na resistência da luta, é onde percebemos que juntos somos mais fortes, é importante unirmos forças.

Representante do Codecex de Diamantina

Represento a ONG ComSaúde, que também é envolvida na assistência técnica. Temos problemas com a água, já que há uma grande seca, mas já tem um trabalho de emergência em prática, pois estamos usando cisternas. O espaço deixa claro a resistência que existe no país. Temos necessidade de plantar água, cuidar e repor as matas ciliares. Temos problemas sérios com sementes, estamos na região do Matopiba, onde o problema é a soja que ameaça a agricultura familiar, que está ficando ilhada e sem água.

Representante do Tocantins



“O IV ENA é importante para a troca de conhecimento com as várias formas de convivência com o Semiárido. A monocultura acaba com as águas, enfrentamos anos de seca, e o povo luta e aprende a viver no Semiárido. O diálogo, a troca de experiência é importante para todo o povo brasileiro, estamos resgatando muitas das nossas origens, como o uso dos fitoterápicos no lugar de remédios, com a busca da alimentação saudável e de plantar e produzir sem o uso de agrotóxicos.

Representante de Lagoa da Pedra (norte de MG)

“A juventude está presente no cuidado com a preservação da Caatinga, no reconhecimento do valor da terra e no trabalho com os pais. É necessário o fortalecimento na divisão dos lucros com os pais, já que muitas vezes os jovens ficam sem receber nada. É preciso unir o movimento do campo e da cidade na construção do bem viver.

Representante do Ceará

“Viemos aprender e compartilhar experiências, já que o Brasil se encontra mais fortalecido. Também estamos renegados e esquecidos pelo poder. Temos que apoiar os trabalhos locais para que depois possamos fortalecer em um nível maior.

Representante do Equador

“Observando, vemos bem representado o bioma Caatinga e as várias formas de convivência. Passamos por dificuldade na educação do campo, as Escolas Família Agrícola (EFAs) trabalham com a perspectiva agroecológica, repassando-a para os jovens.

Representante de Araçuaí (MG)

“A diversidade da agroecologia e do trabalho do povo deve ser fortalecida e levada para mais comunidades. É necessário ter mais divulgação para fora do evento, para que mais pessoas saibam o que está ocorrendo.

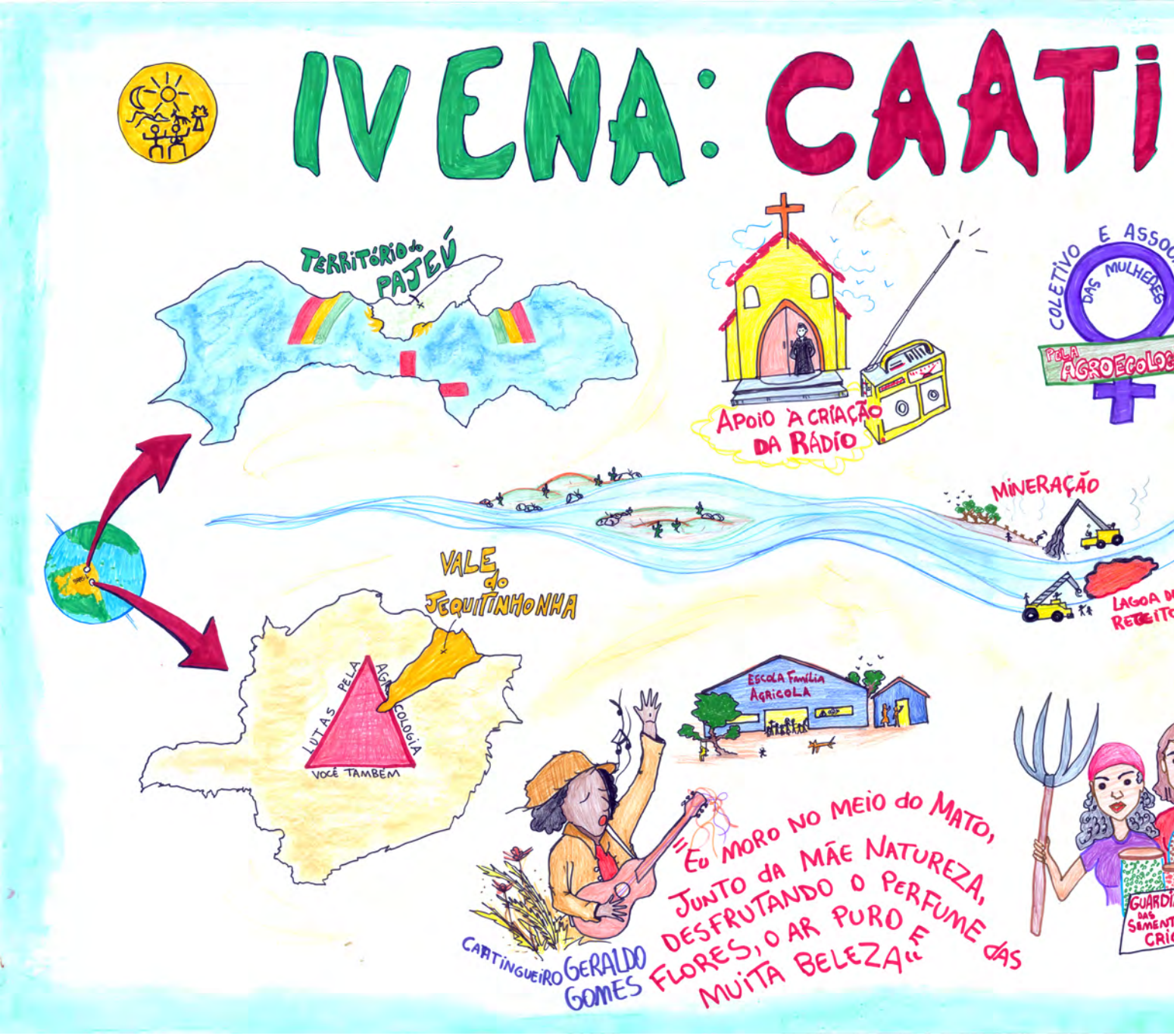
Representante do Semiárido alagoano


SERTÃO DO SÃO FRANCISCO
QUEREMOS A MANUTENÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS
PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA
PARA A AGRICULTURA FAMILIAR
VOLTANDO NO TEMPO
DÉCADA DE 70
GRANDES OBRAS
BARRAGEM SOBRADINHO
FRUTAS + DOCES DA REGIÃO
GRANDES EMPRESAS EXPORTADORAS
PRODUZINDO FRUTAS ESTRESSADAS
BIOMA CAATINGA (MATA BRANCA)
100% BRASILEIRO
AGROECOLOGIA
é a agronomia voltada para os povos.
VISÃO EXTERNA
FLAGELO
FOME
MISÉRIA
VISÃO INTERNA
FARTURA
RIQUEZA
CULTURA LOCAL
CHEGADA DE POLÍTICAS PÚBLICAS
FINAL DOS ANOS 80
DISCURSO POLÍTICO
GERAÇÃO DE EMPREGO E RENDA
PROGRESSO
AÇÕES DOS MOVIMENTOS SOCIAIS
PROPORCIONARAM O BEM VIVER NO SEMIÁRIDO
CULTIVAR SEMENTES e a TERRA
CISTERNAS de PLACAS
Transformando Realidades
NÃO FAVORECE AS COMUNIDADES
ESTAMOS NA LUTA!
GRANDES PROJETOS PREJUDICAM A AGRICULTURA FAMILIAR
MÍDIAS GOLPISTAS E MANIPULADORAS
JORNADA
INVASÃO DOS TRANSGÊNICOS
PROCESSO ORGANIZATIVO DAS MULHERES
INÍCIO FORMAÇÃO DE GRUPOS ANOS 70
PRODUÇÃO
ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA
COMBATE À VIOLÊNCIA
TRABALHO COM ARTESANATO
AGROECOLOGIA
DIVERSIDADE NA PRODUÇÃO
DE JORNADA TRABALHO CASA, ROÇADO
NÃO PERDER DE VISTA NOSSAS LUTAS E CONQUISTAS
IV ENA
BELO HORIZONTE/20
QUAIS AMEAÇA
?
GOLPE
NAS POLÍTICAS PÚ
FECHAMENTO DE ES
VIOLÊNCIA CONTRA
MULH
VIOLÊNCIA NO CA
VOTO COMO MOEDA
AGRONEGÓCIO EXP


POLO DA BORBOREMA
QUILOMBOLAS
RESISTÊNCIA
DIVERSIDADE CULTURAL
(TERREIROS, COMIDAS, DANÇAS...)
VIVENCIAR
19 MIL
FAMÍLIAS DE AGRICULTORES/AS FAMILIARES
SEMENTES DA PAIXÃO
DOM HELDER CÂMARA
ANOS 80
MARGARIDA ALVES
ÁGUA COMO MOEDA
11.500
PARA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS
O QUE SIGNIFICA O DIREITO À ÁGUA?
O QUE MUDOU NA VIDA DAS FAMÍLIAS?
O PAPEL POLÍTICO DAS TECNOLOGIAS SOCIAIS?
EDUCAÇÃO NO/DO CAMPO
LEVANTAR AS BANDEIRAS
AGROECOLOGIA
SECA 93
PROVOCOU A LUTA POR POLÍTICAS PÚBLICAS DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO
FINAL DOS ANOS 90
UNIU FORÇAS COM O MST
35 ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA
12 FEIRAS AGROECOLÓGICAS
RÁDIOS COMUNITÁRIAS
BANCO DE SEMENTES
62 COMUNITÁRIOS
REDES DE FORTALECIMENTO
LUTA PELA TERRA
JUVENTUDE CAMPONESA
2010 – 1º ENCONTRO COM 14 MUNICÍPIOS
JOVENS VIVEIRISTAS APICULTORES/AS
ESCOLA
TERRITÓRIO DE:
· RESISTÊNCIA
· TROCA DE EXPERIÊNCIA
· LUTA
41 VÍDEOS PRODUZIDOS
PROGRAMAS DE RÁDIO
PRODUÇÃO DE COMUNICAÇÃO POPULAR
IGUALDADE
HOMENS & MULHERES
EU SOU JOVEM AGRICULTORA COM ORGULHOOOO!
O QUE NOS REPRESENTA É A RESISTÊNCIA
FAMÍLIAS DO CAMPO
AGROECOLOGIA É RESPEITO À DIVERSIDADE!
2010 MARCHA DE MULHERES
900 MULHERES
HOJE SÃO + DE 5 MIL


CHAPADA DO APODI-RN
"...É a próp
que dá p
AVANÇOS:
FRUTICULTURA IRRIGADA
COMUNIDADES ATINGIDAS
Lutar, Lutar, Lutar e Resistir Pela Chapada do Apodi
Aquífero Jandaíra
A REFERÊNCIA NA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA
Guardiões
DENÚNCIAS:
AGRONEGÓCIO DA MORTE
"ELES QUEREM NOSSA ÁGUA, NOSSO SOLO, NOSSAS SEMENTES..."
"O QUE PRA ELES DES-ENVOLVE PARA NÓS É AMEAÇA"
"AS COMUNIDADES ESTÃO CONTAMINADAS PELO VENENO"
IV ENA 2018
TRADIÇÃO
RESISTÊNC


ria natureza
rosso pão"
~poeta Golinha~
CHAPADA DO ARARIPE-PE
DENÚNCIAS:
FORTALECER A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA
SERTÃO
NORDESTE
ÓRUM DAS ULHERES ARARIPE
AVANTE
JUVENTUDE
FORÇA
TRABALHO EM REDE
MONOCULTURA
PARA ALIMENTAR O PÓLO GESSEIRO
TRANSPOSIÇÃO
PREVISÃO DA CONSTRUÇÃO DO CANAL RIO SÃO FRANCISCO
TERRA
NÃO HÁ ACESSO
"QUEREMOS O QUE É NOSSO"
TRANSNORDESTINA
CORTOU O TERRITÓRIO
DIVIDIU PROPRIEDADES
MUDOU CURSOS d'água
CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO
TEMOS A ARTE DE CANTAR O NOSSO POVO E A ARTE DA AGRICULTURA
IA
LUTA


IVENA: CAATI
TERRITÓRIO do PAJEÚ
APOIO À CRIAÇÃO DA RÁDIO
COLETIVO E ASSOC
DAS MULHERES
PELA AGROECOLOG
MINERAÇÃO
VALE do JEQUITINHONHA
LUTAS PELA AGROECOLOGIA
VOCÊ TAMBÉM
ESCOLA Família AGRÍCOLA
"EU MORO NO MEIO DO MATO,
JUNTO DA MÃE NATUREZA,
DESFRUTANDO O PERFUME DAS
FLORES, O AR PURO E
MUITA BELEZA"
CANTINGUEIRO GERALDO GOMES


NGA III
DATA
01/06/18
LOCAL
B.H./MG
UM DOS ÚLTIMOS REDUTOS DA CAATINGA
QUE INSPIROU O
ASA
TEMOS QUE LUTAR PELA AGROECOLOGIA
ANTÔNIA
(Quilombo do Gurutuba)
ENCAMINHAMENTOS
FORTALECIMENTO
AGROTÓXICO MATA
CAMPANHA PERMANENTE CONTRA OS AGROTÓXICOS E PELA VIDA
COMUNICAÇÃO POPULAR NOS TERRITÓRIOS
ASA
MONO CULTURA
BARRAGENS
EUCALIPTO
CAFÉ
COPASA
DESRESPEITO ÀS NOSSAS ÁGUAS
AMPLIAR O ACESSO AOS RECURSOS
A IMPORTÂNCIA DAS ELEIÇÕES
O VOTO ASSUMINDO UM GRANDE PAPEL
ACESSO AO PNAE
PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR
CARTA POLÍTICA
"O sertão está em toda parte"
RESISTÊNCIA
SABERES
SABORES
FORTALECIMENTO DAS MULHERES
CONTRA O MACHISMO
FALSO DESENVOLVIMENTO
ARTICULAÇÃO EM REDE
SEM TERRA NÃO HÁ
A DEFESA DO TERRITÓRIO
AUTONOMIA E SOBERANIA ALIMENTAR
AGROECOLOGIA
FACILITADORES:

GERAIZEIRO
GUARDIÃO DO CERRADO
2018
ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA
XAKRIABÁ

CERRADO

A agroecologia se faz e se renova no dia a dia das aldeias, dos quilombos, dos assentamentos e em tantos outros ambientes que congregam a produção saudável de alimentos com a conservação dos ecossistemas. Conhecer as particularidades de cada bioma e território, denunciar os projetos que prejudicam o Cerrado e seu povo e anunciar as propostas e potencialidades das organizações foram os grandes objetivos dos dois seminários que tiveram o Cerrado como ponto comum de diálogos.

Contra a monocultura das ideias, das formas de pensamento e dos modos de ação, as Tendas Territoriais buscaram, a partir do olhar das/os participantes, tecer "caminhadas, união, fortalecimento, socialização, persistência, teimosia, comunicação, resistência, educação, amor pela natureza e amor próprio". Essas foram algumas das palavras partilhadas por todas/os aquelas/es que apresentaram seus sentimentos, forças e emoções ao final dos seminários.

Em ambientes marcados por tanta violência, *"as organizações são instrumentos de resistência ao agronegócio, às mineradoras, aos latifúndios, aos criadores de gado"*, sintetiza a agricultora e integrante do Gias, grupo do Mato Grosso. Assim como as diversas organizações e redes presentes nesses dois seminários, Devanir nos lembra que, por detrás de tanta beleza do Cerrado e do Pantanal Mato-Grossense, há enfrentamentos diretos pela defesa dos territórios.

Grande parte do conteúdo sobre o Cerrado neste caderno tem como fonte de registro a participação de quem não esteve apresentando experiências, mas, sim, contribuindo de forma horizontal e dinâmica com os debates. Durante os seminários territoriais, todas/os puderam contribuir com a montagem, com a partilha de poesias e músicas e, sobretudo, com a denúncia e o anúncio de processos de resistências nos territórios. Grande parte dessas contribuições, que justamente ampliam as vozes e permitem construir dinâmicas coletivas de escuta, está partilhada aqui.

Lutando cotidianamente contra o agronegócio, que insiste em transformar seus territórios amplos, diversos e coloridos em paisagens monótonas, mortas e envenenadas, redes extensas de comunidades têm o Cerrado como sua principal fonte de força e inspiração.

Destaca-se aqui a expansão do agronegócio no território intitulado de Matopiba, onde novas "roupagens" recobrem velhas práticas latifundiárias de empresas e do Estado.

Por outro lado, as experiências de resistência contam sobre as práticas tradicionais de convivência com o Cerrado e sua interação com os biomas da Caatinga e da Amazônia, também presentes nesse território. É nesse tecido de tramas que os povos seguem juntos construindo caravanas, campanhas e ações diretas de resistência e produção de vida.

> *"Uma coisa que a gente tem que pensar é na cultura que estamos perdendo. Quando acabamos com o pequi, ficamos dependentes do óleo de soja."*
>
> Agricultor do Assentamento Agroextrativista Americana, no município de Grão Mogol (MG)

TENDA DO CERRADO MINEIRO: NORTE DE MINAS

> *"Esta conversa demonstrou que nosso inimigo é o mesmo e que o seu enfrentamento depende da nossa união!"*

Sobre a chita colorida, ao centro da roda, jovens, agricultoras/es e técnicas/os reuniram uma grande variedade de sementes, frutos do Cerrado, bandeiras, instrumentos, plantas medicinais e produtos beneficiados nas cooperativas da agricultura familiar. Aos poucos e a muitas mãos, esses elementos se acomodavam entre fotografias, panfletos, cartilhas e painéis que sistematizam experiências construídas em diferentes territórios, tendo a conservação do Cerrado e a vida do seu povo como ponto de encontro.

Com a participação de jovens comunicadoras/es populares, que também contribuíram com a memória e o registro do espaço, a *Instalação Artístico-Pedagógica* ganhou forma quando se iniciou a acolhida das representações do Norte de Minas, nomeadamente do Alto Rio Pardo, Gerais da Serra (Riacho dos Machados e Grão Mogol) e São Francisco (Januária, São João das Missões e Buriti do Meio), além do Triângulo Mineiro (Uberlândia) e dos estados de Goiás e do Tocantins.

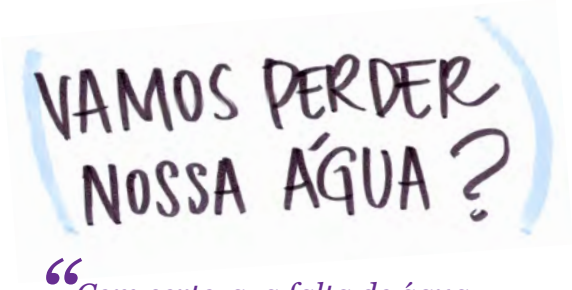
> *"Oi que alegria, oi que prazer! Oi que alegria estarmos juntos com você! Belo Horizonte hoje se sente feliz. Receber o IV ENA é o que a gente sempre quis!"*



Vozes que se encontram na defesa do Cerrado: depoimentos

> *"A cultura da soja, das monoculturas, está destruindo o Cerrado. A identidade territorial e cultural é importante, mas a luta pelos biomas brasileiros e a integração latino-americana não pode ser esquecida.*
>
> Representante de Sacramento, no Triângulo Mineiro

“Como forma de a gente resistir e dar visibilidade à luta, dois acampamentos foram levantados. O povo estava perdendo a cultura e sua identidade, e os acampamentos têm levantado essa questão. Os jovens não tinham consciência dos impactos da retirada de direitos na região. Conseguimos barrar uma licença da mineração [Sul Americana de Metais] e levantar dois acampamentos a partir da organização do Movimentos dos Atingidos por Barragens no município de Grão Mogol”, relata uma moradora de um acampamento no município de Grão Mogol e integrante do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Ela completa sua fala dizendo que *“Os geraizeiros são um povo de luta, um povo de resistência. O que estou observando aqui é a diversidade que nós somos. Nós somos diferentes, mas o que nos une é essa luta que a gente está fazendo contra a monocultura do eucalipto, contra as barragens lá na região de Grão Mogol e contra a mineração que veio para o nosso território.”*



“Com certeza, a falta de água vai ser uma devastação não só de pessoas, mas de tudo o que existe nesse bioma. O que existe aqui é a resistência do povo. Temos que refletir muito sobre como está a vida no nosso Cerrado e continuar resistindo contra a mineração. Tem audiências públicas sendo desmarcadas de última hora por um tal de Movimento Paz no Campo, que é uma articulação da sociedade rural contra os movimentos sociais do campo.

Agricultora familiar do norte de Minas

“A Articulação Rosalino Gomes de Povos e Comunidades Tradicionais é um movimento que articula e representa uma grande diversidade de povos — geraizeiras/os, veredeiras/os, indígenas, quilombolas, vazanteiras/os, apanhadoras/es de flores e catingueiras/os — em torno da luta territorial e de garantia dos direitos das comunidades tradicionais em toda a região do Norte de Minas e do Vale do Jequitinhonha.

Representante da Articulação Rosalino

“A monocultura destrói a vida das/os pequenas/os produtoras/es, pois tira suas oportunidades.

Agricultor veredeiro do município de Januária (MG) e representante do segmento da Comissão Estadual de Povos e Comunidades Tradicionais

“Não se traz uma semente porque se planta e porque se colhe, mas porque junto dela há muita história. Temos um objetivo principal, que é a luta pelo território. Por mais que estejamos encurralados, temos essa diversidade, porque temos onde plantar e onde colher. Se não tiver um pedacinho de terra, acaba tudo, acaba a vida. Aqui tem resistência porque quem faz faz porque gosta, porque nasceu resistindo e acredita no que faz! Quando se fala da semente que se está perdendo, quer dizer que se mata a cultura alimentar. E isso é perder toda uma história de vida, um conhecimento, uma tradição!

Agricultora do Assentamento Tapera, no município de Riacho dos Machados (MG), e representante da Rede de Agrobiodiversidade

“Hoje, vivemos outras formas de encurralamento que nos fazem perder nosso modo de viver, como a mineração, que está chegando agora na nossa região, assim como o eucalipto, que chegou antes, na década de 1970.

Agricultor geraizeiro do município de Rio Pardo de Minas (MG)

“A luta agora é por sobrevivência. Para mim, enquanto agricultora, enquanto guardiã da agrobiodiversidade, o eucalipto ainda é uma ameaça, mesmo consorciado, porque ele suga água! Sem água, ninguém vive. A luta agora é por água!

Agricultora do Assentamento Tapera, no município de Riacho dos Machados (MG), e representante da Rede de Agrobiodiversidade

“A mineração, que obriga as pessoas a se mudarem por causa da contaminação dos lençóis freáticos, torna o problema da extração de minérios pior que o problema do eucalipto. A água, além de ser pouca, hoje está nos poços artesianos”, alerta um assentado da reforma agrária em Uberlândia, que também denuncia a monocultura da cana e os venenos (agrotóxicos) jogados por avião em sua região. Em contrapartida, ele conta que produz no sistema agroflorestal, pois, assim, além de cultivar sem veneno, se planta floresta — usando até mesmo o eucalipto.

“A diversidade do Cerrado precisa ser mais conhecida, valorizada e divulgada nas feiras.

Mulher jovem da região do Alto Rio Pardo (MG)

> *“Em ano de eleições presidenciais, é preciso ficar atento. É ano de fazer uma nova política, de renovação. Os jovens precisam se conscientizar. Estamos perdendo a cultura e ficando dependentes. Ficamos sem valor e valorizamos o que vem de fora. Na década de 1970, quando cheguei, a monocultura de eucalipto no norte de Minas era para “trazer desenvolvimento”. A gente precisa fazer uma reflexão boa sobre esse “desenvolvimento”. A gente tem que fazer uma luta bem ampla e pensar bem na questão da política, pois tudo passa por ela, para não perder nossa cultura nem as coisas ao nosso redor.*
>
> Agricultor do norte de MG

Antes de começarem as apresentações das experiências, a representante da Coordenação do Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA-NM) explicou qual a dinâmica proposta para o espaço: *“Apresentar o bioma reconhecendo suas particularidades no território mineiro, denunciando os projetos que prejudicam o Cerrado e seu povo e anunciando propostas e potencialidades das nossas organizações”*. A facilitação do espaço ficou a cargo de outro companheiro do CAA-NM e de uma companheira da Rede Brota Cerrado, e a facilitação gráfica foi realizada por Adriana Drummond.

“É uma luta antiga pela preservação do Cerrado”, lembra a agricultora da comunidade Córrego Verde, no município de Riacho dos Machados (MG), que produz artesanato e trabalha com o extrativismo de produtos do Cerrado. Ela conta ainda que há muito tempo as comunidades de Córrego Verde trabalham para a valorização das comunidades tradicionais e que estão sofrendo com a monocultura de eucalipto e a mineração. A criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Tamanduá é uma estratégia que estão construindo como resistência, com conservação da água, dos produtos naturais e das plantas medicinais. A reserva está sendo criada para proteger o território e está contando com entidades parceiras.

“O Cerrado é um campo de disputa. A gente precisa disputar também no campo ideológico, da produção de conhecimento, da ciência”, aponta a professora da Universidade Estadual de Montes Claros (MG) e pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Investigação Socioambiental (Niisa). Para ela, estamos na terceira revolução verde, a da biotecnologia. A diversidade aqui representada pela agroecologia é outro campo, oposto aos grandes projetos que silenciam a vida. Ela aponta que é importante ter consciência de que *“a monocultura não é só monocultura de árvores, é a monocultura de ideias. As forças da agroecologia precisam se articular.”*

"O grande produtor planta visando ao lucro, e não visando ao consumo do povo. A monocultura traz muitos danos", diz o representante da Comunidade Batalhas, que ainda compartilha que sua comunidade vive recuada pela grilagem de terra, mas que está se reorganizando e buscando seus direitos.

"Nós trabalhamos com a medicina natural e mantemos nossa cultura cultivando a partir das necessidades cotidianas. A natureza retribui. Tudo o que se faz com a natureza retorna para a gente. É preciso sensibilizar as pessoas sobre agroecologia para um futuro melhor. Tentar recuperar aquilo que perdemos", avalia o agricultor do Quilombo Buriti do Meio, no município de São Francisco (MG). Ele diz que estão numa região muito seca e que sofrem com a falta de água e com as queimadas, em decorrência do clima seco e da ação humana. A comunidade até tinha muita água, mas descobriram que os fazendeiros destruíram as matas dos córregos para fazer pasto ou para novas monoculturas.

"Quanto mais diversidade, mais possibilidades de vidas", diz um agricultor de Januária, que vê a necessidade de pensar alternativas de conservação. Ele cita o exemplo do *Projeto Peruaçu*, que busca conservar e valorizar os frutos do Cerrado a partir da formação de uma cooperativa (com apoio da Cáritas e de outras entidades).

"Temos que levantar essa bandeira. Essa bandeira que é, nada mais nada menos, a preocupação com a nossa Mãe Terra, a importância dos territórios, a importância das comunidades, porque são elas que alimentam a humanidade", alerta a cacique indígena da etnia Tuxá, integrante da Articulação Rosalino e membra do Comitê Gestor do FIP-DGM. Ela defende a importância da educação contextualizada para a formação de lideranças, fala da riqueza do Cerrado, essencial à vida humana, e reforça a importância das mulheres, apresentando a experiência do seu povo, cuja retomada territorial foi conduzida por duas mulheres. Coloca sua expectativa de que, além da troca de experiência, o ENA seja também um espaço de propostas, encaminhamentos coletivos e resultados.

Como destaques e propostas deste seminário, podem-se citar:

- Os processos de organização comunitária e formação de núcleos de base como forma de enfrentamento.
- As agroflorestas, que são formas de "produzir muito em uma área pequena, produzir com grande diversidade e sem usar agrotóxico".

- A importância dos projetos de convivência com o Semiárido — construção de cisternas para captação de água das chuvas — para produção e consumo das comunidades.
- O agroextrativismo e o cooperativismo como formas de geração de renda, valorizando os frutos nativos do Cerrado e a cultura alimentar dos povos.
- A criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Tamanduá, na região de Riacho dos Machados, como forma de garantir a preservação do Cerrado pelas comunidades.
- A necessidade de o poder público incorporar a importância e a diversidade da agricultura familiar, dando popularidade às experiências e reforçando a importância da agroecologia também no campo da pesquisa.
- O alerta de que as forças da agroecologia precisam se unir, se articular e disputar os campos da produção, da ideologia, do conhecimento e da ciência.

TENDA DO CERRADO DO MATO GROSSO E DO MATO GROSSO DO SUL

"Dizem que Mato Grosso é o coração do agronegócio, mas, pra começar, o agronegócio não tem coração!"

Pelas mãos de mulheres que plantam e cuidam de sementes, frutos, raízes e tantas outras riquezas do Cerrado, a *Instalação Artístico-Pedagógica* do bioma que recobre parte do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul foi construída para acolher o relato das experiências do Grupo de Intercâmbio em Agroecologia (Gias) e da Associação de Produtores Orgânicos do Mato Grosso do Sul (Apoms).

Saudando as animadoras de sementes desses territórios, este seminário territorial teve o Cerrado, berço de nossas águas e guardião de tamanha biodiversidade, como ambiente de trocas. Antes de começar a apresentação das experiências, as/os participantes foram convidadas/os a observar, em silêncio, as fotos, as bandeiras e os objetos dispostos na tenda.

Não deixe de ver: poesia *Semente*, de Maria Eliane Pereira (Caderno 7 do IV ENA)

GRUPO DE INTERCÂMBIO EM AGROECOLOGIA (GIAS) - MT

"Tem que escolher a lua. O Gias tem toda essa tradição de escolher a lua, a semente, a forma de armazenar, para não ter perda."

Agricultora de Mato Grosso e integrante do Gias

Ao apresentar o Gias, a agricultora mostra o milho que trouxe para o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA) como exemplo. Ela diz que suas sementes precisam ser armazenadas com cinzas para que permaneçam saudáveis, lembrando que, assim como o milho, cada semente precisa de um cuidado específico. Reforçando o papel das mulheres na construção da agroecologia, o Gias foi apresentado por quatro animadoras de sementes.

O grupo é produto de uma articulação territorial no estado do Mato Grosso que já possui mais de 15 anos de história, abrangendo, além do Cerrado, o Pantanal. Contando com representações de diferentes movimentos sociais e organizações no estado do Mato Grosso, o Gias reúne: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase), o Movimentos das Mulheres Camponesas, a Federação das e dos Estudantes de Agronomia (Feab) e o Centro de Tecnologias Alternativas (CTA-Mato Grosso).

"As organizações são instrumentos de resistência ao agronegócio, às mineradoras, aos latifúndios, aos criadores de gado." Outra agricultora integrante do Gias lembra que, por trás de tanta beleza do Cerrado e do Pantanal mato-grossense, há enfrentamentos diretos pela defesa dos territórios.

Para o Gias, a agroecologia — como projeto de emancipação dos povos e da classe trabalhadora, de valorização dos modos de vida tradicionais, de estreitamento das relações entre as pessoas, do valor da solidariedade, do trabalho, do companheirismo, da saúde e do cuidado com a vida — é incompatível com a violência contra as mulheres, em suas diferentes formas, ou com qualquer manifestação de racismo.



"As sementes crioulas não se acham em qualquer lugar, são compartilhadas como os saberes ancestrais que as garantem florescer". Quilombolas, indígenas, raizeiras, assentadas e agricultoras são as guardiãs da sabedoria e soberania alimentar e da preservação das águas. Quem faz e acontece a essência da agroecologia no dia a dia são principalmente as mulheres, que catam, manejam, armazenam, cuidam, resgatam as sementes. Como partilhado no seminário, o Gias busca criar unidade nos movimentos sociais do campo, com a retomada da cultura camponesa, em torno das lutas e do projeto de sociedade para uma vida digna.

ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES ORGÂNICOS DE MATO GROSSO DO SUL (APOMS)

> *"A irmandade construída entre quilombolas e indígenas é muito importante para a preservação das nascentes e suas águas, além de necessária para enfrentar o agronegócio."*
>
> Representante quilombola e integrante da Apoms

O representante quilombola diz da importância da Associação dos Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul (Apoms) para levar o alimento cultivado em suas terras para outras localidades. Ele lembra que, devido à dificuldade que possuem quanto ao transporte, a articulação da associação é o que tem permitido contribuir com o abastecimento da alimentação escolar.

Pela primeira vez a Apoms participa de um ENA. O companheiro e coordenador técnico explica que a articulação começou na cidade de Glória de Dourados, no Mato Grosso do Sul, estado que abriga três biomas: o Cerrado, o Pantanal e a Mata Atlântica.



As atividades se iniciaram em 2000, na Mata Atlântica, com a produção de café orgânico. Num primeiro momento, houve certa dificuldade para o reconhecimento e a credibilidade do processo de produção, o que foi sendo alcançado após a auditoria e certificação do produto. Este trabalho possibilitou o crescimento da associação, que hoje atua em rede em dez municípios, passando por Bonito e chegando ao Pantanal.

"*Em cada município em que está a associação, é organizado um núcleo.*" Valtair explica que a Apoms tem buscado autonomia para a comercialização por meio de um processo de certificação participativa e do fortalecimento da cooperativa. A distância entre as comunidades associadas é custosa para a comercialização dos produtos, aliada à dificuldade de se conseguir assistência técnica e acesso ao crédito. Por isso, é necessário que esse processo seja pensado de forma mais coletiva, estando próximo à base das/os agricultoras/es, sendo algumas/ns delas/es povos indígenas e quilombolas.

A Apoms tem sido muito importante para a afirmação e o reconhecimento das/os agricultoras/es, tornando-se certificadora junto ao Ministério da Agricultura e estabelecendo parcerias produtivas com a CPT, Cáritas, Embrapa, além de manter o diálogo aberto com órgãos como prefeitura, universidade, institutos de pesquisa e outros grupos de agricultoras/es. Essa articulação tem proporcionado algumas iniciativas, como gestar uma cooperativa de crédito solidário em Glória dos Dourados. A associação também oferece uma central de formação para capacitação e orientação técnica para agricultoras/es.



Vozes que se encontram na defesa do Cerrado: depoimentos

"Precisamos nos fortalecer e resgatar a sabedoria de nossos antepassados, rever essa falta de conexão com a natureza", afirma o representante da Federação Nacional das Associações Quilombolas (Fenaq), morador da Comunidade São Tomé, no norte da Bahia. Ele fala sobre as afetações trazidas pelo modelo de desenvolvimento vigente e como os quilombolas têm sido resistência a essa cultura que não os representa. Sua comunidade trouxe raízes e sementes crioulas de seus ancestrais para o Encontro. A comunidade de São Tomé está localizada próxima ao Rio Salitre, afluente do Rio São Francisco, sendo atingida por barramentos irregulares, que desconsideram os povos que vivem no território. *"Estamos no comitê por luta! Sem aparências."* Ele ainda reforça que não há uma política de governo que priorize a governança de águas, que deve ter a participação de todos, como no comitê de bacias hidrográficas e no Programa Nacional de Bacias Hidrográficas. *"As crianças estão interessadas, envolvidas, guardam consigo a semente da mudança."* Apesar de tantos retrocessos, ele acredita em iniciativas como a *Conferência Infantojuvenil pelo Meio Ambiente,* que presenciou, este ano, em Salvador.

"Resistência para uma universidade pública e com qualidade! Que o curso de Agronomia esteja a serviço das pessoas e da vida", defende o representante estudantil de Agronomia de Sinop (MT). Junto ao movimento estudantil da Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (Feab), ele tem organizado estágios de vivência nos assentamentos da reforma agrária e o Encontro Regional de Agroecologia, construindo a resistência dentro e fora das universidades.

"Tem-se percebido uma mudança nos hábitos alimentares das crianças, que estão se mostrando muito interessadas em conhecer a agroecologia", observa a estudante de Agronomia de Sinop (MT). Ela relata a experiência do movimento estudantil na construção de hortas em escolas estaduais envolvendo crianças de 5 a 9 anos, onde é realizado o plantio e a coleta dos alimentos que serão utilizados na alimentação da própria escola.

"A mobilização criada em torno da participação na feira criou um sentimento de orgulho nas agricultoras, deixando de lado o receio de se dizerem como assentadas", conta a estudante de Geografia de Três Lagoas (MS) e integrante do Núcleo de Estudos de Agroecologia da Universidade (NEA). Ela traz a experiência do Assentamento 20 de Março, que expõe seus produtos há 5 anos em uma feira organizada no *campus*. A feira acontece semanalmente, sendo possível comprar a sacola, composta por oito alimentos sazonais. As assentadas perceberam que a venda da sacola era uma forma de garantir que os alimentos saudáveis chegassem às pessoas sem passar por atravessadores.

"Diante desse contexto, é necessária uma disputa ideológica por uma perspectiva da educação popular contra o agronegócio, trazendo a discussão da agroecologia para a sociedade, com a universidade articulada às/aos agricultoras/es e movimentos sociais, com foco nas mulheres e nas juventudes", avalia o estudante de Geografia da UFG e integrante do Centro Vocacional Tecnológico (CVT) da UFG, grupo que constrói, com outras organizações, o Encontro de Raizeiros, Parteiras, Benzedeiras e Pajés da Chapada dos Veadeiros.

"Como vamos ter saúde se não nos reeducarmos? Se nos iludimos com supermercados de luxo? Devemos alimentar nossa família com o que vem da terra, temos que manusear a terra, sentir o sabor da terra", questiona a representante do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) no Assentamento Itamarati – Ponta Porã (MS). Ela diz que, no assentamento, as mulheres fazem doces com frutos do Cerrado e usam as hortaliças para a produção de massas, como macarrão de cenoura e de beterraba, para serem vendidas na feira do município de Ponta Porã. A agricultora também traz à tona a discriminação racial direcionada a essas guardiãs: *"Senti a discriminação nos eventos de que participei. Há tanta violência no mundo. Mortes, como o assassinato de Marielle"*. Ela termina dizendo: *"Mulheres, olhem umas paras as outras e se reconheçam! Devemos nos unir, não discriminar! São as mulheres, principalmente as negras e indígenas, que guardam esse saber. Quem faz as agroecologias são as mulheres. Catar as sementes, produzir os remédios. Queremos nossa cultura de verdade, nossa origem indígena e negra. A nossa luta é todo dia, somos memória da agroecologia!"*.



"O que você planta é como se fosse uma filha, um filho seu. É uma parte de você que está ali. O adubo vem pela voz, pelo canto", relata uma indígena, acrescentando que foi demarcado apenas um território indígena para 16 povos conviverem, com modos de vida, línguas e cultura de roça diferentes. Diante dessa situação, a associação indígena tem se mobilizado para que cada povo compartilhe suas experiências com os demais. Depois de muita luta, a associação tornou-se certificadora, e seus alimentos são vendidos aos mercados locais.

"A produção dos alimentos orgânicos tem sido um contraponto à destruição do Cerrado", diz outro representante dos povos do Xingu, reforçando que antes da certificação não se conseguia mercado para comercializar sua produção. Hoje em dia, já há o reconhecimento de que oferecem um bom alimento.

"É um prazer ouvir mulheres falando do caminho de resistência que estão construindo juntas", afirma a educadora em História na Escola Margarida Alves, Ilhéus (BA). Ela conta que a Escola Margarida Alves é um centro de formação, de defesa e proteção da mulher que também acolhe jovens e crianças e que atua com comunidades do campo e junto a quilombolas. Entre as discussões propostas pela escola estão: quem produz? Quais são os empecilhos para a participação das mulheres nos cursos e na produção? Quais são os diversos tipos de violência que afetam as mulheres, como a violência patrimonial? A educadora fala que o trabalho não é realizado somente com as mulheres, sendo feitas discussões também com os homens sobre a masculinidade negra, para que possam romper com o patriarcado; e com os jovens, para que percebam como se dão as relações de gênero. Ela também conta que foi lançada uma revista em comemoração aos vinte anos da escola sobre a temática da violência obstétrica e a Lei Maria da Penha.

"Quero uma velhice saudável, entrei na universidade e depois nunca mais deixei de estudar e defender as mulheres", garante a agricultora e assentada do Gias. A discussão sobre a violência dirigida às mulheres encorajou a agricultora a relatar a violência que sofreu em sua casa, localizada no assentamento. Ela sempre morou e criou seus filhos sozinha e nunca imaginou que pudesse passar por essa ameaça. Abalada com a situação, mobilizou e mobiliza seus vizinhos sempre que está no assentamento, uma vez que o acontecimento tem afetado a sua presença e seu trabalho por ali. A narrativa trazida por ela demonstra como a violência contra a mulher cria impedimentos para que possam produzir e cultivar os produtos agroecológicos.

"A violência contra as mulheres Myky impediu que elas estivessem aqui agora. Nenhuma delas pode vir ao ENA", denuncia o integrante do Cimi e do Gias. Ele aponta para um lado da tenda no Parque Municipal e lembra que um dos artesanatos presente na ornamentação do espaço foi produzido pelas mulheres Myky. Elas plantam o algodão para tecer e fazem as cordas da rede com material que pegam nos tucunzais localizados nas fazendas. Os proprietários têm cortado os tucunzais, gerando não somente uma

perda material como também cultural para as mulheres. Em 2015, quando chegou à aldeia como educador, eram 8 roças, agora já são mais de 18. O integrante apresentou 2 educadores do povo, 1 mestre ancião, Xinuxi Myky, e 1 jovem discípulo, Tipiu Myky, para falarem de suas roças.

O indígena afirma que estão retomando a horta comunitária "*para plantar feijão favo e milho fofo*". *"Antigamente tinha muita roça tradicional, e rituais eram feitos. Agora, as sementes estão se perdendo, mas o povo tem se preocupado em resguardá-las. Daqui um tempo teremos muitas"*, termina o indígena, dizendo que o povo Myky tem sido diretamente afetado pelo desmatamento na região.

"Muitas pessoas hoje em dia não sabem o que é a gabiroba, a mangaba, mesmo sendo um fruto predominante em Goiás. A agroecologia não é só a plantação, é também o agroextrativismo. Precisamos nos juntar para lutarmos pelo Cerrado", diz o agricultor do Assentamento Pequena Vanessa (GO) e integrante do MST. Ele fala do trabalho necessário para unir as/os pequenas/os produtoras/es para alcançar o mercado justo, aliado com a conservação do Cerrado, já que este bioma está sendo massacrado. Ao abordar as complementariedades entre o extrativismo e o cultivo agroecológico, ele fala da preocupação com a possibilidade de extinção de muitas espécies, como os frutos do Cerrado. O agricultor também manifesta solidariedade ao povo Myky, que tem sido atingido pelo desmatamento em sua terra: *"Começam e fazem no meio, vem crescendo, crescendo, como um câncer pelas beiradas, até matar tudo. Me sinto agredido quando um povo indígena diz que o desmatamento tá chegando perto de sua aldeia"*.

"Nós somos donas de casa, conselheiras, estamos em muitos espaços na aldeia. Agradeço a todas as mulheres que tomaram a frente. Já pensei em desistir, mas estando próximas umas das outras, e também das organizações de base, resistimos! Queremos as mulheres falando por elas, por nós!", declara a representante indígena de Mulheres do Mato Grosso. Ela também fala sobre os vários obstáculos que a violência contra a mulher, em suas diferentes manifestações, impõe às mulheres indígenas para ocuparem espaços de poder. Há desconfiança e desmerecimento por parte dos homens com o trabalho das mulheres mesmo na agroecologia. A agroecologia se faz e se renova no dia a dia da aldeia, sendo as mulheres as principais responsáveis, já que são elas que cuidam das sementes.

TENDA DO MATOPIBA

No dia 06 de maio de 2015, o Decreto nº 8.447 criou o Plano de Desenvolvimento Agropecuário do Matopiba, que abrange territórios dos estados do Maranhão, do Tocantins, do Piauí e da Bahia. Ao todo são 337 municípios e uma área total de 73.173.485 hectares, que, segundo o governo, serão usados para "promover e coordenar políticas públicas voltadas ao desenvolvimento econômico sustentável fundado nas atividades agrícolas e pecuárias que resultem na melhoria da qualidade de vida da população".

Os movimentos sociais da região, no entanto, desde então, criticam a falta de participação social nesse processo e denunciam expulsões de populações e povos tradicionais de suas terras. Segundo Paulo Rogério Gonçalves, da Alternativas para a Pequena Agricultura no Tocantins (APA-TO), com esse projeto o Cerrado será ainda mais devastado; e o agronegócio, fortalecido. Em defesa do eucalipto, da soja e da pecuária, dentre outros setores, o governo prejudicará ainda mais a luta centenária de quilombolas, indígenas, quebradeiras de coco e outros segmentos tradicionais da região, complementou.

De acordo com Paulo, o projeto afirma uma ação de avanço do agronegócio nessa região, que vem se dando há algumas décadas. Pega 73 milhões de hectares nos estados do Tocantins, do Maranhão, do Piauí e da Bahia. É um processo violento de grilagem, porque há, nessa região, muitas comunidades quilombolas, povos indígenas, populações tradicionais, quebradeiras de coco e um conjunto de comunidades camponesas que vêm sofrendo há décadas uma violenta expulsão através do processo de grilagem para a expansão das monoculturas. No fundo, o Matopiba fortalece o processo de violência agrária, e querem aportar mais capital para que isso continue. Por outro lado, essa grande região é a mais preservada de áreas remanescentes de Cerrado que temos no Brasil. Será a destruição do Cerrado para a expansão das monoculturas. O terceiro impacto é que esses quatro estados são os que têm um índice altíssimo de trabalho escravo. Todo esse processo de violência agrária e ambiental vem junto com um processo de escravização das/os trabalhadoras/es para o preparo de solo, limpeza de terreno e plantação do agronegócio.

Nessa região, há um número muito grande de comunidades quilombolas. Só no Tocantins, são mais de 50 identificadas, e o número é muito maior. Nenhuma delas tem seu território titulado, e isso acaba se repetindo na Bahia e no Maranhão.



Inúmeras comunidades quilombolas teriam de ter seus territórios regularizados para conseguir acessar um conjunto de outras políticas produtivas e de desenvolvimento. Segundo o representante da Apato, *"Observamos também que, no Brasil, não há até hoje políticas estratégicas para garantir o desenvolvimento do extrativismo, numa região de Cerrado que tem uma diversidade enorme de produtos: pequi, gabiroba, buriti, etc. Então tem até hoje extrativistas sendo expulsos, as espécies sendo derrubadas e não tem política de regularização das terras nem de apoio às unidades produtivas que essas comunidades desenvolvem"*.

SÁ, Eduardo. MATOPIBA: "É um processo violento de grilagem para expansão das monoculturas". *Articulação Nacional de Agroecologia*, 16 nov. 2015. Disponível em: https://agroecologia.org.br/2015/11/16/matopiba-e-um-processo-violento-de-grilagem-para-expansao-das-monoculturas.

Durante o seminário do IV ENA, observamos que é justamente nas áreas mais preservadas do Cerrado que essas comunidades tradicionais moram e manejam os agroecossistemas, sendo elas, portanto, responsáveis pelo "Cerrado vivo". A luta contra a expansão do agronegócio e a defesa do território estão relacionadas às questões ambientais, fundiárias e culturais, pois, como visto nas apresentações do seminário, os territórios possuem esse sentido simbólico e político, em que a soberania alimentar, os modos de vida, a organização da produção e a perspectiva espiritual caminham juntos.

O seminário começou com a apresentação da região chamada de Matopiba e do processo da Caravana Agroecológica e Cultural realizada no sul do Piauí. A Caravana foi realizada devido à forte demanda das comunidades locais frente às violações de direitos humanos e territoriais e ocorreu em parceria com vários movimentos sociais e organizações

internacionais e nacionais. A expropriação realizada pelos fazendeiros é marcada por uma sequência de atos de violência contra as comunidades. Cinco experiências de resistência foram apresentadas, sendo elas: Sabores e Fazeres Quilombolas: a Cartografia Social do Jalapão e do Sudoeste do Tocantins; Pescadores Artesanais e Povos de Matriz Africana do Terreiro do Egito; Comunidade do Cajueiro, São Luís (MA); Campanha em Defesa do Cerrado; e Campanha Não ao ProSavana.

SABORES E FAZERES QUILOMBOLAS: A CARTOGRAFIA SOCIAL DO JALAPÃO E DO SUDOESTE DO TOCANTINS

O coordenador de jovens atuante no projeto de cartografia social conta que os mapas, construídos em 38 comunidades quilombolas, retratam a luta desse povo no estado. Ele explica que a cartografia social contribui para a compreensão do território, suas ameaças e potências.

> *"Os mapas mostram a luta e a história que merece ser contada. Nossa produção é através da roça de toco, nossa área é muito pequena, fazemos rotatividade para não degradar o solo. É muito difícil no nosso estado, a chuva tem sido muito pouca. Nossa produção é agroecológica de baixo impacto para a natureza e para as pessoas. As roças associadas ao gado criado na solta e o extrativismo conseguem manter o Cerrado vivo, é um sistema de produção e manejo que mantém as lógicas e dinâmicas naturais."*

Ele fala também sobre a metodologia adotada para a realização do trabalho. *"É muito interessante a dinâmica para a cartografia social. Trouxemos a comunidade para o trabalho, quem fez o trabalho foi principalmente a comunidade. Uma dinâmica que merece ser levada para a academia e para as associações, merece ênfase."*

A partir dos projetos das cartografias, reforçou-se a necessidade de produção e arquivamento de documentos que registrem seus territórios e sistematizem seus saberes. *"Esse diálogo possibilita que as comunidades tenham controle e aprimorem seus processos produtivos e a gestão do território."* Além desses avanços, com a cartografia social acontecem diálogos entre gerações, pois os jovens entrevistam os mais velhos. *"Todos os processos foram feitos pela juventude das comunidades. É importante o diálogo com a juventude por meio da tecnologia. A gente entende que é importante o protagonismo de seus conhecimentos e gestão, eles possuem seu escritório de gestão de territórios."*

COMUNIDADE CAJUEIRO, SÃO LUÍS (MA)

A memória de luta da Comunidade Cajueiro tem seus primeiros registros ao final da década de 1960, no regime militar, quando houve grandes projetos, como a ferrovia Carajás, que construiu um complexo portuário na Ilha de São Luís, criando conflito com as comunidades tradicionais, as/os pescadoras/es e as/os agricultoras/es familiares.

A reserva extrativista (Resex) foi construída a partir da luta das comunidades adjacentes, e, em 1996, o título de assentamento de reforma agrária para a Comunidade Cajueiro é concedido, criando um grande assentamento para 12 comunidades. Ao longo desses anos, muitas lutas foram travadas, entre elas a disputa com a madeireira Suzano Papel e Celulose.

Áreas de ocupação comunitária histórica, como de terreiro e de pescadoras/es, sofrem com as ameaças da siderurgia, a instalação de hidrelétrica e a pressão de jagunços. *"Os peixes, o camarão, o caranguejo, tudo tem desaparecido. A ampliação do porto vai desmatar uma grande área de mangue para construir tanque de abastecimento. Há vários pássaros que moram nas palmeiras que foram derrubadas. Onde querem construir o porto é uma das maiores áreas de pesca de camarão. No Maranhão, todo mundo pesca, mas nem todo mundo é pescador. O extrativismo é o salário de muita gente. Muita gente sai da comunidade e acaba indo para favelas. Há um movimento de resistência. A CPT, entre outras organizações, nos apoia. Se não fossem eles, não haveria a Comunidade Cajueiro. Infelizmente, o Cajueiro ficou de fora da Resex."*

"Apesar de a comunidade estar regularmente assentada pelo Instituto de Colonização e Terras do Maranhão (Iterma), a empresa WPR São Luís Gestão de Portos e Terminais alega ser proprietária de boa parte da localidade. Os moradores de Cajueiro e o MPF alegam que o consórcio tenta driblar as legislações ambientais e de zoneamento para colocar de pé seu projeto de R$ 1,5 bilhão em parceria com o conglomerado China Communications Construction Company (CCCC)."[2]

PESCADORES ARTESANAIS E POVOS DE MATRIZ AFRICANA DO TERREIRO DO EGITO

O Terreiro do Egito, considerado território sagrado por antigos moradores e por praticantes do Tambor de Mina, religião de matriz africana presente no Maranhão, está localizado na Comunidade Cajueiro, às margens da Baía de São Marcos, município de São Luís do Maranhão, na porção sudoeste da Ilha do Maranhão. Desde os anos 1980, o terreiro tem sido ameaçado pela expansão do Complexo Portuário de São Luís e por atividades industriais.

---

2. *Trecho reproduzido da matéria* A luta travada pela comunidade de Cajueiro (MA) pelo direito de continuar existindo*, que está disponível no* site *do Brasil de Fato e que conta com um vídeo-documentário: https://www.brasildefato.com.br/2018/04/24/a-luta-travada-pela-comunidade-de-cajueiro-ma-pelo-direito-de-continuar-existindo.*

CAMPANHA EM DEFESA DO CERRADO[3]

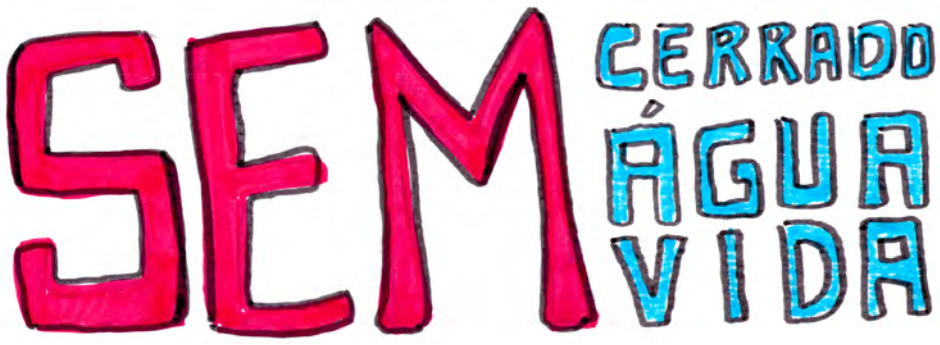
A ideia começou a ganhar as comunidades do Cerrado, organizações ambientais ou sociais, pastorais, entidades religiosas, movimentos sociais, ONGs e por aí vai. Hoje, são 43 diferentes organizações que compõem a Campanha. São chamadas de *Organizações Promotoras da Campanha*. Além disso, em nível estadual, as organizações e as comunidades do Cerrado têm se articulado com diversas/os parceiras/os. A campanha tem envolvido inúmeras pessoas, mas o desafio é ir além: atingir populações que estão fora do bioma Cerrado. Gente que, em sua maioria, não sabe da importância desse bioma para sua vida.

"*A campanha tem várias dimensões. Uma delas é dar visibilidade à presença da diversidade humana, cultural e natural do Cerrado. Outra é visibilizar a importância do bioma para o conjunto da vida em outras regiões, isso quanto à questão da água, por exemplo. E ainda, por outro lado, mostrar como tudo isso está em risco. Por isso não é só uma campanha dos povos e das organizações do Cerrado, mas de todas/os as/os brasileiras/os*", destaca Gilberto Vieira, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), organização que compõe a Campanha.

A água é o tema central da campanha, mas como se deu essa escolha? O Cerrado é conhecido como "a caixa-d'água do Brasil" e "o berço das águas", pois é nesse espaço territorial onde nascem as três principais bacias hidrográficas da América do Sul: Amazônica/Tocantins, São Francisco e Prata. "*Nós dependemos de água para viver. 70% do nosso corpo é água", ressalta Isolete Wichinieski, da CPT Goiás. "Defender o Cerrado é preservar as águas, é preservar a vida, e todas/os são responsáveis por isso*", completa.

Nessa região, há um número muito grande de comunidades quilombolas. Só no Tocantins, são mais de 50 identificadas, e o número é muito maior. Nenhuma delas tem seu território titulado, e isso acaba se repetindo na Bahia e no Maranhão. Inú

3. *Texto reproduzido da matéria* Você já conhece a Campanha em Defesa do Cerrado?, *disponível em: https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/articulacao-cpt-s-do-cerrado/3557-voce-ja-conhece-a-campanha-em-defesa-do-cerrado.*



CAMPANHA *NÃO AO PROSAVANA*

Nove organizações da sociedade civil moçambicanas lançaram, em 2014, uma campanha designada *Não ao ProSavana*, na qual pretendem construir uma agenda pública de luta com o objetivo principal de deter e paralisar todas as ações e os projetos em curso sobre o programa. O ProSavana é considerado um programa voltado para o agronegócio e nocivo à agricultura moçambicana.

As vozes que se somam às lutas contra o Matopiba: depoimentos

> *"No campo, tem gente há centenas de anos. Mas não podemos produzir agroecologicamente porque derrubam venenos, de aviões, nas nossas áreas.*
>
> Representante da Contag

> *"No Paraguai, há 22 sementes transgênicas que foram liberadas em torno de 5 anos.*
>
> Representante do Paraguai

> *"Políticas públicas também são sementes. A comunicação é o principal gargalo.*
>
> Liderança quilombola do Rio de Janeiro

> *"O desmatamento do Cerrado está diretamente ligado à produção de carvão vegetal.*
>
> Agricultor de Goiás

> *"60% das terras do estado do Piauí são terras devolutas.*
>
> Representante da Rede de Agroecologia do Piauí

> *"É importante a centralidade dos territórios para a agroecologia acontecer.*
>
> Representante do Rio de Janeiro


DENÚNCIAS
JUVENTUDE DESILUDIDA C/ A POLÍCIA
POÇOS ARTESIANOS CONTAMINADOS PELA MINERAÇÃO
PRODUTORES ORGÂNICOS OPRIMIDOS PELA MONOCULTURA
ENCURRALAMENTO EM TODOS OS SENTIDOS
CONTRA A MONOCULTURA DO EUCALIPTO QUE GRILOU AS TERRAS DO POVO
EUCALIPTO "GRANDE LUTA CONTRA"
PECUÁRIA LEITEIRA E ESCRAVIDÃO
DIFICULDADE DE CONCIENTIZAÇÃO
ORGÂNICOS DIFERENTES POUCO ACEITOS
ROLO COMPRESSOR
CANA DE AÇUCAR SOJA E MILHO MINERAÇÃO
QUEM PLANTA SÓ PENSA EM LUCRO?
QUILOMBOLAS PERDENDO TERRITÓRIOS
AS QUEIMADAS AINDA EXISTEM
CUIDADO COM AS FORÇAS QUE TIRAM AUTONOMIA
CAPITAL ARMADILHA A AGROECOLOGIA
INDÍGENAS ASSASSINADOS
FECHAMENTO DAS ESCOLAS RURAIS
ADEQUAÇÃO DA EDUCAÇÃO
Resistência
Caminhada
Resgate
Cultivar
força
persistência
União
teimosia
Amor
Educação
Cultura
troca
ANÚN
CERRADO
IV E


PROPOSTAS
MINEIRO
VALORIZAR A CULTURA NATURAL
AGUA E ENERGIA NÃO SAO MERCADORIA
LUTA PELO TERRITORIO
+FORTE É A UNIÃO
NÓS É QUE PRECISAMOS DA NATUREZA
CONGRESSO +A FAVOR DOS POBRES
CERRADO É AGUA
MULHERES JUNTAS SE FORTALECEM
VENENO DE AVIÃO C/ AGROTÓXICO
QUEM PRECISA DO EUCALIPTO?
EUCALIPTO SER TRANSFORMADO EM ADUBO?
O CERRADO É UM CAMPO DE DISPUTA, A REVOLUÇAO VERDE NÃO ACABOU
A CIÊNCIA PODE AJUDAR
LUTA PELA AGUA
CULTURA ALIMENTAR JÃO SEMENTES QUE CONTAM HISTORIA DE VIDA
TUDO QUE FAZEMOS A NATUREZA... VOLTA
MONOCULTURA DE IDEIAS COMO QUEBRA-LAS
CAROLINA DE JESUS SIMBOLO DE LUTA
PARQUES E AREAS DE PRESERVAÇÃO TEM QUE SER GERINDO POR PESSOAS QUE VALORIZAM A VIDA
HORTAS E PLANTAS MEDICINAIS SÃO ENFRENTAMENTO
ARTICULAÇÃO QUE CONECTA OS POVOS ORIGINARIOS NOS CONSELHOS
RECUPERAÇÃO DAS VEREDAS
ORA TYCIA: AUMENTAR PLANTIO
Confiança
Motivação
Articulação
Indignação
formação
Conciência
Coletivo
denuncia
IV ENA
ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA
AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADE


SEMENTE
É MEMÓRIA
HISTÓRIA
ANCESTRALIDADE
FUTURO
"TEM A LUA CERTA, A SEMENTE BOA..."
NÃO DEIXAR QUE SE PERCA!
SEMENTE DE VERDADE NÃO SE ACHA EM QUALQUER LUGAR... É PASSADA DE PAI PARA FILHO!
PÕE A SEMENTE NA TERRA, NÃO SERÁ EM VÃO
NÓS, MULHERES DO CAMPO, É QUE FAZEMOS A AGRO-ECOLOGIA. COLHEMOS, PLANTAMOS, CUIDAMOS, GUARDAMOS SEMENTES...
NOSSA LUTA É TODO DIA! SOMOS SEMENTES DA AGROECOLOGIA
A VIOLÊNCIA CONTRA MULHER NÃO É O MUNDO QUE A GENTE QUER!
CONTRA TODOS OS TIPOS DE VIOLÊNCIA
SEM FEMINISMO NÃO HÁ AGROECOLOGIA
CERRADO
MT e MS
Território Vivo!
Resistência e Luta
GIAS
GRUPO DE INTERCAMBIO EM AGROECOLOGIA
MT
PROJETO DE VIDA
Para além da Produção
VALORES
Trabalho
Arte
Relações
Afeto

RESISTÊNCIA

ENFRENTAMENTO
ao modelo político
EXPLORATÓRIO

Defesa do
TERRITÓRIO



CONTRA
Pulverização
Aérea

Defesa da
CULTURA

AUTONOMIA

REDES PONTES FORTALECIMENTO

UNIFICAR

APOMS Associação de Produtores Orgânicos do Mato Grosso do Sul

DIÁLOGO
entre núcleos

DO CAMPO
A CIDADE

CAPACITAÇÃO
dos produtores

DISTRIBUIÇÃO
Merenda Escolar

PARCERIAS

CERTIFICAÇÃO E CREDIBILIDADE

SABER

Reconhecer o verdadeiro
ALIMENTO

CUIDAR

OUVIR

Apreciar
COR
SABOR

VER

Viver em
COMUNIDADE

Trabalhar com
a TERRA

EDUCAR

MANEJAR

SENTIR

ANIMADORAS DE SEMENTES
INDÍGENAS
ESTUDANTES
ASSENTADOS
QUILOMBOLAS
RAIZEIRAS
EDUCADORES/AS
PRODUTORES/AS
CONSUMIDORES/AS

IV ENA
2018
BH/MG


IV ENA
RESISTÊNCIAS AO
DECRETOS!! LEIS!! DESTRUIÇÃO!!
PROGRESSO
O PLANO DE DESENVOLVIMENTO AGROPECUÁRIO DO MATOPIBA FOI CRIADO EM 2015 PELO GOVERNO FEDERAL. PARA PROMOVER E COORDENAR POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS AO DESENVOLVIMENTO DO AGRONEGÓCIO NOS ESTADOS DO MARANHÃO, TOCANTINS, PIAUÍ, BAHIA.
"O cerrado Sangra!..."
AGRONEGÓCIO
O AGRONEGÓCIO SÓ PRODUZ DINHEIRO
NÃO PRODUZ ALIMENTO
SEM CERRADO ÁGUA VIDA
GRILAGEM DIGITAL
O CADASTRO AMBIE
RURAL COMO INSTRUME
DISPUTA PELO TERRITÓ
CARTOGRAFIA SOCIAL
UNINDO GERAÇÕES
POVOS da RESISTENCIA!
MARANHÃO
TOCANTINS
PIAUÍ
BAHIA
MAPAS
MAPAS
CARTOGRAFIA Social do Povo QUILOMBOLA (RESPONSÁVEIS PELO CERRADO VIVO)
AS ÁREAS DE PRESERVAÇÃO SÃO AS ÁREAS DE POVOS TRADICIONAIS!
SABERES E FAZERES TRADICIONAIS: O TERRITÓRIO É NOSSO! NOSSO PROTAGONISMO NA GESTÃO.
PESCADORES ARTESANAIS E POVOS DE MATRIZ AFRICANA DO TERREIRO DO EGITO. (SÍTIO ARQUEOLÓGICO)
POR TODA AMÉRICA LATINA HÁ RESISTÊNCIAS AO AGRONEGÓCIO, AO CAPITAL!
"SOMOS POVOS DO CERRADO,
TEMOS DIREITOS, A NATUREZA TEM DIREITO
O CERRADO PERDEU O CHEIRO, ACABOU O
CAJU DO CAMPO, AS NASCENTES SECAR
O CERRADO ESTÁ CLAMANDO POR VID
APARECIDA, COMUNIDADE QUILOMBOLA GROTÃO, TOCANTINS


MATOPIBA
- Apoio às comunidades quilombolas;
- Plano de Gestão conjunto com a Cartografia Social;
- Reconhecimento pelo governo da RESEX;
- Campanha em Defesa do Cerrado
- Campanha contra as multinacionais do agronegócio;
- Tribunal popular dos povos do Cerrado
- Apoio do Ministério público
MARIA EMILIA/ANA
TENDA 3
PARQUE MUN. BH
01/06
PROIBIDO PESCA E CAÇA
LIBERADO EXTRAÇÃO
RESERVA LEGAL DO AGRONEGÓCIO
O agronegócio usa o território das comunidades tradicionais como sua reserva legal.
A pulverização aérea de venenos, contamina a tudo, inclusive a água.
O agronegócio quer expandir sua fronteira agrícola à força
O EXTRATIVISMO É O SALÁRIO
FORA
MONSATÃ
ÑAMOSĒKE
MONSANTO
As autoridades derrubam casas de pescadores com a anuência da Polícia
Redaf
VIDA PARA LA
Región Chaqueña
www.redaf.org.ar
A COMUNICAÇÃO DEVE SER COLETIVA


CAMINHOS DO CERRADO
SEM FEMINISMO NÃO HÁ AGROECOLOGIA!

PANTANAL

Este caderno reúne os relatos de um bioma marcado por inundações, águas doces que recobrem extensas áreas no Brasil, na Bolívia e no Paraguai. Retrato de um cenário marcado por imensos desafios de conservação da biodiversidade e de garantia dos direitos das comunidades tradicionais que vivem sobre essas terras. No Pantanal, lutas históricas são travadas por várias etnias indígenas.

O seminário traz três experiências como portas de entrada para diversos depoimentos. Práticas educativas, valorização da identidade cultural e extensas articulações com políticas públicas marcam as histórias das redes que atuam nos estados do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul.



TENDA DO PANTANAL

O seminário territorial sobre o bioma Pantanal teve início com a poesia *Mundo Renovado*, do escritor pantaneiro Manoel de Barros (conferir poesia completa no Caderno 7). Logo após, algumas/ns participantes, ao adicionar elementos à *Instalação Artístico-Pedagógica* que retratava o bioma, cantaram trechos da música *Chalana*, de autoria de Mario Zan, considerada o hino do Pantanal, enquanto as/os demais presentes foram convidadas/os a caminhar pela tenda e observar os elementos, atendo-se às lembranças, sensações e ideias que circulavam.

Esse seminário territorial teve como ponto de partida de suas reflexões as experiências dos povos indígenas Terena, no Mato Grosso do Sul, e da Associação Regional das Produtoras Extrativistas do Pantanal, no estado de Mato Grosso. O fechamento dos trabalhos aconteceu com cantos e rituais de limpeza e troca realizados pelo xamã Terena Alípio, que esteve concentrado pedindo proteção durante todo o seminário.



ORGANIZAÇÃO CAIANÁS – COLETIVO AMBIENTALISTA INDÍGENA DE AÇÃO PARA A NATUREZA, AGROECOLOGIA E SUSTENTABILIDADE – POVO TERENA

A experiência nasce da resistência indígena no município de Miranda (MS) e das estratégias de ação que os grupos utilizam para promover e fortalecer a identidade e a cultura indígena no território. Entre as principais iniciativas estão as atividades de intercâmbio e a valorização da agroecologia não apenas nas oficinas e ações coletivas. A Caianás, no "ensino formal", incentiva processos de ensino-aprendizagem com inserções de atividades diversas sobre agroecologia, que vão desde o Ensino Fundamental até o Ensino Superior. Em paralelo, caminham trabalhos de fortalecimento do protagonismo juvenil, considerados uma ação prioritária para o fortalecimento da comunidade. Lideranças indígenas, entre elas mulheres e jovens, contam detalhes desse processo de fortalecimento identitário também construído a partir da agroecologia.





“As terras indígenas estão cercadas de devastação, e é um desafio manter a sustentabilidade das áreas. Entendemos que sustentabilidade tem tudo a ver com nossa espiritualidade. No âmbito da educação, as escolas indígenas estão sendo fortalecidas em todos os níveis, porque há um entendimento de que, quando as/os jovens saem, elas/es voltam com o conhecimento deturpado sobre o modo de vida indígena. Também são realizadas ações de revitalização das etnovariedades. Foram recuperadas 19 variedades de mandioca. A sistematização da experiência de agricultura agroflorestal, em conjunto com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS), aconteceu em rodízio nas seis aldeias da terra indígena. As crianças e as/os jovens indígenas que já não queriam mais ficar nas aldeias nem trabalhar na roça estão se aproximando. Por isso, são incentivadas a educação agroecológica e a aproximação das/os jovens com a tecnologia, para se familiarizarem mais com os trabalhos das aldeias. Defender os direitos indígenas é defender os direitos de todos os povos. O sistema impôs uma ideologia nas aldeias. O papel das/os anciãs/ãos e professoras/es Terena é de sensibilização contra esse modelo que quer colocar uma nova ideologia. Estamos trabalhando com a Funai para sistematizar as experiências exitosas de gestão ambiental e agroecologia em todo o Brasil, articulados ao Agroecologia em Rede.”

Indígena da organização Caianás

“Me senti emocionada quando escutei a fala dos meus parentes. Estavam desacreditados com as pessoas que chegavam, pediam o nome dos Terena e nunca traziam nada. Estamos com 160 mudas de açaí, cacau e pequi para experimentar na aldeia e ver se conseguimos cultivar. Minha filha disse: “Mãe, se a senhora não tivesse vindo pra retomada, como eu ia saber plantar um pé de árvore?”.

Mulher indígena da organização Caianás

“Sou da Aldeia Passarinho, sou tecnóloga em Agroecologia. Em 2012 e 2013, comecei a ler sobre agroecologia e, depois, tive a oportunidade de entrar na faculdade. Comecei a diversificar a aldeia, produzimos até alho. Trabalho com agroecologia nas séries iniciais na escola indígena. Quando fui fazer universidade, não queria ficar no campo e não acreditava na agroecologia. E agora não quero mais ir embora.

Mulher indígena, jovem, da organização Caianás

“*Estamos num momento de guerra. Esse encontro é uma luz. Não queria vir, queria que viesse outra pessoa. Mas estou feliz de estar aqui. Nos anos 1970, a Funai trazia máquina e semente modificada. Mas monocultura é para quem tem dinheiro. Só causou dependência. Hoje, o índio é dependente de semente, de comida, de tudo. O mundo moderno levou o índio a perder suas características. Eu comecei a entender a escrita da bandeira:* Ordem e Progresso. *Mas progresso para quem? O que é* progredir*? Se a gente não lutar, a gente não vai conseguir ganhar nada. Nós temos uma luta de mais de 100 anos, porque para o indígena não tem morte. As coisas que vêm de graça não vão dar certo. A grande briga com esse governo é que todo dia eles querem empurrar comprimido pra nós. Não. Nós fazemos nossos remédios.*

Indígena da organização Caianás

“*Sou responsável por inserir agroecologia Terena nas séries iniciais. Foi muito difícil começar a discutir agroecologia na escola, teve resistência dos pais, que diziam que não mandavam os filhos para a escola para trabalhar na terra. Envolvemos os anciãos e os xamãs para trabalhar a cultura com as crianças. Temos espécies medicinais produzidas na escola que tratam os alunos e os pais. O que os alunos aprendem na escola eles não escondem, levam tudo para os pais. Vivemos numa área de retomada, que foi área de conflito da Aldeia Cachoeirinha. Índio hoje não é valorizado, mas a gente mostrou o nosso trabalho e fizemos a diferença. E vamos continuar fazendo, pois temos o apoio dos anciãos.*

Mulher indígena, jovem, da organização Caianás

“*Foi muito marcante para mim quando eu vi a importância da agroecologia. Eu tinha uma outra ideologia. Eu entendi o quanto eu estava errado, o quanto eu pensava errado e como nós podíamos mudar isso. Sou um guardião de sementes, coletamos sementes de espécies nativas. Penso no futuro da minha área, do quanto ela estará bonita com o enriquecimento das espécies que temos feito. A minha luta e o meu sonho é que minha área se torne uma unidade de referência. Para poder dizer: “É possível, porque eu estou seguro disso”.*

Indígena da organização Caianás

ASSOCIAÇÃO REGIONAL DAS PRODUTORAS EXTRATIVISTAS DO PANTANAL – ARPEP

A experiência da Arpep trata o protagonismo das mulheres na transformação da dinâmica comunitária. Ao construir ações de formação e geração de renda, a Arpep estimula a autonomia, o empoderamento e a liberdade das mulheres. As atividades realizadas buscam gerar renda, formação, conhecimento e fortalecimento da agroecologia em territórios que sofrem constantes ameaças pelos latifundiários e pelos grandes projetos. Na experiência, também se destaca o engajamento das juventudes em todo o processo, garantindo que a atuação juvenil fortaleça e seja fortalecida pela organização feminina e feminista. Diferentes mulheres narraram essa história:

> *"A partir do incentivo da minha mãe, que é sócia da Arpep, comecei a frequentar a associação. Formaram um grupo de jovens, aprovaram um projeto e desenvolveram outras formas de arrecadar recursos, como a venda de mudas e sementes. Esse recurso serve para fomentar a ida de jovens em atividades e para ajudar nas iniciativas do grupo.*
>
> Jovem agricultora integrante da Arpep

> *"A distância do assentamento é um problema, porque ele é muito afastado e tem um sério problema de água. Muitos lotes furaram poços e não encontraram água, então tem uma rede de distribuição para esses lotes, mas a água não é suficiente. Não há escola no assentamento. Os alunos saem às 05:20 da manhã para a escola. O assentamento enviava, através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), alimentos para as escolas para o reforço dos alunos que demoravam muito tempo para chegar, para aguentar até a merenda. Como são muitas as dificuldades no assentamento (distância e seca), o povo é muito unido. Fazem a coleta do pequi que utilizam para preparar alguns produtos, especialmente a farinha. São muitas as variedades de sementes crioulas, entre elas uma de milho que está com a família há mais de 100 anos.*
>
> Agricultora e integrante da Arpep

“Parece que o Pantanal não tem gente. [...] Para eles, o que importa é o grande capital, a pecuária e a produção de soja. Mas agora o principal problema são os projetos de mineração. É um absurdo um senador que fala que o Pantanal é mantido “pelo pé do boi”. O sustento vem dos povos tradicionais, das/os quilombolas, das/os indígenas e das/os assentadas/os. A unidade de todos os povos que lutam pela terra, que vivem da terra, tem sido a oportunidade de se fortalecer e enfrentar esse grande capital. Nosso assentamento tem um grande grupo de produção agroecológica, que melhorou a alimentação no local e que permite que elas comercializem esses produtos nos municípios ao redor. Agradeço às entidades e articulações, como a Fase, que conseguem manter a unidade das comunidades e que trazem oportunidades não só para as comunidades que formam a associação, mas para todos os assentados e povos tradicionais. A partir da organização dos grupos e da associação, se formou um grupo de jovens que vem somando com o trabalho da Arpep. Houve oferta de semente transgênica e não aceitamos. Fomos buscar e resgatar as sementes entre os agricultores. Eu sou uma animadora de sementes crioulas.

Agricultora integrante da Arpep e do MST

“Para contar a história da Arpep e de suas conquistas, é preciso contar antes as dificuldades pelas quais passam, a luta constante contra os grandes latifúndios e o uso indiscriminado de agrotóxicos, que contamina todo o ambiente, especialmente as áreas de extrativismo. São muitas as dificuldades que estamos passando pelo corte do PAA e de outras políticas públicas que viabilizavam a comercialização. A Arpep foi muito importante para a emancipação e o empoderamento das mulheres. Muitas não saíam de casa, tinham depressão, e a Arpep as ajudou a fortalecer e ganhar o mundo, pois “lugar de mulher é onde ela quiser!”. A possibilidade de inserir a/o jovem nas atividades é uma forma de mantê-las/os na comunidade, tirá-las/los da rua.

Agricultora integrante da Arpep

“São muitos os problemas das exigências da vigilância sanitária, que tem inviabilizado um pouco a produção. Nosso assentamento é bem organizado e trabalhamos com baru.

Agricultora integrante da Arpep

ASSENTAMENTOS DA REFORMA AGRÁRIA: a primeira experiência nos mostrou o avanço do agronegócio na região pantaneira, como também a visão dos latifundiários em relação à presença dos povos e comunidades tradicionais em áreas desejadas para a ampliação dos projetos. *"Para os grandes proprietários de terra, as comunidades camponesas, tradicionais e indígenas não são entendidas como gente"*, dizem as lideranças dos assentamentos em MS e MT. Nesse sentido, as cercas, a violência e o controle avançam em direção a essas comunidades de forma veloz, tendo três grandes frentes como organizadoras de suas ações. A primeira, chamada de *Frente do Agronegócio*, atua com ocupação de áreas para pasto de gado; a segunda, com o desmatamento de áreas para o plantio de cana-de-açúcar e soja; e, por fim, o avanço das mineradoras para a extração de minérios.

As vozes que se somam às lutas do Pantanal: depoimentos

> *"Reforço a importância e a força das mulheres apresentadas no grupo da Arpep. Agradecemos a experiência dos Terena para que possamos conhecer mais sobre os povos e a importância deles na resistência das comunidades tradicionais e na manutenção da biodiversidade.*
>
> Mulher representante da Cese (BA)

> *"É fundamental denunciar o novo PL que tramita para limitar o Pantanal apenas àquelas áreas que se mantêm alagadas ininterruptamente. Essa é uma estratégia do agronegócio e dos grandes empreendimentos para avançar nas áreas do Pantanal, desrespeitando a dinâmica do bioma, que possui período de inundação e período de seca.*
>
> Assessora técnica da Fase (MT)

> *"É grande o problema da oferta de sementes crioulas, quase inexistente, por parte dos órgãos governamentais. Nossa experiência da feira no Centro de Formação Indígena Raposa Serra do Sol é resistência. É uma feira de troca de sementes tradicionais, inclusive com povos tradicionais da Colômbia.*
>
> Representante do povo Macuxi, Terra Indígena Raposa Serra do Sol (RR)

IV ENA

ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA

MG • BH • 2018

PANT



MIRACI

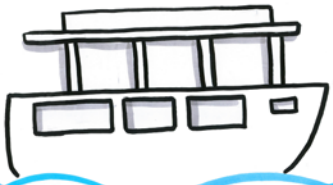
ASSENTADA DO MST
MIRASSOL DO SUL - MT

NA CABEÇA DOS LATIFUNDIÁRIOS NÃO TEM GENTE NO PANTANAL, ELES SÓ SE IMPORTAM COM O CAPITAL.



LÁ VAI A CHALANA
BEM LONGE SE VAI
NAVEGANDO NO REMANÇO
DO RIO PARAGUAI

OH CHALANA SEM QUERER
TU AUMENTA MINHA DOR,
NESSAS ÁGUAS TÃO SERENAS
VAI LEVANDO MEU AMOR...





ARPEP - ASSOCIAÇÃO REGIONAL DAS PRODUTORAS EXTRATIVISTAS DO PANTA

CÁCERES E OUTROS MUNICÍPIOS

- POLÍTICAS PÚBLICAS COMO O PNAE E PAA ALAVANCARAM A ASSOCIAÇÃO.
- FORMAÇÕES E GRUPOS DE TRABALHO SOBRE EQUIDADE DE GÊNERO ATRAÍRAM MULHERES E JOVENS.



BABAÇU BARU PEQ

- A A DAS M ESTÁ A VIDA AS PES

PRECISAMOS NOS JUNTAR CADA VEZ MAIS PARA LUTAR!

O POVO PANTANEIRO RESIST
AO AGRONEGÓCIO, ÀS

TANAL

POR INTEIRO, NÃO PELA METADE!



MS

ORGANIZAÇÃO CATANÁS
POVO INDÍGENA TERENA

TERRA INDÍGENA DE CACHOEIRINHA MIRANDA

- O MODO DE VIDA BRANCO INFLUENCIOU OS INDÍOS A DESVALORIZAREM A IDENTIDADE INDÍGENA.
- O QUE GEROU:
  - PERDA CULTURAL
  - ÊXODO DOS JOVENS

- A AGROECOLOGIA PROVOCOU UMA RECONEXÃO DOS TERENA COM SUA COSMOVISÃO: "SUSTENTABILIDADE TEM TUDO A VER COM A NOSSA ESPIRITULIDADE." LEOSMAR TERENA
- REINICIOU UMA VALORIZAÇÃO CULTURAL, RESPEITO AS ANCIÃS E ANCIÃOS, COOPERAÇÃO, ARTICULAÇÃO E LUTA!

- AS CRIANÇAS VIVENCIAM AGROECOLOGIA NA ESCOLA.
- O POVO TERENA ESTÁ CRIANDO PROCESSOS QUE FAVOREÇAM SUA AUTONOMIA: ÁREAS REFLORESTADAS, ESTUDANTES QUE SE FORMAM E RETORNAM PARA CONTRIBUIR NO TERRITÓRIO, BANCOS DE SEMENTES CRIOULAS.



GRANDES OBRAS E A MINERAÇÃO.


o Francisco
GERAÇÃO
Para
GERAÇÃO
FETASE
rio e
FEMINISMO
NÃO HÁ
IV ENA

MATA ATLÂNTICA E PAMPA

Diferentes rios estão presentes na vida dessas/es agricultoras/es desde que nasceram, e, muitas vezes, é a partir deles que histórias de vida e resistência são contadas. A agroecologia, que não significa só produzir e comercializar, mas também fortalecer lideranças e ocupar os espaços — inclusive políticos —, foi assunto desses três seminários territoriais que tiveram a Mata Atlântica como cenário de suas práticas agroecológicas.

Comunidades quilombolas, indígenas, sertanejas, ribeirinhas e camponesas têm nas áreas remanescentes de Mata Atlântica seu berço e seu ambiente de proteção, vida e trabalho. Tão explorados desde a invasão do Brasil pelos portugueses, os territórios próximos às principais capitais do Nordeste, Sudeste e Sul, na Mata Atlântica, pulsam diversidade.

As redes de comercialização e defesa da sociobiodiversidade, os movimentos sociais e as áreas demarcadas por Unidades de Conservação foram elementos dos diálogos dessas tendas, que tiveram 8 experiências como caminhos inspiradores de reflexão, anúncios e denúncias.

A Mata Atlântica é um bioma marcado também pelo crime da Samarco-BHP, ocorrido em novembro de 2015. Quilômetros de lama cobriram rios, casas, matas, histórias e vidas. Não é possível tratar das práticas agroecológicas nesse território sem percorrer as dores e as formas de resistência dessas famílias e sem enfrentar os limites do modelo predatório que marca a mineração, as monoculturas de soja, cana, eucalipto e tantas outras práticas econômicas que silenciam essas comunidades. Ao anunciarem trabalho, promovem exploração; ao prometerem desenvolvimento, provocam mortes.



De norte a sul do Brasil, a Mata Atlântica conecta povos, práticas agrícolas ancestrais e expressões culturais que têm na serra e no mar seus pontos de apoio. Caiçaras, ribeirinhas/os, pescadoras/es e agricultoras/es também guardam interações com inúmeras estratégias de comercialização, de articulações comunitárias e de valorização do protagonismo feminino, que são algumas das várias identidades dessa agricultura ecológica atlântica que colore as serras verdes do país.

Florestas que se plantam, roças misturadas a açaís, cacaus e juçaras, agricultura que se faz na cidade e em periferias, consórcios de plantas, redes solidárias e intercâmbios que apostam no diálogo entre a cidade e o campo como potência para fortalecer a agroecologia como ciência, prática e movimento social.

> *"Ninguém faz mais agroecologia do que as mulheres, isso é provado. Foi com o conhecimento das mulheres que se descobriu a agroecologia. As mulheres têm sempre um remédio para qualquer doença. Antigamente, éramos chamadas de bruxas. Defendemos o rio todo, não só em Sergipe."*
>
> Agricultora do Baixo São Francisco, integrante do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste

TENDA DA MATA ATLÂNTICA NORDESTE

A Mata Atlântica é um bioma de floresta tropical ao longo da região litorânea, desde o estado do Ceará até o estado de Santa Catarina. No Nordeste brasileiro, o bioma tem sofrido pela intensa devastação das suas florestas desde os tempos da ocupação portuguesa. Com a construção de hidrelétricas e a intensificação da atividade agrícola, comunidades tradicionais e ribeirinhas têm sido prejudicadas, e seu modo de vida ameaçado por problemas relacionados, entre outros fatores, à erosão, às mudanças no regime hídrico e à contaminação decorrente do grande uso de agrotóxicos.

Na tenda da Mata Atlântica do Nordeste, foram apresentadas algumas experiências da Mata Sul de Pernambuco e do Baixo São Francisco, em Sergipe, e também foram feitas denúncias dos impactos sofridos pelas comunidades da região. A atividade teve início com uma ciranda, seguida de um pedido de proteção feito pelas indígenas da tribo Kariri-Xocó, de Alagoas, e Xukuru do Ororubá.

MATA SUL DE PERNAMBUCO

A Zona da Mata Sul de Pernambuco é uma região geográfica favorável à agricultura, devido às terras férteis de massapê e ao regime pluviométrico caracterizado por altos índices de chuva durante os meses do inverno. A expansão da monocultura açucareira se deu a partir do extermínio de populações tradicionais brasileiras de origem indígena e da escravatura de populações negras vindas do continente africano.

O Porto de Suape, localizado no Ipojuca (PE), cuja construção começou em 1975, foi responsável por aterrar parte do manguezal do Rio Ipojuca, prejudicando as populações tradicionais do entorno. Além disso, é responsável pela expulsão de populações ligadas historicamente àquela terra, constituída por agricultoras/es e pescadoras/es, reproduzindo, assim, um contexto histórico de violência e expulsão territorial.

O primeiro relato de experiência veio de uma agricultora pernambucana. Ela contou que a monocultura da cana-de-açúcar na Zona da Mata Sul de Pernambuco vem desde a época da colonização europeia degradando o solo e explorando as/os trabalhadoras/es rurais. Quando ela conheceu o sistema agroecológico, através do Centro Sabiá, percebeu que o que já fazia há anos se chamava *agroecologia*.



A partir dos intercâmbios, conheceu outras experiências, e sua vida mudou. Hoje, além de ter garantida a segurança alimentar da família, tem renda: *"Minha propriedade tem peixe, galinha, ovo e batata, para mim e para os outros, graças a esse processo transformador que mudou minha vida"*. Ela também falou sobre o fechamento das usinas de cana-de-açúcar da Zona da Mata Sul, que resultou em desemprego e impactos socioeconômicos, e destacou que as famílias que passaram ou que estão passando por um processo de transição agroecológica alcançaram segurança alimentar e estabilidade financeira, não sentindo de forma impactante os efeitos do fechamento das usinas.

Um jovem agricultor e também aluno do curso de Agroecologia do Instituto Federal de Pernambuco falou sobre a perspectiva das/os jovens e relatou que a juventude do campo tem conseguido se organizar e dar visibilidade às próprias pautas. *"A juventude está fortemente inserida no processo agroecológico em todo o estado de Pernambuco. Juventudes diversas... da cidade, indígenas e quilombolas."* Ele relatou que, através da campanha *Jovens pelo Direito de Viver*, tem sido feita uma série de denúncias. Uma delas é que a cidade do Cabo de Santo Agostinho apresenta o pior índice de vulnerabilidade juvenil à violência e desigualdade racial.

O número de homicídios de jovens cresceu assustadoramente. Acredita-se que o aumento da criminalidade está relacionado à consolidação do Complexo Industrial Portuário de Suape, que resultou num aumento populacional sem planejamento. Muitos dos jovens assassinados vieram de zonas rurais para tentar ganhar a vida trabalhando nas indústrias. Apesar de o município apresentar o maior índice de jovens assassinados no estado de Pernambuco, o jovem agricultor acredita que, através da organicidade e da promoção da agroecologia no território, esse cenário poderá ser diferente. *"Apesar da cana e da opressão, existe uma juventude organizada, combatendo e mostrando que tem saída e que existe sustentabilidade no campo. Junto com o Centro Sabiá e jovens multiplicadoras/es, fazemos oficinas que permitem nos organizarmos."*

BAIXO SÃO FRANCISCO SERGIPANO

O Baixo São Francisco sergipano também é uma região extremamente favorável à agricultura em consequência da abundância de água e terras férteis. Apesar disso, vem sofrendo problemas de assoreamento, salinização e contaminação das águas por agrotóxicos, atingindo direta e negativamente as comunidades tradicionais e a produção de subsistência das famílias que lá residem. Tais problemas podem ser identificados como consequência das construções das hidroelétricas ao longo do seu alto e médio

curso, da carcinicultura, da monocultura e da irrigação, que juntas constituem grave ameaça à conservação da biodiversidade e à reprodução dos sistemas tradicionais.

Uma agricultora integrante do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste reclamou que as grandes empresas estão gerindo as águas de forma irresponsável e perversa, pois se trata de recurso natural que está sendo contaminado por agrotóxicos e metais usados nas monoculturas e indústrias circunvizinhas. *"A Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf), empresa que prometeu trazer o desenvolvimento sustentável para todos, pega a nossa água limpa e devolve contaminada para o Rio São Francisco. Em Brejo Grande, os ribeirinhos e quilombolas não têm como fazer a plantação agroecológica, a água está salinizada, obrigando as pessoas a comprarem água de fora."*

Ela ainda chamou a atenção para o protagonismo das mulheres nas lutas sociais e ambientais e para a necessidade de estarem presentes em todos os espaços.

O rio está presente na vida dessas/es agricultoras/es desde que nasceram. A agricultora que vive à sua margem descreveu a experiência de assistir à contaminação das águas pelas práticas agrícolas intensivas: *"Observamos, nas margens, a quantidade de veneno que consumimos diariamente. Nosso rio é contaminado pela agricultura do entorno."*



A denúncia feita por um agricultor de Brejo Grande (SE), município situado à margem direita do Rio São Francisco, chama atenção pelos impactos causados pela carcinicultura na região. *"Os grandes viveiros de camarão estão retirando a água limpa e devolvendo-a contaminada, inviabilizando as plantações de arroz e a pesca artesanal."* Num primeiro momento, a região foi explorada pelo cultivo intensivo de cana-de-açúcar. Com a decadência do ciclo da cana, expandiram-se as áreas cultivadas com arroz, e hoje há uma nova ameaça, decorrente da carcinicultura. Estão produzindo espécies exóticas, utilizando rações industrializadas e antibióticos e devolvendo a água suja para o estuário. Com isso, há uma redução das espécies nativas, contribuindo para a destruição dos manguezais e prejudicando a segurança alimentar e a obtenção de renda de várias famílias que vivem da cata de caranguejos e da coleta de mariscos.

Um jovem integrante do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) de Sergipe falou das experiências que têm surgido na região do Baixo São Francisco a partir de parcerias e intercâmbios feitos entre o MPA e a Escola Agrícola da região, que estimulam a transição agroecológica, resultando no abandono do uso de agrotóxicos no cultivo do arroz e na produção de alimentos mais saudáveis. Ele também chamou a atenção para o fato de que, embora a comunidade em que reside esteja rodeada por água, hoje não se pode mais usar as águas das torneiras e todos dependem de caminhão-pipa. *"Não tem programa nenhum do governo para beneficiar a gente. Se tem, minha família não foi beneficiada, e não conheço ninguém que foi. Quem nos auxilia são os movimentos sociais."*

Na região do Baixo São Francisco, grupos indígenas inteiros foram dizimados no período da colonização. Até meados de 1970, acreditava-se que os povos indígenas estavam fadados ao desaparecimento. O Censo de 2010 (IBGE) revelou que, desde 1991, a população indígena cresceu 205%. Ao tempo que se comemora o crescimento da população indígena brasileira, os recursos naturais que historicamente garantiram a manutenção das comunidades indígenas estão cada vez mais escassos. No Nordeste brasileiro, 54% dos índios estão fora de suas terras originárias.

Uma companheira da aldeia Kariri-Xocó descreveu um quadro de fome e insegurança alimentar na comunidade em que reside, no município alagoano de Porto Real do Colégio, região do Baixo São Francisco. *"Nossos bichos estão morrendo, não tem mais peixe para comer, não tem mais caça para comer. Eu sou mãe de 5 filhos, hoje nós estamos sendo obrigados a sair da nossa aldeia em busca de alimento. Como vocês sabem, nós nascemos e nos criamos vivendo da caça e da pesca, e hoje não dá mais para vivermos desse jeito. Nossa aldeia cresceu muito, nossas terras foram tomadas e devastadas pelos brancos.*



Tem pessoas que falam: 'Por que vocês vão pra cidade?'. E a gente responde: 'Porque nós somos obrigados a sair, porque não tem mata suficiente'. Eu pegava peixe com as mãos e hoje nem de tarrafa nem de rede. Cansei de nadar no rio, hoje nós atravessamos a pé. Eu nunca imaginei sair da minha aldeia, mas hoje eu sou obrigada – para não passar fome. Nós estamos sobrevivendo, não vivendo."

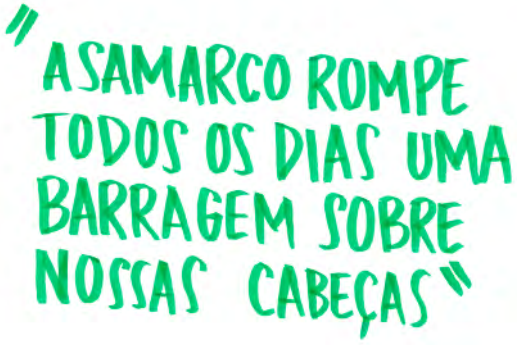
As vivências e os testemunhos dessas duas regiões são bem parecidos, baseados em resistências à monocultura, denúncias contra o uso intensivo de agrotóxicos e críticas pela ausência do poder público. Entre as saídas para o enfrentamento dos problemas relatados, decorrentes, sobretudo, de problemas agrários e agrícolas, estão o fortalecimento da Educação no Campo, das práticas agroecológicas, dos espaços de troca; e a necessidade de avançar na comunicação popular e na ocupação das ruas. Uma agricultora, parteira e rezadeira de Sergipe, antes de pedir proteção aos presentes, chamou atenção para o fato de que *"De tudo a gente pode reclamar, mas uma coisa a gente não deve deixar de dizer: a luta não para, e a gente não pode parar."*

TENDA DA MATA ATLÂNTICA SUDESTE

A dinâmica dessa tenda se deu no processo de construção coletiva das *Instalações Artístico-Pedagógicas*, quando as/os participantes caminharam pela tenda observando os temas e os elementos característicos dos territórios. Em seguida, foram apresentadas três experiências localizadas nos estados do Espírito Santo, de Minas Gerais e de São Paulo.



BACIA DO RIO DOCE (MG E ES)



Uma *Instalação Artístico-Pedagógica* apresentou a experiência de Minas Gerais, utilizando a metodologia do "rio do tempo" para resgatar a memória do desastre-crime da Samarco, em Mariana (MG). Também foi realizado um cortejo, embalado pelo cantar de um refrão indígena que retoma as memórias ancestrais dos povos indígenas.

"O Watu é muito bom! o Watu tem muito peixe! O povo vive muito bem porque o Watu tem muito peixe"
(Watu é o nome indígena dado ao Rio Doce).

As pessoas foram convidadas a interagir com a instalação, inserindo nela elementos como as sementes trazidas de suas regiões. Uma camponesa, impactada pelo crime da Samarco, cantou o refrão de uma música que é significativa no processo de enfrentamento a esse crime: *"Toda semente é um anseio de edificar / E todo fruto é uma forma da gente se dar / Ponha a semente na Terra, não será em vão / Não te preocupe a colheita / Plantas para o irmão."*



Nesse seminário, foi partilhada uma breve linha do tempo que mostrou a luta pela terra no Vale do Rio Doce, tendo como início o ano de 1500, com a invasão dos portugueses no território brasileiro. A memória e a resistência do povo nesse território e em tantos outros segue até hoje.

MATA ATLÂNTICA NO ESPÍRITO SANTO (ES)



Em cortejo pelo espaço da *Instalação Artístico-Pedagógica*, a apresentação do Espírito Santo é iniciada. Antônio Sapezeiro, do Norte do Espírito Santo, levanta as questões de direito aos territórios e suas territorialidades, a importância da água para os povos e as soberanias, enfatizando a construção conjunta enquanto forma de se recuperar o território.

"Defender o direito à água e ao território vai além das etnias, está também nas mãos das pessoas da cidade que dependem do rio e das comunidades tradicionais. Os quilombolas do Norte do Espírito Santo resistem à ofensiva das grandes empresas de eucalipto e de outras monoculturas. A retomada dos grandes latifúndios devolutos é a retomada do direito ao território, do direito das comunidades tradicionais", diz Antônio. Ele também aponta que a retomada é um processo de ocupação de áreas cultivadas por monoculturas de eucalipto, principalmente nas áreas de nascente, usando como principal forma de produção de alimento o sistema agroflorestal.

Os povos indígenas foram relembrados pela presença de um Krenak, e foi plantada uma semente em memória à resistência desse povo.



VALE DO RIBEIRA, VALE DO PARAÍBA E REGIÃO DE IPERÓ (SP)

A experiência de São Paulo também percorreu a montagem de uma linha do tempo, tendo seu marco principal na política de criação das Unidades de Conservação (UCs) no estado, dividindo-o em três principais regiões de Mata Atlântica: Vale do Ribeira, Vale do Paraíba e Morro do Ipanema Iperó (Floresta Nacional).

O que há de comum entre essas áreas é o conflito que surge com a sobreposição dessas UCs aos territórios ocupados na década de 1990 por povos tradicionais, como quilombolas, indígenas, caiçaras e agricultoras/es familiares.

Nesse período, comunidades tradicionais iniciam um processo de ocupação de fazendas no estado de São Paulo, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Foram registradas, no "rio do tempo", as ocupações de terras das indústrias de papel e celulose, como a Fazenda Ipanema e o Horto Bela Vista e, posteriormente, a criação do Assentamento Lamarca. Em São Paulo, principalmente nessas regiões onde originalmente havia Mata Atlântica, o agronegócio é muito tipificado, com a presença de monoculturas e a utilização em larga escala de agrotóxicos.

As experiências agroecológicas surgem principalmente a partir da resistência dos povos tradicionais no Vale do Ribeira, como o processo de organização das próprias comunidades para armazenar e trocar as sementes tradicionais com o objetivo de não perderem seus cultivares. Os quintais agroflorestais também fortaleceram o processo de divulgação da agroecologia na região, fomentando as estratégias de transição agroecológica e de valorização do trabalho das mulheres.



Durante o seminário, observamos que, no início dos anos 2000, houve um aprofundamento do debate sobre território e territorialidade, sobre as questões de mineração e sobre a demarcação de terras. Surgiram, nesse período, importantes parcerias, como as articulações com as universidades e com os movimentos sociais, que viabilizaram a implementação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera) e fortaleceram todos os processos de construção da agroecologia no território.

O surgimento dos Núcleos de Agroecologia (NEAs) dentro das universidades é outro marco citado nas apresentações da *Instalação Artístico-Pedagógica*. A Caravana Agroecológica do Sudeste, com a sua culminância no Vale do Ribeira, foi decisiva para a rearticulação no estado e na região, além de fortalecedora do processo de visibilidade das mulheres agricultoras, quilombolas e indígenas.

As/os companheiras/os do Rio de Janeiro apontaram acusações com relação à mineração e denunciaram o caso da prisão do ex-presidente Lula. Um homeopata do estado do Rio de Janeiro levantou ainda a importância de se zelar pelos patrimônios imateriais e pela conservação dos saberes tradicionais, assim como observar com resistência a hegemonia do saber acadêmico, que invisibiliza e ameaça essas tradições.

Vozes que se encontram na defesa da Mata Atlântica: depoimentos

> *"A gente sabe que, quando Deus criou o saber, ele criou o saber para todos os seres da Terra e dividiu esses saberes para os povos. E nós, povos tradicionais, entendemos como manter o equilíbrio da vida, o saber de não matar, de não destruir aquilo que Deus criou para nós. São tradições seculares de cultivo do nosso povo: o Guarani. Os poderosos também têm que aprender a respeitar, porque as sementes não foram criadas por eles; as sementes, a terra e a água foram criadas por Deus. Os poderosos têm que aprender a respeitar, porque não há dinheiro no mundo que compre a água.*
>
> Representante Guarani

"As sementes crioulas são um patrimônio da humanidade", disse um representante do município de Tumiritinga (MG), que também enfatizou a importância de guardar e proteger essas sementes, uma vez que elas vão muito além da produção de alimentos. As sementes retomam a tradição e a cultura de um povo. Ele relembrou ainda o crime da Samarco, que também atingiu a cidade de Tumiritinga, e reforçou a necessidade de se revitalizar as nascentes para se resgatar o Rio Doce.

> *"Há semelhanças entre as lutas das comunidades tradicionais do Brasil e a luta dos povos indígenas de toda a América Latina. A luta do Brasil contra o agronegócio é também a luta de toda a América Latina, e essa luta passa pela defesa de nossos territórios, das nossas águas, a defesa da vida.*

Representante de Barra Longa (MG), único município que teve seu centro urbano atingido pela lama, fala sobre os impactos do rompimento da barragem na cidade. Ele denuncia as ruas esburacadas e os danos estruturais nas casas que tinham quase 300 anos, sendo algumas do tempo da fundação do município. *"Da noite pro dia, nos vimos no meio de um canteiro de obras."* Ele denuncia também os problemas de saúde que têm aparecido nos habitantes da cidade e que têm relação direta com a contaminação por metais pesados. *"A empresa se nega a aceitar os casos, negando as responsabilidades do seu crime e culpabilizando as vítimas."*

> *"Reconstruir aquilo que é material a gente reconstrói, mas reconstruir o homem de dentro de si é muito complicado. A maior morte é aquela que a gente carrega enquanto vive."*



TENDA DA MATA ATLÂNTICA SUL: SANTA CATARINA E PARANÁ

REDE ECOVIDA DE AGROECOLOGIA - PR, RS, SC

Um agricultor de Santa Catarina apresenta a Rede Ecovida e conta que o seu funcionamento é horizontal e descentralizado, baseado na organização das famílias produtoras em grupos informais, associações ou cooperativas. Ele explica que essas organizações se articulam com associações ou cooperativas de consumidores, ONGs e outras instituições e formam um Núcleo Regional, circunscrito a determinada área geográfica. Cada Núcleo tem uma coordenação com tarefa de animação e gestão. A soma dos diferentes núcleos (nos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná) forma a Rede Ecovida de Agroecologia. A rede também possui uma coordenação, composta por representantes dos estados, que, além da função animadora, também possui uma função deliberativa.

Durante a apresentação, foi traçado o panorama histórico da situação agrária em Santa Catarina e a atuação da Rede Ecovida: a partir dos anos 1980, as/os agricultoras/es começam a se organizar em torno de movimentos e igrejas para a melhoria das condições de vida no campo. Nos anos 1990, surgiram os movimentos da agroecologia. As mulheres tiveram um papel ativo ao longo da história da rede e, de 1996 a 1998, viram uma organização sindical mais forte, na busca por alternativas. Em 1998, movimentos e ONGs se reuniram em União da Vitória (PR) e fundaram a Rede Ecovida, com pouco mais de 30 agricultoras/es (hoje são mais de 2 mil). A rede organizava feiras e discutia temas como a certificação das/os agricultoras/es.

Aires explica que, no fim dos anos 1990 e no início dos anos 2000, as cooperativas se fortaleceram com o apoio do governo. Hoje, são 2.800 produtoras/es certificadas/os na Região Sul e outras/os 1.000 em vias de se certificar. Cada município na região tem um ou dois pontos de feira. São mais de 400 feiras em mais de 100 municípios. Em Anchieta (SC), por exemplo, há um grande núcleo de produção de sementes. A certificação participativa veio para fortalecer, mas também trouxe desafios para a inclusão das/os agricultoras/es.



CENTRO VIANEI DE EDUCAÇÃO POPULAR (SC)

Virgílio Moretti, de Bom Retiro (SC), conta que o Centro Vianei de Educação Popular é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, fundado em 1983, com atuação no apoio aos movimentos e às organizações populares e na assessoria às/aos trabalhadoras/es rurais organizadas/os ou em processo de organização.

O Centro Vianei surgiu em Lages (SC), assessorando grupos de agricultoras/es. Por volta de 1996, iniciou o programa *Terra Solidária* para incentivo à agroecologia. O Centro é parceiro da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul do Brasil (Fetraf), uma entidade que foi fundada a partir de uma vontade coletiva de promover um novo modo de vida, contrário ao capitalismo e ao agronegócio.

O Centro Vianei também apoiou a construção da Ecoserra, em Lages, uma cooperativa de agricultoras e agricultores familiares agroecológicos que tem por objetivo promover a organização da produção, da agroindustrialização e da compra e venda de produtos e insumos agroecológicos/orgânicos e artesanais.

MOVIMENTO DAS MULHERES CAMPONESAS (MMC – SC)

A representante do MMC de Chapecó (SC), Carmem, partilha a história de criação do movimento dedicado à causa feminista no campo — autônomo, democrático, popular, feminista e de classe, na perspectiva socialista. Ela fala que, ao final dos anos 1990, começou o movimento de reunir as mulheres com um trabalho de agroecologia: produção, recuperação e melhoramento de sementes crioulas e hortaliças em várias regiões do país, envolvendo muitas outras organizações que assessoram processos locais.

Ela conta que começaram a discutir sobre os produtos industrializados que usavam, como margarina e outros, e passaram a usar os produtos produzidos nos quintais e propriedades, como frutas e outros alimentos. Nesse processo, tiveram o apoio técnico do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (Capa) e da Associação dos Pequenos Agricultores do Oeste Catarinense (Apaco). Carmem explica que se dedicaram inicialmente à questão das sementes, mas ampliaram a atuação em 2006, quando foi feita uma mobilização para começar uma campanha de alimentação saudável em todo o Brasil. Outro tema que sempre foi foco de questionamento do movimento se refere à monocultura de eucaliptos.

Por fim, Carmem diz que passaram a trabalhar com quintais produtivos — espaços perto de casa, com hortas, plantas medicinais e criação de pequenos animais — coordenados pelas mulheres. Agora, estão trabalhando com a valorização dos quintais em 70 municípios.



REDE DE SEMENTES DA AGROECOLOGIA (RESA – PR)

"Sem sementes crioulas, não há agroecologia." A rede se formou há 3 anos, por movimentos sociais e entidades públicas (21 atualmente). É informal, sem CNPJ. Trabalha com resgate, multiplicação e conservação de sementes. Discute o tema dos transgênicos, as políticas públicas e os direitos das/os agricultoras/es. Em 2017/2018, a Resa foi ampliada, abrangendo Santa Catarina. Participaram da festa das sementes em Anchieta, um grande centro de sementes crioulas. A Casa das Sementes foi criada 2 anos após a Resa, na sede da Associação Brasileira de Amparo à Infância (Abai). Tem um banco de sementes de hortaliças e promove a retomada de feiras e festas de sementes crioulas. Foram 15 feiras e festas da agrobiodiversidade em 2017, mais de 450 expositores e público de mais de 25 mil pessoas. O desafio é estender a atuação aos demais estados do Sul.

Vozes que se encontram na defesa da Mata Atlântica: depoimentos

"Vim conseguir apoio político para o programa de alternativas produtivas ao tabaco, relativo ao controle de consumo e produção de tabaco. Há 1 ano o governo não libera o edital para o programa. A ação contra o tabagismo terá impactos na redução das áreas produzidas com tabaco, por isso é importante construir alternativas produtivas que sejam utilizadas pelas famílias em substituição ao plantio do tabaco. É preciso pressionar o governo para que lance o edital de apoio.

Trabalho de controle do tabaco

COOPERATIVA CONSOL (SC)

> *"A cooperativa trabalha com formação e comercialização nos 3 estados do Sul e tem um circuito curto, desde Porto União até Joinville. Vende 5 mil reais por semana, e a meta é vender 10 mil reais. Vende para as escolas de Joinville, está ampliando essa venda e ainda realiza feiras. A cooperativa preza pela transparência, com planilha financeira aberta.*
>
> Representante de Porto União (SC)

"***Agroecologia não é só produzir e comercializar, mas criar lideranças e ocupar os espaços*** *— inclusive políticos. Agroecologia é um modo de vida, não tem como voltar. As propriedades da região que prosperam são as que têm uma boa base alimentar — feijão, arroz, milho etc. Na cultura serrana, o coronelismo ainda é muito presente, e é forte o individualismo.*" Representante da Rede Ecovida em Bom Retiro

QUINTAIS PRODUTIVOS E FEMINISTAS: *"Os quintais são importantes, pois geram autonomia e promovem os princípios da agroecologia. Estão incluídas as atividades de jardinagem, paisagismo e pedagogia para o aprofundamento de saberes populares, a construção de novas relações de gênero, a produção e o consumo de plantas medicinais, a preservação e a manutenção da biodiversidade, o enfrentamento ao latifúndio e a resistência da cultura camponesa. Resumindo, é um projeto de vida digna, mas também de luta, por uma agricultura agroecológica e feminista. 'Fortalecer a luta em defesa da vida'. Trouxe o sol como símbolo da agroecologia no Sul.*" Agricultora de Chapecó (SC)





UNIVERSIDADES: foi feita uma reflexão sobre o papel das universidades no apoio à construção da agroecologia e sobre como caminhar para a construção de políticas públicas. Estudante de Chapecó, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

SEMENTES: apresentação do grupo Sementes Nômades, Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). Grupo de agroecologia e formação de agricultoras/es composto por três mulheres. A proposta é promover autonomia alimentar. *"Nada é cobrado pelas sementes."* Representante do MPA de SC.

CAMINHANDO JUNTO COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS: um estudante de mestrado da UFFS em Laranjeiras do Sul (PR) conta que, há vários anos, a região tem um histórico de formação de técnicos em agroecologia nos Institutos Federais (IFs). Existe uma concentração de movimentos sociais na região. Tudo isso deu uma condição favorável para que várias ações acontecessem em torno da agroecologia. Ele ainda faz um relato sobre as ações das cooperativas ligadas ao MPA e ao MST, que incluem um trabalho com crianças e com o mercado institucional. Outros grupos vão se agregando e fortalecendo a rede na região, como os quilombolas. O estudante tem um projeto em construção de trabalhar com leite orgânico e produzir 20 mil litros diários.

MUDANÇAS: um dirigente sindical em Chapecó (SC) apresenta a preocupação em trocar experiências. *"É um desafio fazer com que a 'companheirada' acredite mais e não fique só no 'Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço'. Custa caro mudar o sistema. Água boa com alimento saudável fará com que o povo enxergue. A vida vem em primeiro lugar."*

INTERCÂMBIOS: um representante do MPA chegou de Cuba e fez um relato da missão de discutir alternativas na luta contra o capitalismo. Diz que a Via Campesina está puxando uma grande ação global, em que várias famílias estão sendo convocadas a adotar uma semente crioula. Acredita na agroecologia como alternativa ao capitalismo. Bandeira de luta para transformação social.

AUTONOMIA É LIBERDADE: um estudante do Rio Grande do Sul conta que temos o maior banco de sementes da América Latina, o da Embrapa, que vai doar as sementes para pessoas que se comprometerem com sua multiplicação e preservação. Ele afirma que as sementes não têm que estar em bancos. *"Lugar de semente é na mão do agricultor. Bancos de sementes geram especulação e são vulneráveis."*

TENDA DA MATA ATLÂNTICA DO RIO GRANDE DO SUL E PAMPA

Este caderno reúne os relatos de um bioma restrito ao estado do Rio Grande do Sul, caracterizado pelo predomínio dos campos nativos. O domínio da Mata Atlântica no Rio Grande do Sul é constituído de floresta ombrófila densa, floresta ombrófila mista (floresta com araucária), floresta estacional sem decidual, campos de altitude e restinga. Estima-se que, no território gaúcho, atualmente, restam somente 7,5% de áreas remanescentes de Mata Atlântica, com alto grau de fragmentação em relação à sua cobertura vegetal original. Nessas terras, importantes ações camponesas resistem e movimentam uma rede de organizações, cooperativas, centrais de comercialização, fortalecendo a produção camponesa a partir da agroecologia.

> *"Essas políticas públicas dão conta de tudo? Não. Devemos construir coisas que nos convergem a enxergar quem é nosso inimigo: o agronegócio. O momento exige isso, o período em que estamos entrando no Brasil será longo. O processo eleitoral é um dos processos, precisamos construir estratégias que vão além dele. Construir estratégias com essa perspectiva territorial e com respeito às suas diversidades culturais e étnicas e ao protagonismo feminino e jovem.*
>
> Agricultora do MPA (RS)

Animado pela voz e pelo violão que reúnem as/os participantes do seminário, o companheiro Alvir, integrante da Rede Ecovida, fez um resgate histórico dos Encontros Nacionais de Agroecologia (ENAs) anteriores, principalmente do III ENA, construído na lógica dos territórios, através das Caravanas da Agroecologia, e na delimitação dos territórios agroecológicos.

Alvir explica que o conceito da promoção da agroecologia nos territórios é delimitado pelos atores que dialogam e convergem para promover a agroecologia naquele contexto. Nesse IV ENA, a proposta são as *Instalações Artístico-Pedagógicas – Tendas Territoriais,* elementos que já eram debatidos no III ENA, em Juazeiro. Ele explica que as tendas estão montadas por bioma e buscam retratar como está se construindo a agroecologia em cada um deles. O que anima essa metodologia é a apresentação mais horizontalizada

de experiências, o que movimenta e traz novos elementos para a construção e o fortalecimento da agroecologia em sua diversidade. Esse seminário, que tratou de experiências na Mata Atlântica gaúcha e no bioma Pampa, contou com a apresentação de três experiências.

REDE ECOVIDA DE AGROECOLOGIA NO RIO GRANDE DO SUL

A Rede Ecovida engloba uma diversidade de atores (presentes no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná e em parte de São Paulo). A experiência apresentada no seminário é um "recorte" da atuação da Rede Ecovida no Rio Grande do Sul, pois ela organiza sua atuação por "núcleos" ou "territórios". Atualmente, há sete núcleos/territórios compondo a Rede Ecovida, sendo a experiência apresentada referente ao Planalto.

A história da Rede Ecovida foi apresentada em frases escritas em tarjetas sequenciais, distribuídas aleatoriamente para as/os participantes. A dinâmica consistiu em entregar um rolo de barbante para quem estava com a tarjeta de número 1; em seguida, o rolo era passado para a pessoa que estava com a tarjeta de número 2; e assim sucessivamente, desenrolando o barbante. Ao final, quando todas as tarjetas foram lidas e o rolo de barbante foi passado uma a uma, todas as pessoas se levantaram e visualizaram uma teia (rede) feita pelo barbante. A ideia é passar o quanto a história da Rede é rica, configurando efetivamente uma trama de conexões.

PLANO CAMPONÊS DO MOVIMENTO DOS PEQUENOS AGRICULTORES (MPA) NO RIO GRANDE DO SUL

Essa apresentação partilhou a experiência do programa de estruturação da produção, tendo em vista a qualidade de vida das/os camponesas/es e a construção da soberania e segurança alimentar no estado do Rio Grande do Sul. A agricultora do MPA conta que a ação acontece na região central do estado, exatamente onde começa o bioma Pampa, característico de produção do tabaco. Ela conta que o MPA surgiu em 1996, a partir da problemática da seca, semelhante em vários estados, e se consolidou em 19 estados do Brasil, sendo Rio de Janeiro e São Paulo os mais recentes.

Fazendo um recorte para o estado do Rio Grande do Sul, o MPA possui atuação em sete regiões, algumas com maior capacidade de articulação. Atua em interface

com outras redes, como a Rede Ecovida, construindo um entendimento de que é fundamental que os atores dos territórios estejam articulados a partir de questões convergentes, como a agroecologia e as temáticas políticas. O MPA começou suas ações em um acampamento com 15 mil pessoas, construindo debates sobre crédito, moradia, auxílio Pronaf, Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), e, a partir do crédito, conseguiu consolidar experiências.

Miqueli conta que, em Santa Cruz do Sul (território com forte presença do cultivo do tabaco), o campesinato é integrado às indústrias do tabaco. O MPA começou suas ações na região em 2002 e, em 2004, começou a estruturar cooperativas. Hoje, existem instrumentos jurídicos: um Centro de Formação, em Santa Cruz do Sul, e três cooperativas (uma de produção, uma habitacional e uma de assessoria e assistência técnica). Ela explica que *"Lá, foram travadas muitas lutas, principalmente na área do tabaco. Houve uma desestruturação da produção de alimentos para que as famílias ficassem reféns da indústria do tabaco. O MPA começou um trabalho na diversificação de alimentos e hoje já conseguiu se consolidar".*

ATUAÇÃO TERRITORIAL: o MPA construiu um centro territorial de referência, onde funcionam uma agroindústria e um Centro de Formação. Em 2007, várias políticas públicas de Ater fortaleceram os processos e envolveram mais de 3 mil famílias, além do envolvimento de uma base social ainda mais ampla, que articulava aproximadamente 12 mil famílias (direta e indiretamente).

SEMENTES CRIOULAS: o movimento tem uma unidade de produção de semente crioula e criou também a Rede Camponesa de Agroecologia. As entidades que fazem parte dessa articulação estão em vários territórios, e o trabalho mais forte é na estruturação da comercialização. Através de uma das cooperativas, fornecem por mês aproximadamente 200 toneladas de alimentos para as cidades.

DESAFIOS: no momento atual, essas políticas públicas entraram em colapso, e, hoje, o Rio Grande do Sul não atua na política de PAA. Mas isso impulsionou a busca por outras experiências e o fortalecimento das redes locais de comercialização (feiras). Miqueli conta que, *"Em 2015, o MPA fez o primeiro congresso, e, a partir da compreensão do caráter burguês do estado e que este está em disputa, surgiu a necessidade de fazer um estudo e aprofundar a temática da agricultura camponesa. Assim, foi elaborado o Plano Camponês. Essa é a contribuição do MPA para a construção de um projeto popular para o Brasil"*.



HORIZONTES NO DIÁLOGO CAMPO–CIDADE: segundo a análise dos coletivos, é necessário construir as políticas públicas e *"atuar em rede, uma vez que 80% da população brasileira está na cidade, e muitos destes estão na periferia e são trabalhadores. Então, é importante fazer essa construção com os trabalhadores da cidade. No congresso do MPA, isso foi consolidado, a relação campo–cidade, produzir comida boa pra gente e para as cidades. Nossas organizações estão relacionadas com organizações das cidades (como, por exemplo, a Feira ligada com a Federação Única dos Petroleiros (FUP)). O cerne é a construção de uma estratégia política e a construção política da agroecologia na relação com a cidade. Em Santa Cruz do Sul, conseguiu-se consolidar isso, as organizações que estão no campo trazem esse debate, não só com o movimento agroecológico, da importância da produção de alimentos saudáveis. É preciso ter a audácia de ter projetos que deem conta das necessidades das/os trabalhadoras/es em geral (campo e cidade). Precisamos disso, esse é o momento fértil, e esse ENA traz esse tema, junto com o tema da democracia, espaço importante para isso"*, termina Miqueli.

As vozes que se somam às lutas da Mata Atlântica e do Pampa no Rio Grande do Sul: depoimentos

> *"O MPA é umas das poucas organizações que atuam nessa região. Lá estamos desamparados. Os municípios são muito distantes uns dos outros. Isso dá espaço para o agronegócio entrar e a soja avançar sobre o nosso território.*
>
> Agricultor dos Pampas (RS)

“Na Guatemala, em 2007, o Congresso da República aprovou a Lei da Alimentação Escolar, em que 70% dos produtos devem ser da Agricultura Familiar. A dificuldade é que as/os trabalhadoras/es têm que ter licença sanitária e fatura contábil. É um problema para a/o produtora/or individual, que tem que criar empresas ou cooperativas para fornecer para o Ministério da Educação. Nossa experiência é muito inicial. Se nos organizarmos, se exigirmos e sensibilizarmos os consumidores, os pais, pode ser possível. Para a produção camponesa, não há mercado, não tem onde vender. Há o desperdício de frutas cítricas, abacates. Necessitamos de tecnologia pra organizar essa produção, grandes centros de refrigeração para o período de baixa safra. Isso seria uma estratégia, se não, há frustração. Não há consciência das/os produtoras/es sobre essa importância. O movimento agroecológico é incipiente, estamos nessa luta. Há uma campanha perversa de grandes empresas para introduzir arroz e milho, porém nós produzimos milho. Temos que construir esperanças, e o Brasil tem dado passos importantes ao ter a política de agroecologia, a lei de alimentação e o movimento em nível nacional que trabalha em agroecologia em diversos territórios. Vocês nos animam. O manejo do solo e a relação com a lua são importantes para o manejo agroecológico, e há ataques para demonizar esses conhecimentos tradicionais, essa sabedoria ancestral. Não há política que defenda essa sabedoria, há, ao contrário, um ataque para destruir esse conhecimento.

Representante da Guatemala

“Envolver campo e cidade, fortalecer a unidade pela qual a gente tanto luta e fala. Temos alguns eixos temáticos: acesso a terras, cultura de gênero; queremos trazer todos esses segmentos para construir a agroecologia. Forjar novos sujeitos da sociedade: o novo homem e a nova mulher para construir o projeto popular para o Brasil.

Representante da Juventude
Vale do Rio Pardo (RS)

“Se não fossem os movimentos sociais e as organizações da sociedade civil, a gente não teria avançado em políticas públicas. Consea e Cnapo são conquistas dos movimentos. O Pnae, quando começou em 2010, era para que chegasse até 30% da aquisição da Agricultura Familiar (AF), mas não chegamos a isso.

Representante da Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Cnapo)



"A aproximação dos camponeses com a cidade vai para além das feiras. Será que a gente está conseguindo levar o que a gente pensa, e não só a comida? Precisamos sair da zona de conforto. Esse momento está sendo oportuno para fazer trabalho de base e também para os reacionários. Será que não estamos pecando? Por que camponeses e trabalhadores estão defendendo intervenção militar? Precisamos fazer trabalho nas escolas particulares.

Representante da Juventude (PB)

"Estamos na Rede Povos da Mata – Núcleo Raízes do Sertão. Temos que trocar nossos produtos, o que não temos e o que vocês têm. Precisamos construir essa relação de proximidade. O que está sendo produzido no Sul, fazer chegar em outras regiões. Essa relação da Rede Ecovida é uma experiência importante, precisa se fortalecer. Na Bahia, tem apenas duas redes. Vocês têm uma caminhada mais longa que a nossa. Têm muito o que ensinar para nós.

Agricultora de Irecê (BA)

"Fazemos agroecologia dentro dos editais? Eles nos travam. Vêm com a cara de governo, e não com a nossa cara. A política dos editais é preocupante. Lá no sertão, estamos brigando entre nós, disputando editais. Precisamos construir nosso projeto popular. Quem é nosso inimigo? Precisamos encarar de fato, não ficar correndo atrás de editais dizendo que fazemos agroecologia. O Sul avançou, nós não conseguimos ainda. Nossas prefeituras não compram da agricultura familiar. O Pnae, para nós, não funciona, é uma farsa; alguns lugares avançaram, mas a gente não avançou. Também nas agroindústrias os editais são muito excludentes. A nossa realidade é outra. Temos polpa, há a regularização da Anvisa, e não aceitam só com o selo municipal. Temos um Brasil diverso, não é disputa entre nós, e sim de um modelo. Modelo de desenvolvimento é a agroecologia, e não o agronegócio, que é machista, excludente.

Representante da Paraíba

“No meu quintal agroecológico, não uso queimada. Tenho 50 hectares, a metade conservo com mato; não quero que as pessoas entrem pra tirar pau, que as pessoas queimem. Tenho banana orgânica, sem carbureto. Crio abelhas. Cozinhamos com carvão do coco-babaçu, usamos óleo de babaçu, bananeira abafada, não usamos químico. Eles usam muito veneno em volta da casa, envenenam a água. Sou guardião das sementes crioulas. Eu vejo que, no futuro, as sementes vão se perder porque as pessoas não querem guardar. Isso é preocupante. Elas querem saber daquelas que germinam rápido e botam fruto rápido.

Técnico da Sema em Pedreiras (MA)

“Desde 1980, a agricultura familiar tem uma base de organização. Estamos longe da caminhada que foi apresentada aqui. Nossas comunidades quilombolas não têm articulação, são comunidades descaracterizadas da sua forma tradicional de produção, perderam as sementes. Mas começamos a trazer isso de volta. Até chegar nesse nível, há uma caminhada muito longa. Vocês, que já têm essa caminhada, poderiam nos ajudar a construir essa rede, não só fazer a transição agroecológica, a base social é muito frágil.

Representante de comunidade quilombola

“Aqui, a maioria é de homens falando. Conhecer e saber lutar pela nossa agroecologia, pela nossa alimentação saudável, dar valor aos nossos quintais produtivos, às nossas sementes crioulas. As mulheres tomam conta de casa, as famílias têm que comer uma comida saudável. Se a roça não planta, a cidade não janta! A agroecologia é como a teia, um pouco de saber pra cada um produzir sem agrotóxico.

Agricultora assentada
da Reforma Agrária (PB)





"Não conversamos entre as redes e organizações. Como construímos para além do ENA o processo de diálogo entre os territórios? Tem muitas mulheres que fazem agroecologia, e, aqui, tem poucas. É preciso avançar no processo de autonomia coletiva das mulheres, no processo de construção da agroecologia e no projeto de sociedade.

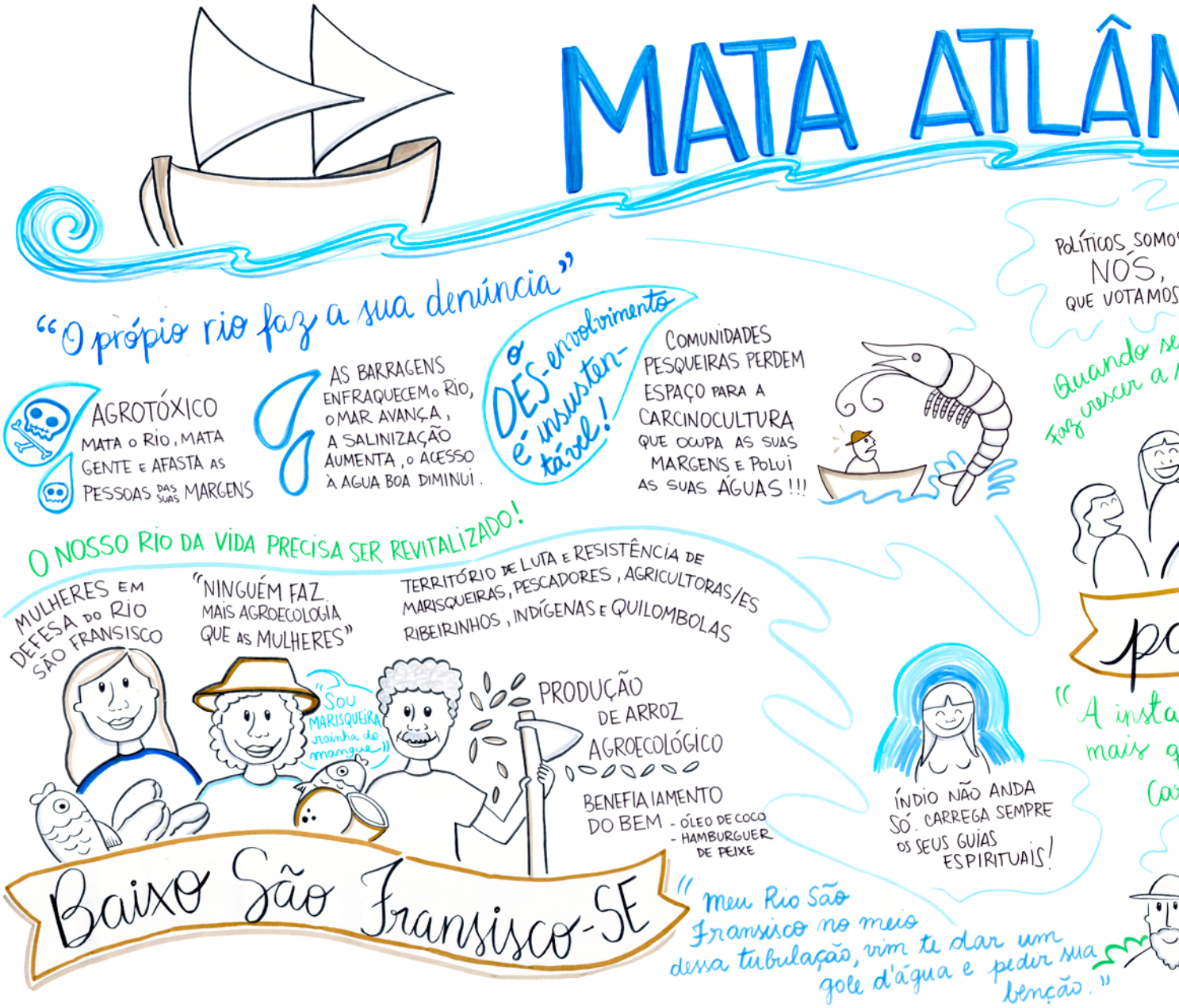
Agricultora representante do Movimento de Mulheres Camponesas

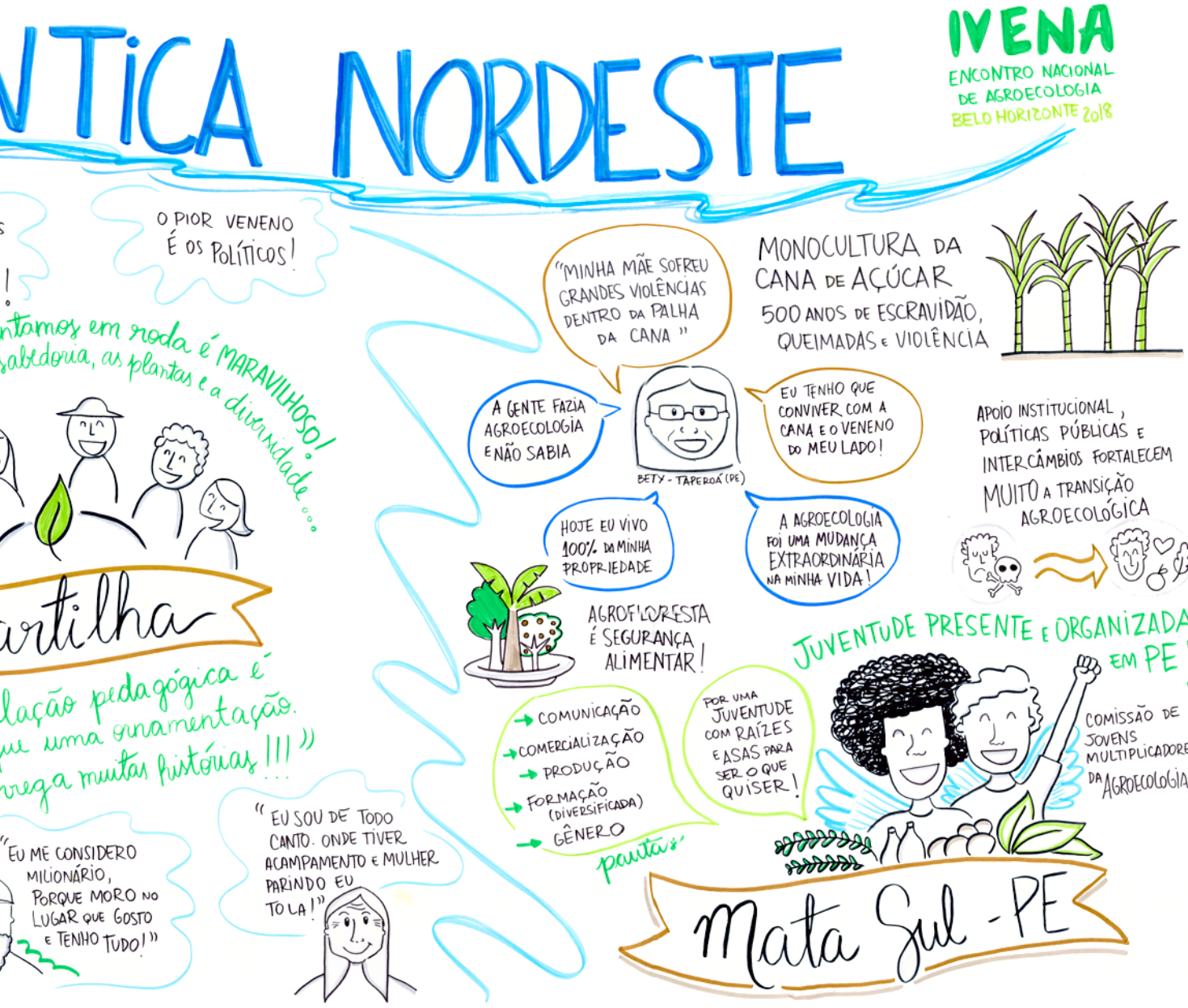
"Em 2000, conhecemos a Rede Ecovida. Lá no Pará, criou-se a Rede Bragantina. São 12 anos com visão de autonomia e editais que conseguimos no período de Dilma/Lula. Tínhamos essa base construída dentro da Rede Bragantina. Temos também as parcerias com a Embrapa. Protagonismo das/os agricultoras/es, acreditamos nisso, mesmo na maré contrária.

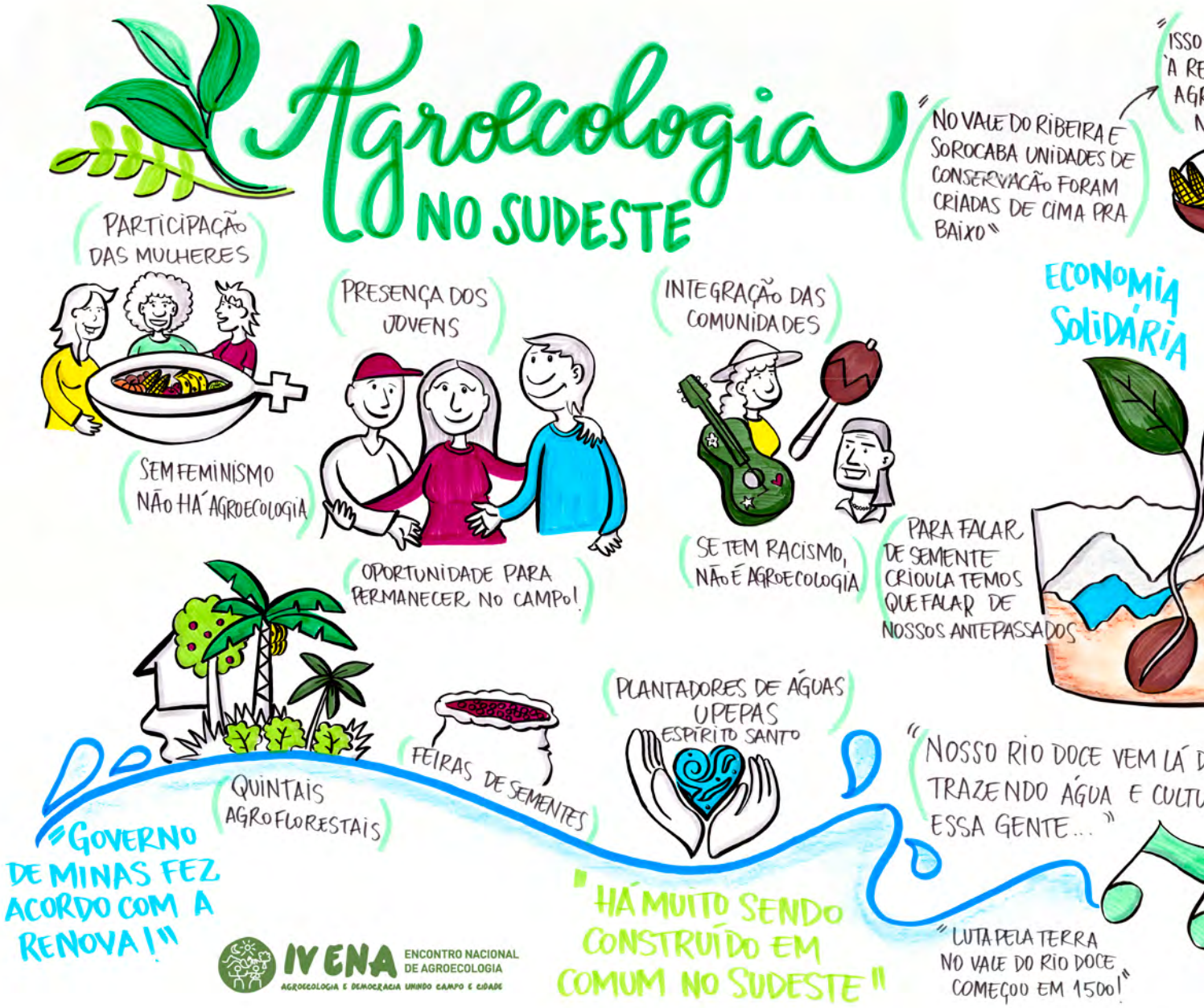
Agricultora do Pará

"Olhando para a agricultura daqui a 100, 200 anos, como imagino que vai ser o campo: 100% da produção e do consumo de alimentos no mundo deverão ser orgânicos. Hoje, a Bayer e a Monsanto estão produzindo insumos para a agricultura, e essas grandes companhias, da revolução verde para cá, estão se apropriando dessa realidade nossa. Elas estão controlando também a produção orgânica. Se deixarmos à revelia, o grande capital vai se apropriar dessa nossa luta.

Representante do MPA (RS)

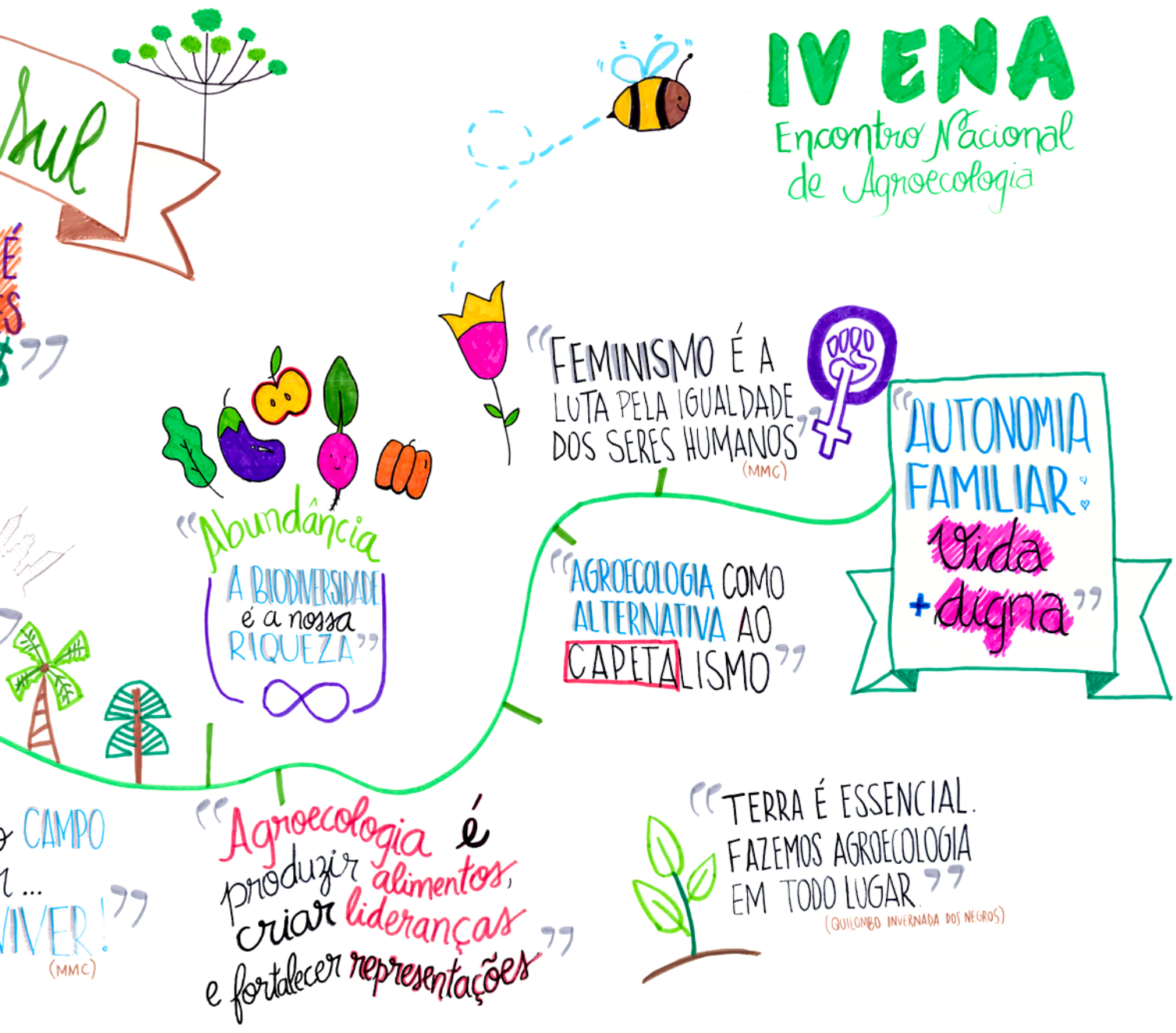

MATA ATLÂN
"O próprio rio faz a sua denúncia"
AGROTÓXICO MATA O RIO, MATA GENTE E AFASTA AS PESSOAS DAS SUAS MARGENS
AS BARRAGENS ENFRAQUECEM O RIO, O MAR AVANÇA, A SALINIZAÇÃO AUMENTA, O ACESSO À AGUA BOA DIMINUI.
O DES-envolvimento é insustentável!
COMUNIDADES PESQUEIRAS PERDEM ESPAÇO PARA A CARCINOCULTURA QUE OCUPA AS SUAS MARGENS E POLUI AS SUAS ÁGUAS!!!
POLÍTICOS SOMOS NÓS, QUE VOTAMOS
Quando se
O NOSSO RIO DA VIDA PRECISA SER REVITALIZADO!
MULHERES EM DEFESA DO RIO SÃO FRANSISCO
"NINGUÉM FAZ MAIS AGROECOLOGIA QUE AS MULHERES"
TERRITÓRIO DE LUTA E RESISTÊNCIA DE MARISQUEIRAS, PESCADORES, AGRICULTORAS/ES RIBEIRINHOS, INDÍGENAS E QUILOMBOLAS
"SOU MARISQUEIRA rainha do mangue"
PRODUÇÃO DE ARROZ AGROECOLÓGICO
BENEFIAIAMENTO DO BEM - ÓLEO DE COCO - HAMBURGUER DE PEIXE
Baixo São Fransisco-SE
ÍNDIO NÃO ANDA SÓ. CARREGA SEMPRE OS SEUS GUIAS ESPIRITUAIS!
"A insta
mais q
Ca
"Meu Rio São Fransisco no meio dessa tubulação, vim te dar um gole d'água e pedir sua benção."

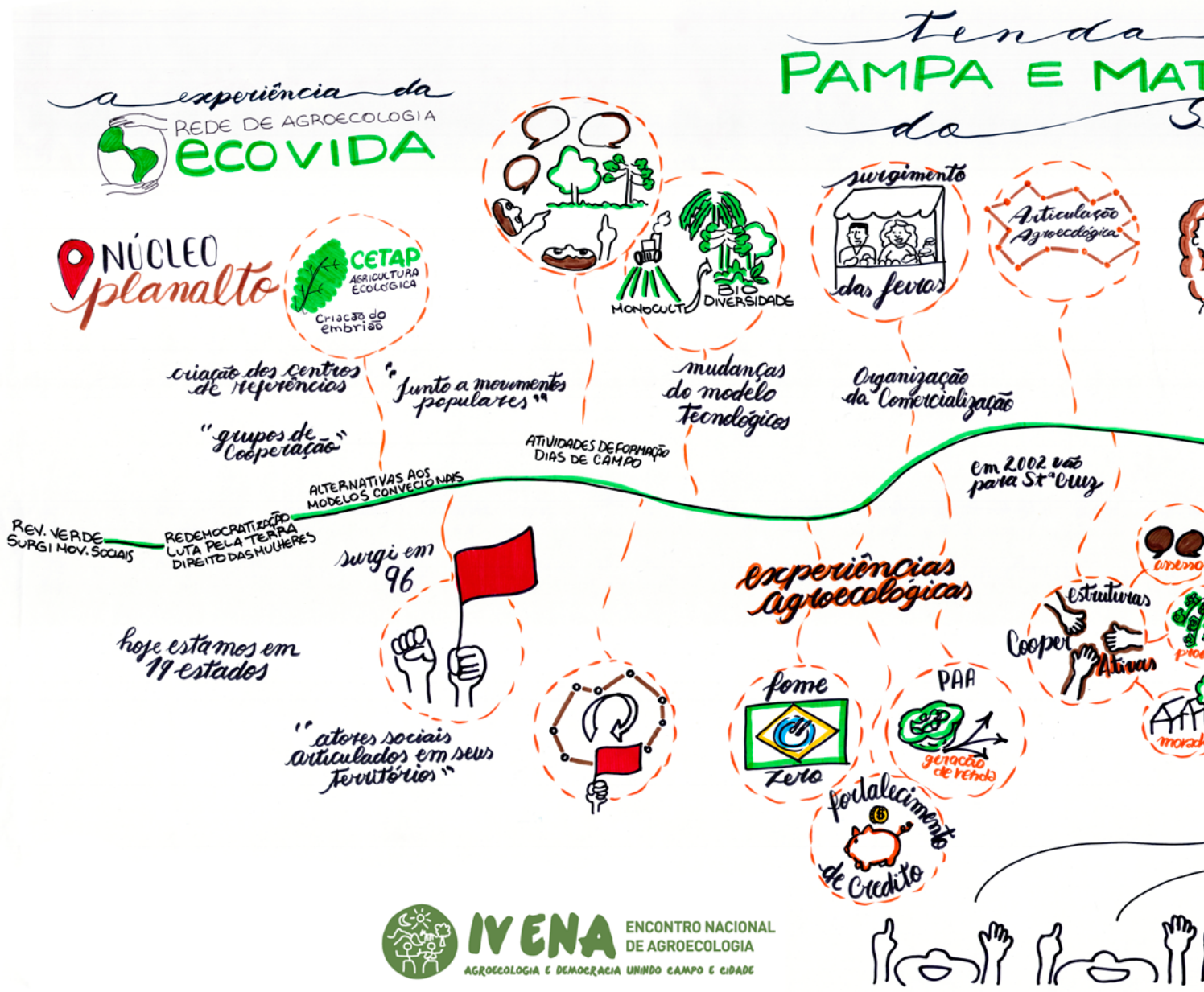

NTICA NORDESTE
IVENA
ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA
BELO HORIZONTE 2018
O PIOR VENENO É OS POLÍTICOS!
ntamos em roda é MARAVILHOSO!
sabedoria, as plantas e a diversidade...
artilha
lação pedagógica é
ue uma ornamentação.
rega muitas histórias!!!"
"EU ME CONSIDERO MILIONÁRIO, PORQUE MORO NO LUGAR QUE GOSTO E TENHO TUDO!"
"EU SOU DE TODO CANTO. ONDE TIVER ACAMPAMENTO E MULHER PARINDO EU TO LA!"
"MINHA MÃE SOFREU GRANDES VIOLÊNCIAS DENTRO DA PALHA DA CANA"
A GENTE FAZIA AGROECOLOGIA E NÃO SABIA
EU TENHO QUE CONVIVER COM A CANA E O VENENO DO MEU LADO!
BETY - TAPEROÁ (PE)
MONOCULTURA DA CANA DE AÇÚCAR
500 ANOS DE ESCRAVIDÃO, QUEIMADAS E VIOLÊNCIA
APOIO INSTITUCIONAL, POLÍTICAS PÚBLICAS E INTERCÂMBIOS FORTALECEM MUITO A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA
HOJE EU VIVO 100% DA MINHA PROPRIEDADE
A AGROECOLOGIA FOI UMA MUDANÇA EXTRAORDINÁRIA NA MINHA VIDA!
AGROFLORESTA É SEGURANÇA ALIMENTAR!
JUVENTUDE PRESENTE E ORGANIZADA EM PE!
COMISSÃO DE JOVENS MULTIPLICADORES DA AGROECOLOGIA
POR UMA JUVENTUDE COM RAÍZES E ASAS PARA SER O QUE QUISER!
COMUNICAÇÃO
COMERCIALIZAÇÃO
PRODUÇÃO
FORMAÇÃO (DIVERSIFICADA)
GÊNERO
pautas
Mata Sul - PE

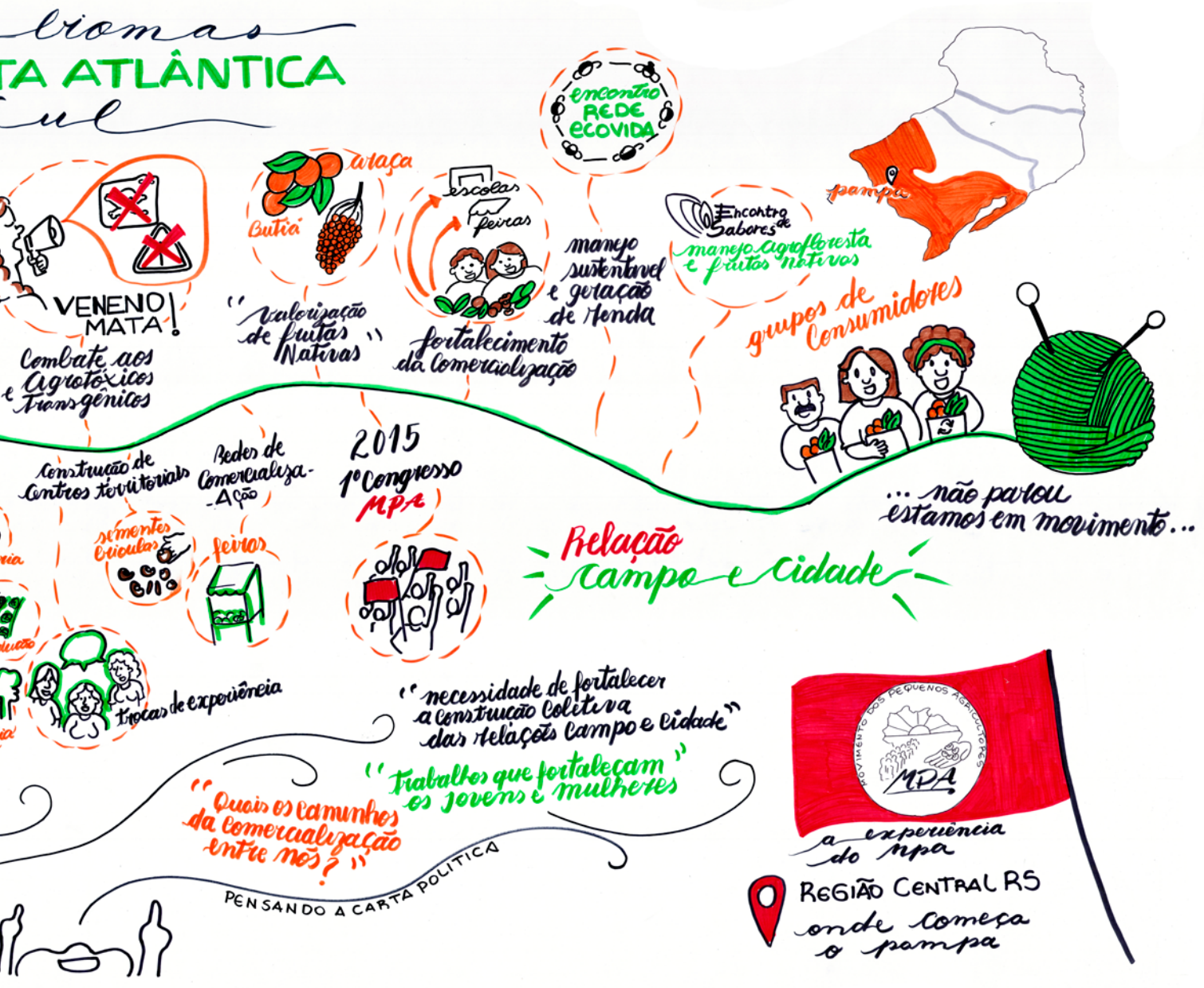

Agroecologia
NO SUDESTE
PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES
SEM FEMINISMO NÃO HÁ AGROECOLOGIA
PRESENÇA DOS JOVENS
OPORTUNIDADE PARA PERMANECER NO CAMPO!
INTEGRAÇÃO DAS COMUNIDADES
SE TEM RACISMO, NÃO É AGROECOLOGIA
NO VALE DO RIBEIRA E SOROCABA UNIDADES DE CONSERVAÇÃO FORAM CRIADAS DE CIMA PRA BAIXO"
ECONOMIA SOLIDÁRIA
PARA FALAR DE SEMENTE CRIOULA TEMOS QUE FALAR DE NOSSOS ANTEPASSADOS
QUINTAIS AGROFLORESTAIS
FEIRAS DE SEMENTES
PLANTADORES DE ÁGUAS
UPEPAS
ESPÍRITO SANTO
"GOVERNO DE MINAS FEZ ACORDO COM A RENOVA!"
"HÁ MUITO SENDO CONSTRUÍDO EM COMUM NO SUDESTE"
"NOSSO RIO DOCE VEM LÁ D
TRAZENDO ÁGUA E CULTU
ESSA GENTE..."
"LUTA PELA TERRA NO VALE DO RIO DOCE COMEÇOU EM 1500!"
IV ENA
ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA
AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADE


DEU INÍCIO
ESISTENCIA
ROECOLÓGICA "
IO TERRITÓRIO
"MONOCULTURA(DAS MENTES E DA TERRA) É SEMPRE UM DESAFIO"
"HOJE NO ENA TEMOS A GRANDE OPORTUNIDADE DE CONHECER OS POVOS QUE LUTAM PELA TERRA, PELO NOSSO BEM COMUM: A NATUREZA"
"NÓS, POVOS TRADICIONAIS, ENTENDEMOS COMO MANTER O EQUILÍBRIO DA VIDA!"
MST
"QUE SEU ALIMENTO SEJA O SEU REMÉDIO"
GENTE
MÃE TERRA
"TODA SEMENTE É UM ANSEIO DE EDIFICAR, E TODO FRUTO É UM JEITO DE A GENTE SE DAR."
"PÕE A SEMENTE NA TERRA, NÃO SERÁ EM VÃO. NÃO TE PREOCUPE A COLHEITA, PLANTA PARA O IRMÃO"
PECUÁRIA AGROECOLÓGICA: PASTO → CAMPO!
DE MINAS GERAIS,
URA PRA
"A SAMARCO ROMPE TODOS OS DIAS UMA BARRAGEM SOBRE NOSSAS CABEÇAS"
Desafios E RESISTÊNCIAS
LUTAR CONTRA!
PLANTIO DE EUCALIPTO PARA CELULOSE
MINERAÇÃO
USO DISTORCIDO DA AGROECOLOGIA PELA SAMARCO / VALE / RENOVA
SOBREPOSIÇÃO DE PARQUE E ÁREA DE CULTIVO E MORADA
NÚCLEO URBANO DESTRUÍDO PELO INCIDENTE DE MARIANA
POR LAÍS


Mata Atlântica
LUGAR DE SEMENTES NAS MÃOS DE AGRICULTORE E NÃO DAS EMPRESA
"RESISTÊNCIA AO CENÁRIO DE RETROCESSO"
"A nossa luta é NA ROÇA & NA CIDADE para garantir uma NOVA SOCIEDADE (MMC)"
"sem semente crioula não há Agroecologia (RESA)"
"AGROECOLOGIA fortalece DEMOCRACIA"
"Fazer do um lugar BOM DE


IV ENA
Encontro Nacional de Agroecologia
Sul
"FEMINISMO É A LUTA PELA IGUALDADE DOS SERES HUMANOS" (MMC)
"AUTONOMIA FAMILIAR: Vida + digna"
"Abundância A BIODIVERSIDADE é a nossa RIQUEZA"
"AGROECOLOGIA COMO ALTERNATIVA AO CAPETALISMO"
CAMPO
VIVER!" (MMC)
"Agroecologia é produzir alimentos, criar lideranças e fortalecer representações"
"TERRA É ESSENCIAL. FAZEMOS AGROECOLOGIA EM TODO LUGAR" (QUILOMBO INVERNADA DOS NEGROS)


a experiência da
REDE DE AGROECOLOGIA
ECOVIDA
tenda
PAMPA E MAT
do
NÚCLEO planalto
CETAP
AGRICULTURA ECOLÓGICA
Criação do embrião
MONOCULT
BIO DIVERSIDADE
surgimento
das feiras
Articulação Agroecológica
criação dos centros de referências
"grupos de Cooperação"
"junto a movimentos populares"
mudanças do modelo tecnológico
Organização da Comercialização
ATIVIDADES DE FORMAÇÃO DIAS DE CAMPO
em 2002 vão para Stª Cruz
ALTERNATIVAS AOS MODELOS CONVECIONAIS
REV. VERDE SURGI MOV. SOCIAIS
REDEMOCRATIZAÇÃO LUTA PELA TERRA DIREITO DAS MULHERES
surgi em 96
hoje estamos em 19 estados
"atores sociais articulados em seus territórios"
experiências agroecológicas
estruturas
Cooperativas
fome Zero
PAA
geração de renda
fortalecimento de crédito
IV ENA
ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA
AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADE


biomas
TA ATLÂNTICA
sul
encontro REDE ECOVIDA
pampa
araçá
Butiá
escolas
feiras
Encontro de Sabores
manejo agrofloresta e frutas nativas
manejo sustentável e geração de renda
VENENO MATA!
Combate aos Agrotóxicos e Transgênicos
"valorização de frutas Nativas"
fortalecimento da comercialização
grupos de Consumidores
Construção de Centros territoriais
Redes de Comercializa-Ação
2015
1º Congresso MPA
sementes crioulas
feiras
trocas de experiência
Relação campo e cidade
... não parou estamos em movimento...
"necessidade de fortalecer a Construção Coletiva das Relações Campo e Cidade"
"Trabalhos que fortaleçam os jovens e mulheres"
"Quais os caminhos da comercialização entre nós?"
PENSANDO A CARTA POLITICA
MOVIMENTO DOS PEQUENOS AGRICULTORES
MPA
a experiência do mpa
REGIÃO CENTRAL RS
onde começa o pampa


AGRICULTURAS URBANAS,
AGROECOLOGIA E DIREITO A
Amazônia
Caatinga
Cerrado
Pantanal
Mata Atlântica
Pampa
Mata Sul de Pernambuco
Baixo São Francisco

METRÓPOLES

AGRICULTURA URBANA: este foi o tema que agregou sete diferentes experiências nesse seminário territorial realizado no IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA). Assim como na Tenda do Litoral, em que também se articularam experiências tecidas em diversos ambientes, contextos e biomas, o *Seminário das Metrópoles* teve a agricultura cultivada nos grandes centros urbanos e o direito à cidade como o centro do debate.

Esse seminário serve também para o Coletivo Nacional de Agricultura Urbana (Cnau), que nasceu no III ENA, se reunir e avaliar sua caminhada, identificar suas fortalezas e celebrar as conquistas nesse percurso. O IV ENA, realizado na terceira maior metrópole do Brasil, é também produto da organização dos coletivos de agricultura urbana em todo o país e reflexo da necessidade de se fortalecerem as alianças entre campo e cidade.

TENDA DAS METRÓPOLES

A dinâmica do seminário foi construída coletivamente, e a organização do espaço foi sendo composta por meio de materiais e elementos trazidos pelas experiências das pessoas, que partilharam suas ações. Fotografias, canteiros, vasos com hortaliças, faixas, resíduos orgânicos e sacos de adubo compuseram a Tenda das Metrópoles.

Um corredor de cadeiras foi integrado ao ambiente, representando um "gueto de periferia". Nesse espaço, as/os participantes foram guiadas/os pelas experiências que contaram suas histórias, gritaram suas denúncias e reforçaram seus anúncios por meio de suas especificidades.

Criado o espaço, a tenda convidou quem estava por perto para uma grande roda, abrindo a atividade com a leitura da poesia de Márcio Mendonça, integrante do Coletivo Nacional de Agricultura Urbana e membro da experiência da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

BOAS-VINDAS: *"Aqui é a grande Tenda das Metrópoles, sejam todas/os bem-vindas/os. A Tenda das Metrópoles está no IV ENA organizada pelo Cnau. Nós fazemos parte desse coletivo, que está pautando na agroecologia as questões, os anúncios e as denúncias que acontecem na cidade e também a sua interface com o campo. Pautando a agroecologia em todos os cantos, nas periferias, nos centros urbanos e também nos quilombos".*



PERCURSO: inaugurada por essa dinâmica afetuosa de aproximação entre as/os participantes, foi realizado o percurso pelas experiências representando uma grande metrópole. Por meio da dinâmica-percurso, evidenciaram-se as formas de uso e ocupação do solo, os enfrentamentos contra a especulação imobiliária e as formas de resistência em territórios de violência. Esses anúncios nas metrópoles podem ser expressos pela ocupação e pelo uso do espaço por meio de agriculturas urbanas; pelo uso e pela ocupação das ruas e praças por feiras agroecológicas; pela promoção de economias mais justas e solidárias; e pela transformação de espaços comunitários, recriados e ressignificados como espaços políticos, agroecológicos e capazes de gerar fortalecimentos para jovens, mulheres e povos tradicionais, bem como possíveis de propor formas alternativas de abastecimento alimentar nas cidades.

DIVERSIDADES: a dinâmica então possibilitou o reconhecimento e a visibilidade de identidades ancestrais das populações tradicionais, indígenas e quilombolas presentes no território metropolitano, por meio da apresentação de duas experiências: Iacitatá e Quilombo do Abacatal, localizadas na Região Metropolitana de Belém (PA). Conhecimentos, enfrentamentos, projetos políticos e formas de gestão comunitária em torno dos resíduos orgânicos urbanos foram relatados pela experiência Revolução dos Baldinhos, da comunidade Chico Mendes, localizada na Região Metropolitana de Florianópolis (SC). Em seguida, jovens da Hortas do Gueto, localizada na grande São Paulo, cantaram suas resistências por meio de hortas cultivadas na periferia.

AS EXPERIÊNCIAS: Região Metropolitana de Belo Horizonte – Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana (Amau) e Rede Urbana de Agroecologia (MG); Região Metropolitana de Belém – Quilombo do Abacatal e Ponto de Cultura Alimentar Iacitatá (PA); Região Metropolitana do Rio de Janeiro – Rede Carioca de Agricultura Urbana (RJ); Revolução dos

Baldinhos – gestão de resíduos urbanos em Florianópolis (SC); Coletivo Horta no Gueto – Taboão da Serra (SP); Central de Comercialização da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Cecafes) – Região Metropolitana de Natal (RN).

A Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) foi representada pela Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana (Amau) e pela Rede Urbana de Agroecologia (RUA). Da escala de hortas comunitárias em ocupações promovidas por movimentos sociais às agroecologias que garantem vias de abastecimento alimentar e promovem sistemas agroalimentares na Região Metropolitana, a RMBH, apresentada por um grupo de mulheres, também dinamizou questões no âmbito da soberania e segurança alimentar em territórios metropolitanos.

As questões do abastecimento alimentar e de formas mais justas e solidárias de produção e comercialização estiveram presentes na tenda por meio da Central de Abastecimento da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Cecafes), da Região Metropolitana de Natal (RN). Fátima Torres integrou à dinâmica de experiências as dimensões entre agricultura familiar e economia solidária na promoção de um abastecimento alimentar agroecológico.

O percurso terminou com a experiência da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, por meio da Rede Carioca de Agricultura Urbana. Por meio de uma grande roda, composta por seus integrantes oriundos de diferentes espaços (sociais e institucionais) — organizações não governamentais, universidades, grupos de agricultoras/es urbanas/os, redes de juventude, quilombos, populações indígenas urbanas, agroflorestas —, a apresentação iniciou com a fala de um jovem negro, representante da juventude que resiste por meio da agroecologia em territórios de extrema violência.

REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (MG): ARTICULAÇÃO METROPOLITANA DE AGRICULTURA URBANA (AMAU) E REDE URBANA DE AGROECOLOGIA (RUA METROPOLITANA)

A Região Metropolitana de Belo Horizonte é composta por 34 municípios e é intensamente afetada pelos agrotóxicos e pela poluição tanto dentro da cidade como no seu entorno. A representante da Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana (Amau) começa a sua fala apontando que a região tem um cinturão verde de fornecimento de hortifrutigranjeiros que é composto por pequenas/os agricultoras/es incorporadas/os na lógica da agricultura convencional e que utilizam grande quantidade de agrotóxico. Porém, também existe ali um grande movimento de resistência que inclui agricultoras/es,

R.U.A. e AMAU:
Rede unida trabalha raça, gênero, juventude, educação do campo, compostagem, horta comunitária e SAF...

comunidades tradicionais e hortas comunitárias que estão em processo de transição agroecológica. Como exemplo, ela cita a experiência do município de Jaboticatubas (MG), onde 40 agricultoras/es trabalham com os sistemas agroflorestais e também reivindicam políticas públicas, como o apoio à feira Raízes do Campo, que conta com produtos agroecológicos das comunidades agricultoras e tradicionais da região.

Além disso, na Região Metropolitana existem dois movimentos que integram a sociedade civil e o governo e que estão na luta pelo fortalecimento da agroecologia. *"A questão de gênero, de raça, de juventude, de transição agroecológica, de educação do campo; a gente sabe que é uma luta que temos que levar, porque a tendência é que esse governo golpista se reflita também na Região Metropolitana."* Muitas das iniciativas de agroecologia da RMBH integram a Amau, uma articulação da sociedade civil composta por mais de 40 grupos, coletivos e instituições, e/ou fazem parte da Rede Urbana de Agroecologia (RUA), movimento da sociedade civil e do governo que constrói e influencia as políticas públicas da Região Metropolitana.

Outra iniciativa que acontece em Belo Horizonte, empreendida pela Subsecretaria de Segurança Alimentar e Nutricional da Prefeitura Municipal, é a proposta de construção de corredores agroecológicos em BH, com o objetivo de "agroecologizar" as duas bacias que abrigam a cidade, a do Arrudas e a do Onça. *"A proposta é a ressignificação do espaço urbano a partir da agroecologia. Saindo aqui do Parque Municipal, vocês vão ver que tem um canal. Nessa parte, o rio está muito canalizado; ele está completamente encaixotado, mas alguns metros adiante ele já tem um pouco de terra do lado e, no final da cidade, ele já está correndo no seu leito natural. Então a gente vai ver alternativas ligadas à agroecologia, ações de plantio de hortas comunitárias ao longo do rio."*



REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM (PA): QUILOMBO DO ABACATAL E PONTO DE CULTURA ALIMENTAR IACITATÁ

A experiência foi apresentada por uma liderança do quilombo, que faz parte da sua sétima geração. O Quilombo do Abacatal está localizado na zona urbana na cidade de Ananindeua, na Região Metropolitana do Belém do Pará. Sua fala expressou a resistência de 318 anos de existência do Quilombo do Abacatal, sendo 19 de titulação. Ela começa sua exposição falando da possibilidade de trocas no IV ENA e da oportunidade de troca de saberes e disseminação de informações que podem fortalecer a luta das comunidades.

Nesse sentido, ela traz como anúncio o protocolo de consulta livre, prévia e informada da Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), a qual fundamenta a consulta às comunidades quilombolas, indígenas e tradicionais sobre os empreendimentos que podem incidir sobre os seus territórios. Com 507 ha de terra, o território é a única área verde da metrópole e vem diminuindo devido aos projetos de uma subestação para subsidiar a construção de uma ferrovia e de uma rodovia, atualmente em curso.

Nessa experiência, a liberdade está no nome da ferrovia e da rodovia. *"Da liberdade, que na verdade não é da liberdade; nós temos o intuito de fortalecer e chamar as comunidades para entrar nessa briga. O protocolo diz que o governo tem que consultar as comunidades tradicionais. Nele está dizendo que devemos ser consultados, e isso nos dá uma luz e uma força, pois, através dele, teremos que ser ouvidos. Eles falam de benefícios, mas queremos saber quais são os benefícios desse empreendimento para a nossa comunidade."* O anúncio e a denúncia têm em comum a liberdade. A liberdade está na luta pelos direitos, na auto-organização coletiva e comunitária e na dedicação em semear as suas estratégias de luta e a busca por parceiros.



Outro problema enfrentado pela comunidade é a criação de um lixão nas proximidades do quilombo, que vem contaminando o seu igarapé. Finalmente, é na agroecologia que a comunidade se sustenta em seus diversos aspectos: político, financeiro, alimentar e ambiental.

"Nós temos feito esse trabalho pedagógico justamente para buscar mais forças das comunidades, tanto indígenas como quilombolas. Quanto mais comunidades estiverem no protocolo, mais o governo vai ter que se adequar às nossas demandas,



porque a gente sabe que é a área rural que abastece a cidade. Todo o volume que a gente faz, seja de frutas, legumes ou animais, é vendido na cidade. O agronegócio é só para exportação. Então, quanto mais gente fortalecendo as comunidades, melhor para a gente e para o governo, porque os agronegócios são só internacionais. Quem mantém este país somos nós, as nossas comunidades pequenas, mas somos muitos. Nós não somos a minoria, nós somos a maioria, só precisamos nos encontrar na nossa força e ir contra esse governo que está acabando com a gente."

PONTO DE CULTURA ALIMENTAR IACITATÁ: *"Saudações da natureza, saudação das forças da natureza. Nós somos do Ponto de Cultura Alimentar Iacitatá, que reúne hoje mais de 50 comunidades produtoras de alimentos 100% livres de veneno, de industrializados, de sementes transgênicas e de tudo que nos mata. Então, o que nós fazemos e o que o sistema diz todos os dias que é utopia a gente prova que é realidade. Enquanto o sistema diz que a utopia é poder comer sem veneno, enquanto o sistema está dizendo que a utopia é a regulamentação fundiária, enquanto o sistema está dizendo que a utopia não é ter comida na mesa, a gente está aqui provando todos os dias que, sim, é possível, porque quem alimenta, quem constrói este país, quem garante direito somos nós, são as/os agricultoras/es, as/os camponesas/es, os povos e comunidades tradicionais e as áreas rurais que estão dentro da cidade.*

As cidades também precisam se alimentar junto com o campo. O campo diz que alimenta a cidade, que, se o campo não planta, a cidade não janta, mas, se a cidade não compostar, o campo também não vai plantar. Então a gente precisa compreender que está tudo junto, que a cidade também tem áreas de plantio, a cidade também tem áreas de abastecimento. Quem abastece as cidades não é o agronegócio, quem abastece as cidades não é o monocultivo, quem alimenta o país não é o latifúndio, são os pequenos territórios, e as cidades também têm área de plantio. Lá em Belém, onde nós estamos, somos parceiros de vários assentamentos da Região Metropolitana e também de mulheres; são as mulheres que são lideranças agricultoras. Aqui é um pouquinho da nossa experiência. Isso aqui é pupunha.

Trazendo de volta não só a prática de comer, nós precisamos ser reconhecidos como detentores de saberes, como titulares de direitos. Ninguém vai comer se o nosso conhecimento tradicional for violado, ninguém vai comer se o nosso conhecimento tradicional

continuar sendo tratado como algo vergonhoso, sujo, subalterno. Se eu tiver que deixar de comer mandioca e deixar de tomar meu xibé para comer brócolis, como uma imposição do sistema imperialista, não vou comer. O Ponto de Cultura Alimentar Iacitatá trabalha também a partir da filosofia dos nossos encantados, essa relação muito delicada e íntima com a nossa natureza, com as nossas águas, com os protetores, com a nossa espiritualidade.

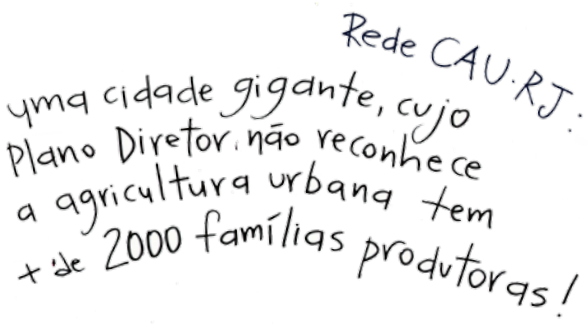
O sangue que eu carrego não mudou porque ele saiu de dentro da floresta, porque fui para a cidade para estudar, para aprender uma outra língua, para dizerem que eu era gente para poder estar aqui hoje falando para vocês."

REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO (RJ): REDE CARIOCA DE AGRICULTURA URBANA

A Região Metropolitana do Rio de Janeiro foi apresentada pelo assessor técnico da AS-PTA e integrante da Rede Carioca de Agricultura Urbana (Rede CAU). A instalação da Região Metropolitana do Rio de Janeiro foi organizada pela Rede CAU, que, por sua vez, se insere na Articulação de Agroecologia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, na Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro e na Articulação Nacional de Agroecologia. A Região Metropolitana do Rio de Janeiro possui 17 municípios e 15 milhões de habitantes, com uma dinâmica muito ativa de articulação, tanto rurais quanto periurbanas e intraurbanas.

"A gente vai tentar mostrar um pouquinho da multidimensionalidade da agricultura nesse território. Na verdade, nós estamos disputando um território, urbano, periurbano, a segunda maior Região Metropolitana do Brasil. Temos aqui um espaço que é montado por agricultoras do Rio de Janeiro, que é a feira agroecológica. A feira cumpre um papel importantíssimo não só no Rio de Janeiro, mas em todas as Regiões Metropolitanas, mesmo nas regiões rurais.

As feiras são espaços de diálogo, de conversa entre produtores e consumidores. Além disso, tem também o trabalho com a juventude, a importância e a força das mulheres, a ideia de uma agricultura que se relaciona com as Unidades de Conservação, que disputa espaço, porque, na Região Metropolitana, tem uma pressão imobiliária muito forte para o crescimento dessas zonas para as Unidades de Conservação e seus entornos. Por outro lado, a legislação ambiental impede as comunidades tradicionais que estavam lá antes mesmo de serem consideradas Unidades de Conservação. Então, temos quilombos urbanos, dentro da cidade.



O Plano Diretor do Rio de Janeiro não reconhece a agricultura, mas nós temos o Censo que mostra mais de 2 mil famílias agricultoras em uma cidade em que não existe agricultura. A gente tem muita experiência de agricultura, desde a margem, na favela, onde os jovens negros são assassinados diariamente, até a agricultura familiar, de famílias que vivem há 500 anos fazendo agricultura."



Outra representante da Rede CAU diz: *"Atualmente, sou representante da Rede CAU, Fiocruz Mata Atlântica e AS-PTA e faço parte de 5 feiras: Vargem Grande, Freguesia, feira do Ministério da Saúde, feira da Uerj e feira Josué de Castro. Nós vivemos na cidade do Rio de Janeiro, o que é um desafio para a agricultura urbana. O Plano Diretor do Rio de Janeiro diz que não tem agricultura, e nós provamos que há agricultura no Rio e alimento saudável. Eu faço parte dos quintais produtivos. Hoje, depois de perder a minha horta, meu espaço, eu me chamo* multiplicadora de quintais, *porque eu tinha uma terra grande e perdi. A feira de Freguesia foi difícil colocar na rua, cada vez era um documento, cada vez queriam alguma coisa. Fomos certificando os produtos com a ajuda de todos, e a gente resolveu ir para a praça e colocar a feira, na força, até que eles liberassem o alvará. Então, estamos aqui no ENA esperando que muitas companheiras que ficam dentro de casa, que não têm coragem de estar na luta, que ingressem nessa luta... é uma grande rede, são muitos agricultores. Mas a luta continua, e a gente aqui no ENA tem que dizer para o povo que as mulheres são a força deste país. Nesse momento, eu queria dizer: 'Marielle, presente!'. Marielle morreu porque estava defendendo as mulheres negras da favela, os jovens que são mortos a cada dia no Rio de Janeiro e no Brasil. Então, eu peço: 'Marielle, presente! Todos que morreram no campo, presente! Lula Livre! Fora, Temer!'."* Integrante da Rede Carioca de Agricultura Urbana.

Outra representante da Rede CAU fala um pouco sobre a experiência da roda de mulheres da rede. *"É uma roda, na verdade era um GT — um grupo de trabalho —, mas entendemos que essa discussão extrapolava o escopo de um grupo de trabalho, e a gente precisava chegar mais nos territórios, precisava aumentar nossa capacidade, nossa articulação. Puxando o gancho da Dona Rita, a cidade do Rio de Janeiro é uma cidade que não foi feita para nós, não foi feita para nós, mulheres, principalmente. Nós não temos nossos*

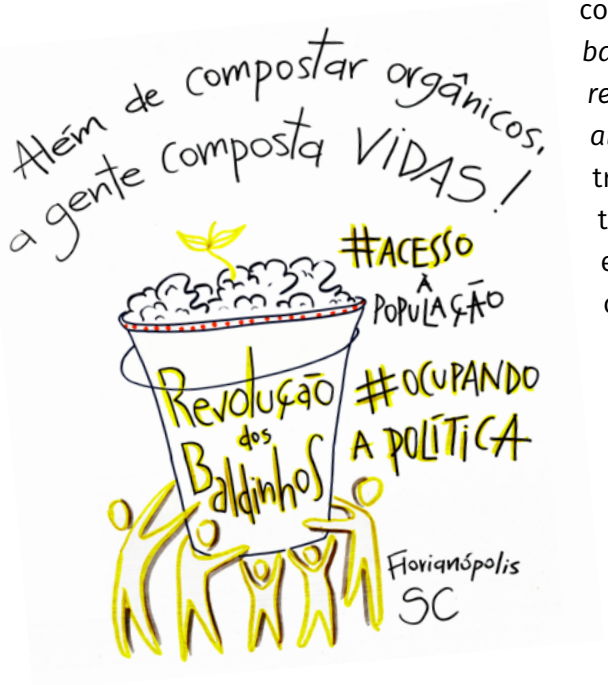
direitos assegurados, não temos acesso aos meios de saúde, não temos condições de saúde, os nossos filhos estão morrendo, estamos em Estado de exceção, estamos em um momento de intervenção militar no Rio de Janeiro. Mas sabemos que isso não vai parar por aqui, estamos em um momento de golpe, e o golpe atinge a vida das mulheres, principalmente a vida das mulheres negras."

Um jovem da Rede CAU que trabalha com quintal produtivo, horta e compostagem também traz um depoimento: *"Agroecologia não é só falar do campo, da agricultura. Ela trata de vários assuntos, ela fala de Direitos Humanos, genocídio da juventude negra. A juventude negra no Rio de Janeiro morre todo dia, e a gente trabalha muito com jovens".*

REVOLUÇÃO DOS BALDINHOS: GESTÃO DE RESÍDUOS URBANOS EM FLORIANÓPOLIS (SC)

A Revolução dos Baldinhos apresentou a experiência de 10 anos de gestão comunitária dos resíduos sólidos orgânicos. A experiência surgiu a partir de problemas de saúde pública, por conta da infestação por ratos devido ao acúmulo e não tratamento adequado do lixo na comunidade. Por meio de uma parceria entre a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o Centro de Saúde e a comunidade, aconteceu a *revolução* através da gestão de resíduos pela organização comunitária no bairro de Monte Cristo, em Florianópolis.

A representante do grupo conta que a partir da revolução a comunidade começou a compostar vidas: *"A gente começou com resíduo orgânico, trabalhando com toda a matéria orgânica, desde carne crua a restos de frutas, o que sobra nos pratos, e a gente viu que, além de compostar o orgânico, a gente composta vidas".* O trabalho da gestão dos resíduos também compreende o tratamento do óleo de cozinha, que passou a ser transformado em sabão pelas mulheres do grupo, sendo fornecido para a comunidade em troca do óleo já utilizado. A formalização de uma Cooperativa de Catadores Orgânicos foi um dos anúncios que essa experiência trouxe à tenda.



Outro anúncio comentado na experiência foi a criação da Escola Popular Revolução dos Baldinhos. Devido ao interesse de mais de 30 comunidades em implementar a revolução, a escola vai oferecer capacitação para que essa experiência seja multiplicada pela cidade, demonstrando que é possível fazer gestão descentralizada com participação social.

"A gente não está só trabalhando com o lixo. É uma coisa muito mais sistêmica, que muda completamente a dinâmica da vida, especialmente nas periferias. A gente está com essa ação, agora, em outro lugar de fala, como vereador, mas tentando construir esses instrumentos legais para sustentar essas ações comunitárias. Por isso a gente tem que ocupar a política! Por isso a gente tem que ir para cima, ocupar esses espaços, e tomara que isso inspire muita gente! A gente tem que participar desses espaços, ocupar a universidade, ocupar os conselhos, ocupar os fóruns, ocupar esses espaços legislativos, o Executivo. No dia em que as cidades estiverem em nossas mãos de verdade, então a gente está nesse movimento." (Fala do vereador Marquito, Marcos José de Abreu, do PSOL de Florianópolis/SC).

As denúncias estiveram no campo do difícil acesso às políticas públicas, que geralmente são construídas para privilegiar as grandes indústrias, além da apropriação das grandes empresas das ideias comunitárias.

A representante trouxe também a potência da organização comunitária para encontrar as soluções e continuar no processo de luta e resistência: *"Só que a diferença entre a empresa e nós é que a gente é da comunidade, e a gente da comunidade está o tempo todo conversando com os moradores, e a empresa só passa com o caminhão, recolhe e não tem a consciência de conversar com a população".*

REGIÃO METROPOLITANA DE NATAL (RN): CENTRAL DE COMERCIALIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA (CECAFES)

Fátima Torres, coordenadora da Central de Comercialização da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Cecafes), compartilhou sua experiência de gestão de cooperativa de comercialização solidária da produção agroecológica na cidade de Natal (RN), trazendo a necessidade de refletir sobre a economia solidária como forma de gestão de abastecimento alimentar.



As experiências trouxeram a apresentação de várias denúncias, como: a implementação de projetos sem o diálogo e a consulta com as comunidades; os conflitos territoriais por água e solo; a especulação imobiliária; as remoções forçadas; a contaminação dos recursos hídricos; o desmonte de políticas públicas e projetos sociais; a centralização e a falta de reconhecimento do poder público; e a subalternização dos saberes tradicionais.

As resistências estiveram presentes, e foram relatados a conquista da produção local de alimentos e o fortalecimento de circuitos de distribuição para o abastecimento; a geração de renda através do acesso aos mercados; a construção coletiva na garantia dos direitos; a transição para uma produção agroecológica; a ressignificação dos espaços urbanos; e a afirmação dos direitos pelo território, pela saúde, pela diversidade de saberes e pela vida.

"Nossa experiência traz a união do campo e da cidade. A Cecafes é a Central de Comercialização da Agricultura Familiar e Economia Solidária, ela está localizada em Natal, no Rio Grande do Norte, e a forma de ocupação se deu na forma de cooperativas. Uma rede de cooperativas da agricultura familiar com os empreendimentos da economia solidária, nesse espaço que é um equipamento público fruto da política territorial."

Segundo a integrante da Cecafes e do Fórum de Economia Solidária: "*A Cecafes é um espaço desafiador porque acolhe o rural para dialogar e debater consumo no urbano, como a gente estabelece uma relação diferenciada de mercado e como a gente estabelece uma relação diferenciada de consumo. Eu acho que a economia solidária chega na Cecafes assim como chega nos espaços de feira, como estratégia diferenciada de se relacionar com o mercado e ter uma comercialização que se aproxima dos princípios e das características da produção coletiva, do trabalho associado*".



COLETIVO HORTA NO GUETO – TABOÃO DA SERRA (SP)

Em Taboão da Serra, na periferia de São Paulo, é desenvolvida a iniciativa do Horta no Gueto, coletivo que atua desde 2012 incorporando um diálogo entre a agroecologia e a permacultura na linguagem da periferia. Nessa experiência, a horta urbana ganha destaque por ser um espaço de convergência e militância, onde a metodologia das atividades está em torno da música, que acaba envolvendo e reunindo a juventude local.

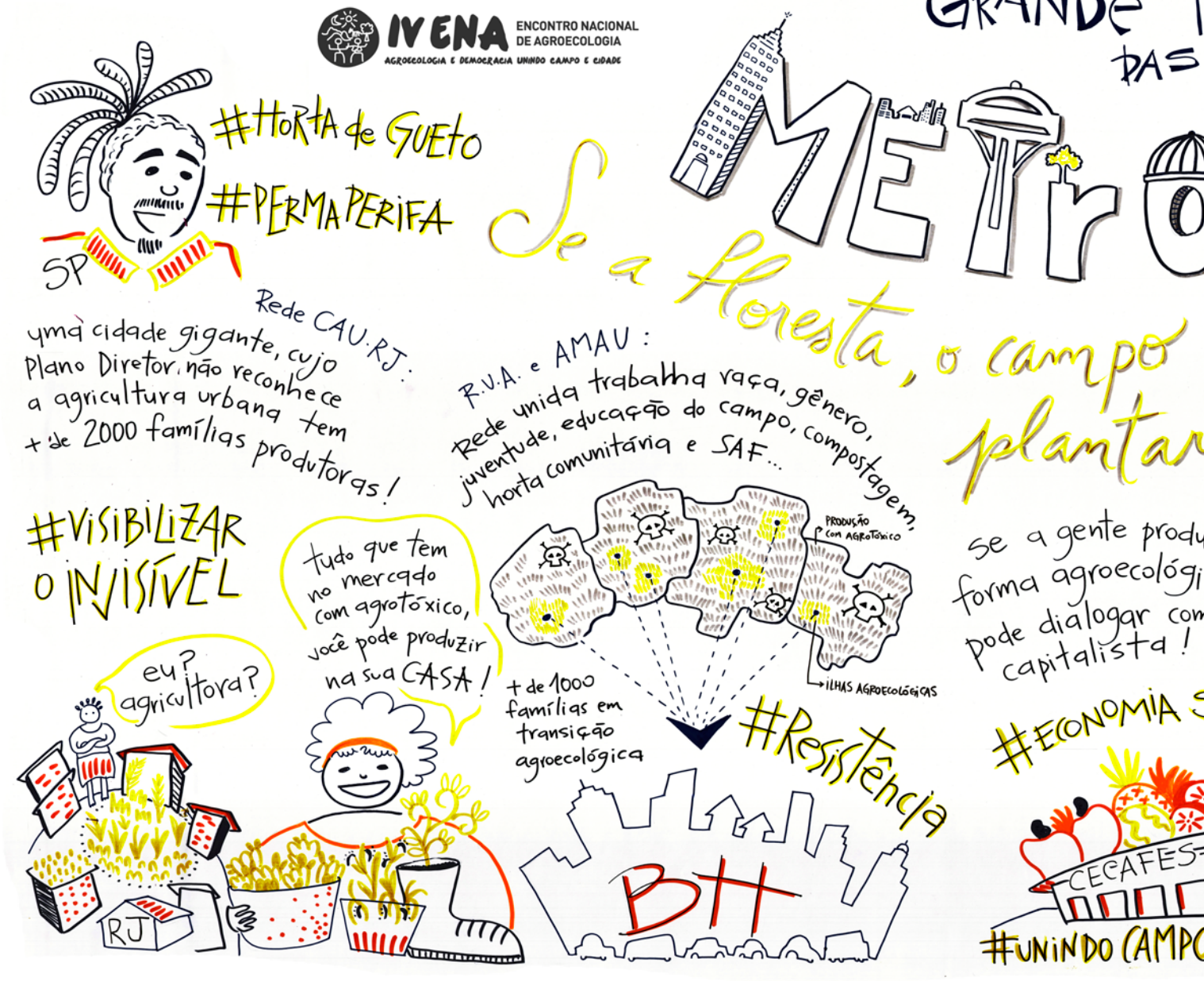
"A gente começa com o som, com a música, acho que todo mundo aqui é ligado à música. É através do sistema de som que começam todas as atividades, seja plantando, seja fazendo uma feira de alimentos agroecológicos, que é uma forma de a gente reivindicar o direito a uma alimentação sem veneno, comida sem veneno na periferia."

O trabalho das mulheres também está ligado ao escoamento dos alimentos. Em parceria com as mulheres do Vale do Ribeira, uma feira é organizada uma vez por mês em Taboão da Serra. *"É uma forma de poder escoar os alimentos que são produzidos e chegar pela periferia. É uma forma de garantir que a periferia coma comida sem veneno. A gente está em uma praça que já tem umas hortas e a gente prepara essa feira com os alimentos do bairro do Vale do Ribeira, e nisso a comunidade vai se envolvendo, se alimentando e conhecendo o trabalho também. Ao mesmo tempo, rola oficina de plantio e tinta com terra."*

Água para matar essa sede, água para matar o calor,
água para regar o jardim, água do céu pra você e pra mim.
Caia, chuva, caia suave e bem devagar.
Leve-me com você.
Não me deixe aqui parado, observando
todo esse gotejar.
Quando chove tudo é lindo.
Por favor, leve-me contigo e me ensina a me molhar.

A poesia foi seguida do seguinte comentário: "*Água é o direito de todos e de todas, né? Vamos lá, Tainá, falar um pouco sobre a experiência da alimentação, da segurança alimentar".*




IV ENA
ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA
AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADE
GRANDE T
DAS
METRÓ
#HORTA de GUETO
#PERMAPERIFA
SP
Se a floresta, o campo
plantar
Rede CAU.RJ:
uma cidade gigante, cujo
Plano Diretor não reconhece
a agricultura urbana tem
+ de 2000 famílias produtoras!
R.V.A. e AMAU:
Rede unida trabalha raça, gênero,
juventude, educação do campo, compostagem,
horta comunitária e SAF...
#VISIBILIZAR
O INVISÍVEL
eu? agricultora?
tudo que tem
no mercado
com agrotóxico,
você pode produzir
na sua CASA!
RJ
PRODUÇÃO
COM AGROTÓXICO
ILHAS AGROECOLÓGICAS
+ de 1000
famílias em
transição
agroecológica
#Resistência
BH
se a gente produ
forma agroecológi
pode dialogar com
capitalista!
#ECONOMIA S
CECAFES
#UNINDO CAMPO


ENDA
PÓLES
agronegócio é para exportação, quem alimenta a CIDADE somos NÓS
Somos pequenos mas somos muitos!
#RESPEITE o Protocolo do QUILOMBO
PA
QUILOMBO DE ABACATAL
e a cidade
, todo o povo vai
jantar
#tradição
ninguém vai comer se o nosso conhecimento tradicional for violado, visto como sujo ou vergonhoso
#CUPUAÇÚ
#PUPUNHA
#CANHAPIRA
#IACITATÁ
#UNIÃO
Além de compostar orgânicos, a gente composta VIDAS!
O imperialismo rouba nossas referências culturais, faz o povo comer brócolis em vez de UXI!
#ACESSO À POPULAÇÃO
#OCUPANDO A POLÍTICA
A empresa pública vem e coleta, mas não conversa com os moradores ...
Revolução dos Baldinhos
Florianópolis SC
#ALIMENTO É CULTURA
Belém PA
SOLIDÁRIA
E CIDADE


Odery
EVANS

LITORAL

Há quem diga que o caiçara é o caipira do mar, há quem diga que o mar deixou de ser considerado território masculino. Pela primeira vez, um Encontro Nacional de Agroecologia (ENA) pede licença para pisar nas águas dos mares e aprofundar suas relações sobre os litorais e sobre os vários usos do mar enquanto um território produtor de vida e resistências.

A Tenda do Mar recebe com jongo, toré e carimbó quem mergulha em suas águas salgadas para conhecer de perto as diversas práticas agroecológicas que observam as marés, tecem redes de resistências e práticas artesanais e cuidam dos tempos de cada peixe e animal que habita seus diferentes trechos.

O turismo predatório perde lugar para a força do Turismo de Base Comunitária, as práticas realizadas pelas mulheres ganham voz e vez. Na imensidão dos desafios que circundam a costa brasileira, diversas comunidades encontram nos territórios força para caminhar em diálogo com a produção saudável de alimentos e a defesa dos direitos.

"NÓS VAMOS LUTAR, NA TERRA E NO MAR!"

TENDA DO LITORAL

Esse seminário construiu um espaço de discussão voltado especificamente para tratar das questões que envolvem o território do litoral e dos seus povos, evidenciando a importância de pensar as práticas relacionadas às zonas costeiras e aos mares dentro da agroecologia.

Guardando inúmeras belezas e histórias de luta contra grandes empreendimentos e privatizações, quatro experiências embalaram o Seminário Territorial do Litoral brasileiro: das Pescadoras e Pescadores dos Vales do Curu e Aracatiaçu (CE); do Litoral do Rio de Janeiro, na Região Serramar — representada pela Associação da Enseada das Gaivotas (RJ); da Baía de Ilha Grande, entre o Rio de Janeiro e São Paulo — representada pelo Quilombo do Campinho e pelos povos indígenas e caiçaras da região (Fórum de Comunidades Tradicionais de Paraty e Angra dos Reis (RJ) e Ubatuba(SP)); e das Pescadoras Artesanais do Litoral do Paraná (PR).

A roda, seguida de um toré — expressão cultural do povo Tremembé do Ceará — e do jongo — expressão cultural puxada pelas/os companheiras/os do Quilombo do Campinho (RJ) —, abriu os trabalhos do seminário territorial, que articulou as experiências do mar.

Alexandre Merrem e Generosa Silva destacaram alguns pontos das experiências que foram acolhidas na tenda. As pescadoras artesanais do litoral do Paraná trouxeram os saberes relacionados à arpilharia (bordado-denúncia); a delegação do Ceará apresentou a luta pela demarcação das terras da região dos vales do Curu e Aracatiaçu, pelo povo Tremembé; e, pelos representantes do Rio de Janeiro, foram apresentadas as iniciativas de resistência da Enseada das Gaivotas, em Rio das Ostras, e do Quilombo do Campinho, em Paraty.

Ao longo do Seminário, foi possível perceber que as lutas nos diferentes contextos e nas regiões convergem na luta em defesa dos territórios, dos bens comuns e do respeito à cultura dos povos. Ao som do carimbó, animado pela delegação do Pará, e de um canto para os Encantados das Florestas, puxado pelos povos indígenas presentes, o seminário foi encerrado.

VALES DO CURU E ARACATIAÇU (CE)

A experiência do território do Ceará mostrou um pouco da diversidade dos povos que habitam a região dos vales do Curu e Aracatiaçu.

A luta pelos bens comuns foi um ponto central na apresentação. Mais uma vez, a questão da água apareceu nas falas. A partir de uma estratégia de mobilização do povo que reivindicou um sistema de abastecimento, a maioria das famílias da região continua com um sistema autônomo e comunitário de gestão da água, o que mostra que o que é público não necessariamente significa que deva ser controlado pelo Estado, que muitas vezes significa perigo de privatização. Bem comum é de todos, e não do Estado!

A questão da defesa do território sagrado indígena foi trazida pelo povo Tremembé, que habita a região. Os Tremembé, que são o único povo indígena que persiste na luta pelas terras no litoral, apontam que o capital transnacional vem comprando todas as terras para fazer empreendimentos e forçando os nativos da região a se mudarem.

Outra denúncia feita pelas/os pescadoras/es da região foi sobre o impacto que a carcinicultura (fazendas de produção de camarão) causa nos manguezais, além de cercarem os caminhos por onde navegam as/os pescadoras/es que precisam ir trabalhar. Elas/es relatam que, quando tentam passar por esses trajetos, que tradicionalmente eram de livre circulação, elas/es são, muitas vezes, criminalizadas/os: *"Assim como a empresa de energia eólica, que privatizou as dunas onde tinha lagunas e árvores em que coletávamos frutos, somente podemos adentrar nesses espaços se eles permitirem"*.

São muitas as formas de resistências e os anúncios apontados nesses territórios. O turismo comunitário, representado pela Rede Tucum, aparece como uma estratégia importante para compartilhar a realidade local e fazer frente ao turismo predatório e à especulação dos grandes resorts.

O protagonismo das mulheres foi ressaltado. São elas que constroem cotidianamente a agroecologia nos quintais e que permanecem nos territórios em tempos de crise e de falta de alimento, quando muitas vezes os homens migram para trabalhar em outras cidades.

Outro ponto levantado foi a importância dos cursos de multiplicadoras/es em agroecologia para a troca de conhecimentos e o autorreconhecimento das/os próprias/os agricultoras/es dentro da agroecologia. No mesmo sentido, foi reforçado que é essencial a assistência técnica para a agricultora e o agricultor.

A reforma agrária foi apontada como essencial para barrar a forte especulação imobiliária no litoral e para fortalecer a agroecologia. "*Não se faz agroecologia nos quintais dos outros*", disse Dona Rita, do Assentamento Semoba, que também falou da necessidade de ampliar o acesso às tecnologias das cisternas e à construção autônoma pelas comunidades de bancos de sementes, pois sem elas não há agroecologia. Por fim, ela ressaltou a importância das/os jovens como perpetuadoras/es da agroecologia e a dimensão afetiva e de defesa da diversidade: *"A agroecologia é a ciência do amor, da mulher, dos jovens, de todos; por isso a gente é feliz, fazendo nossa agroecologia"*.



BAÍA DE ILHA GRANDE – FÓRUM DE COMUNIDADES TRADICIONAIS DE ANGRA DOS REIS, PARATY E UBATUBA (RJ E SP)

As/os representantes das comunidades contam que foram muitos anos de luta até o reconhecimento da titulação do Quilombo do Campinho da Independência, comunidade fundada por três mulheres no século XIX. Relatam também que essa luta pela manutenção e pelo respeito às terras está sempre presente, especialmente diante dos golpes políticos que o Brasil vem vivendo.

A experiência do Quilombo do Campinho da Independência, em Paraty, é de luta por reconhecimento e resistência através da educação quilombola e da agroecologia. Por meio da educação voltada para a valorização da cultura tradicional e para a relação ancestral de respeito e cuidado dos povos quilombolas com a natureza, a agroecologia é uma das frentes de ação e resistência.

A juventude do quilombo tem um papel de protagonismo no fortalecimento da agroecologia na comunidade, e muitas/os jovens estão envolvidas/os na agricultura, na articulação e na comunicação popular e comunitária, enquanto outras/os atuam no restaurante do Quilombo, um espaço de grande importância e resistência para a comunidade. Boa parte das/os jovens também participa do jongo e mostra a importância da juventude jongueira para o fortalecimento da cultura local. Ressaltou-se que algumas/ns jovens também participam de vários espaços importantes de luta, como a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro e o Fórum de Comunidades Tradicionais.

A companheira da etnia Guarani, também de Paraty, diz que o Quilombo é um território que acolhe a diversidade dos povos da região: quilombolas, indígenas e caiçaras. Chamou-se a atenção para espécies de plantas cultivadas no quilombo, o que mostra a valorização e o respeito à natureza.

As mulheres quilombolas falam ainda da importância da feira agroecológica e de economia solidária para o fortalecimento da agricultura e do artesanato e da rede de solidariedade que se criou entre as pessoas da comunidade nesse processo. O espaço da feira foi construído e conquistado principalmente pelas mulheres.

Outra experiência de resistência trazida foi a do Turismo Comunitário, que não só tem ajudado na construção da autonomia financeira da comunidade como tem contribuído para a disseminação da cultura quilombola a partir da troca de experiências.

Ao final da apresentação, ressaltou-se que o Quilombo do Campinho representa bem a luta da união entre campo e cidade, através do diálogo que proporciona a partir da cultura, das feiras, da alimentação e do turismo.

ARTICULAÇÃO DE AGROECOLOGIA DA REGIÃO SERRAMAR: ASSOCIAÇÃO ENSEADA DAS GAIVOTAS (RJ)

A Região Serramar da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro agrega práticas agroecológicas nos municípios de Araruama, Silva Jardim, Casimiro de Abreu, Rio das Ostras e Macaé. Apesar das suas singularidades, essas cidades possuem muitos problemas em comum. Essa região recebe muito impactos socioambientais negativos por conta da extração de petróleo e da especulação imobiliária. Além disso, o desequilíbrio ambiental causado nesse processo leva à morte da vida marinha da região e impossibilita o modo de vida e a atividade de centenas de pescadoras/es artesanais.

Essa região vem sofrendo também com projetos de privatização dos bens comuns, como a água, uma ameaça que afeta diretamente a Enseada das Gaivotas. A especulação imobiliária e o racismo ambiental atingem os corpos e as práticas das mulheres, que lutam através da agroecologia e da arte e que têm na feira seu símbolo maior de resistência.

Foram apresentadas as experiências da Enseada das Gaivotas, em Rio das Ostras; do Assentamento Osvaldo de Oliveira, em Macaé; do Almoço Agroecológico de Casimiro de Abreu; das agroflorestas de Silva Jardim; e dos guardiões de sementes locais de Araruama.

Foi ressaltado o papel social da universidade e da educação popular como formas de potencializar e contribuir na construção das transformações sociais que queremos. A importância do uso das plantas para a saúde e o autocuidado também foram trazidos muito fortemente. Além da cura física, as ervas são essenciais para a cura espiritual e para a vivência da religiosidade.

MOVIMENTO DE PESCADORAS E PESCADORES ARTESANAIS DO LITORAL DO PARANÁ (PR)

As Pescadoras Artesanais do Litoral do Paraná apresentaram sua experiência com a arpilharia (bordado tradicional chileno muito utilizado pelas mulheres para fazer denúncias, à época da ditadura do general Augusto Pinochet, no Chile, hoje usado por vários movimentos sociais na América Latina para ecoar a voz das populações que enfrentam violências em seus territórios). A arpilharia é utilizada também como uma ferramenta de mobilização e comunicação popular. Nas palavras de uma mulher representante das pescadoras: *"Já que os órgãos não conseguem nos entender, vamos desenhar, ou melhor, bordar para eles"*. E assim, através da sua arte, elas dizem: *"Plantar roça não é crime, é nosso direito"*.

As pescadoras vêm sendo impedidas de realizar sua pesca tradicional por órgãos de Proteção Ambiental do Estado sob a justificativa de que a pesca prejudicaria o meio ambiente local. Da mesma forma, por estarem em áreas de proteção, não é permitido às comunidades o desenvolvimento da agricultura. Algumas mulheres tiveram seu roçado destruído e, hoje, plantam "escondidas" das autoridades locais. Elas, então, se organizaram em um grupo próprio para poder fazer frente a esse cenário, além de denunciar a violência contra as mulheres e reivindicar mais visibilidade para o trabalho das mulheres na pesca artesanal.

Durante a troca de experiência, Viana Jr., do Ceará, fala sobre como ficou impactado com o trabalho das pescadoras: *"Me chama a atenção fazer a resistência com ludicidade. Nossa cor, a luta do povo não é só na guerrilha, e sim numa luta diária, como essa, que é uma forma de resistir fazendo algo manual. Além do bordado, uma denúncia também, além da comunicação, muito presente, um cartaz-denúncia, muita coisa sendo dita nos bordados".* Várias companheiras presentes afirmaram que vão levar e multiplicar a arte da arpilharia em seus territórios.

As vozes que se somam às lutas pelo mar e seus povos: depoimentos

> *"Desenvolvo trabalho na Enseada. Ao olharmos o artesanato, vemos o polvo da agroecologia e o polvo da corrupção, destruição. Vemos a feira como uma forma de resistência, pois temos um risco de perder por especulação imobiliária, pois acham que os povos que vivem no litoral não devem estar nesses espaços. As mulheres da Enseada recebem alunos do curso de Nutrição, que trabalham a agroecologia. Numa cidade do petróleo, nós estamos resistindo com agroecologia e universidades juntas.*
>
> Integrante da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (Aarj)

“Ser militante é se solidarizar, compartilhar na luta de resistir. Em uma das regiões mais disputadas, nós brigamos com gente que quer nosso território com todas as forças! Nossa luta é muito grande, mas, com esse fórum, temos força necessária para transformar toda essa luta nessa coisa linda que estamos vendo aqui hoje. Nossa educação é uma educação quilombola diferenciada, mas o município não consegue compreender isso. Nasce menino todo dia, e não se sabe de onde ele vem, sua cultura, de onde veio e tudo mais.

Mulher quilombola, liderança do Quilombo do Campinho e militante do Fórum de Comunidades Tradicionais

“Ninguém faz agroecologia no quintal dos outros, a gente faz no nosso quintal. A gente tem que produzir para sobreviver. Enquanto as/os caminhoneiras/os estavam paradas/os, vê se a/o camponesa/ês ficou sem comer. Ela/Ele colhe do pé, e o prato está cheio.

Agricultora do Ceará

“Fizemos uma arte sobre a água com dois povos, o povo da agroecologia e o povo do mal, da especulação. Sem água nós não vivemos. E eles estão com um processo de privatização da água, isso não pode acontecer.

Animadora da Rede na Enseada das Gaivotas (Serramar-RJ)

“A agroecologia é a ciência do amor. Da mulher, do jovem, de todos, por isso a gente é feliz, fazendo a nossa agroecologia.

Agricultora urbana do Rio de Janeiro

“... Da água doce e salgada, não quero tirar o sal, essa é a grande relação do pescador e da natureza; as folhas que apodrecem nos dão a vida e a beleza... Menina, não se espante, o mar também se alimenta desse manguezal infinito... o povo se alimenta, come peixe, come gente, todo mundo se dá bem, o pescador principalmente não é coisa do além.

Carimbó feito pelos cantadores do Curuçá (PA)

“Sem a pesca e sem a agricultura, não conseguiríamos fazer o turismo comunitário. Essa relação entre mar, terra e agroecologia é fundamental.

Mulher integrante da Rede Tucum de Turismo Comunitário

“O povo que se organiza produz e preserva o meio ambiente, que para nós é sagrado.

Agricultor do Ceará

“Somos mais fortes do que parece. Às vezes, a nossa amiga não tem forças, mas a gente a ajuda. O seu Juarez não sabia vender o produto dele, me emociona ver hoje ele falando sobre o seu trabalho, valeu a pena esticar a mão naquela feira. Se nós nos ajudarmos, vamos nos multiplicar. Tenho orgulho de ser agricultora e ser do quilombo, eu falo com o coração. Nós, mulheres em Paraty, não tínhamos voz, hoje conseguimos conquistar nossa fala. No fórum da economia, vieram dizer que não poderíamos participar por não termos formação. Saímos do fórum e criamos o Somar e a Economia Criativa.

Agricultora e vendedora de temperos de Paraty

“Ressaltar as manifestações de espiritualidade, dessa mistura dos encantados, nossos orixás, espiritualidade afro-brasileira, isso está expresso mesmo. Na luta pela perspectiva dos territórios sagrados para os indígenas e também do espaço espiritual para nós, povos de terreiro. A questão da produção do terreiro é que, além da espiritualidade, garante a segurança alimentar, quintais produtivos, até mesmo para a manutenção das famílias. Estamos na luta com o governo, estamos na busca pela liberdade de nos assumir como povo religioso, devido ao preconceito.

Assessor técnico do Ceará

“Faço parte da agroecologia, adoro aprender com outras experiências e com outras mulheres. Já levava a agroecologia na minha vida; na época dos meus avós, eles plantavam sem veneno, então sempre tentei trabalhar sem veneno. Faço parte do GT Mulheres da ANA e tenho levado o que aprendo para o assentamento onde moro.

Agricultora de Casimiro de Abreu (RJ), integrante do GT Mulheres da ANA e da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (Aarj)

“Nossos direitos nós fazemos na rua, na praça, na feira, pois, se comer é um ato político, a feira é uma demonstração de vida justa, com melhor qualidade de vida.

Liderança em Silva Jardim (RJ)

“Nos ENAs passados, não tivemos a Tenda do Mar porque faltava estreitar melhor essa rede. Nos desafiamos nesse ENA para que tivesse a tenda e estamos cumprindo aqui a tarefa do ENA passado, no sentido de perceber e entender que as questões do mar fazem parte da luta pela agroecologia, não estão dissociadas da produção.

Representante da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (Aarj)

“Turismo comunitário no nosso litoral: as comunidades não têm autonomia. De repente, chega um empresário querendo a terra, nos articulamos e criamos a Rede Tucum, que contrapõe essa ideia capitalista que massacra os povos tradicionais. Tem uma lenda que a praia é uma terra infértil, todavia todos querem a terra da praia. Nós resistimos, vamos defender nossos territórios, trabalhamos aqui a relação da pesca, da agricultura.

Trabalhadora rural e artesã, diretora do movimento de mulheres de Itapipoca (CE)

“Nós somos agricultoras/es, agricultoras/es natas/os começando com a mudança. Para isso, com a entidade Cetra, conseguimos um recurso para o curso de Agroecologia. As/Os agricultoras/es se reuniram e estudaram um ano, valorizando mulher, jovens, quintal, preservando a água. Depois do curso, pensamos em criar uma rede. Associei-me à rede por conta da assistência técnica, porque a/o agricultora/or sem assistência técnica não funciona, a gente tem que estar sempre inovando. Participando da feira, comecei a ver e reconheci que meu trabalho é agroecológico, produzo o sustento para minha família de 7 filhos num quintal de 0,5 hectare. Nessa rede, nasceu a Casa de Semente, pois, sem semente, não há agroecologia, ela é o pontapé inicial, a raiz da agroecologia. E a água, sendo preciosa para a agroecologia; graças ao Cetra, consegui uma cisterna, já que chegamos a 7 anos de seca. Depois, tivemos os quintais produtivos, que mantêm a terra viva. Vimos a valorização da mulher nesse quintal. Ver as experiências aqui nos permite saber o quanto nossas lutas são parecidas, a partir da educação diferenciada. A juventude vem para nos sentirmos participantes junto com nossos pais e avós e continuarmos a seguir em frente. A juventude vem para fortalecer nossas lutas. Hoje, muitos vão, fazem o Ensino Superior e voltam para seus territórios.

Agricultora da comunidade Semoaba do município de Tururu (CE)





D. RITA

"Ninguém faz agroecologia no quintal do outro. A gente faz agroecologia no nosso quintal! Agroecologia é a ciência do amor!"

Lu

Experiência com a

Resistência e Gestão da Reserva Extrativista Mãe Grande de Curuça - PA

"O manguezal é fonte de VIDA !!!"

- MULHERES UNIDAS E AUTO ORGANIZADAS: NÃO SE FAZ AGROECOLOGIA SEM TRAZER E REFLETIR SOBRE A REALIDADE DAS MULHERES.

"Essa luta não é fácil mas tem que acontecer a mulher organizada tem que chegar ao poder"

POVOS DE TERREIROS

- LUTA PELA PRESERVAÇ DAS TERRAS, NASCENTES RIOS. Águas sagrad Oxum e Iemanjá.

"Na te nós lu

MOVIMENTO DE

Pescadoras e pescadores artesanais do litoral do PR

AUSÊNCIA DE DIÁLOGO COM ORGÃOS AMBIENTAIS

- DESTRUIÇÃO E PROIBIÇÃO DAS ROÇAS

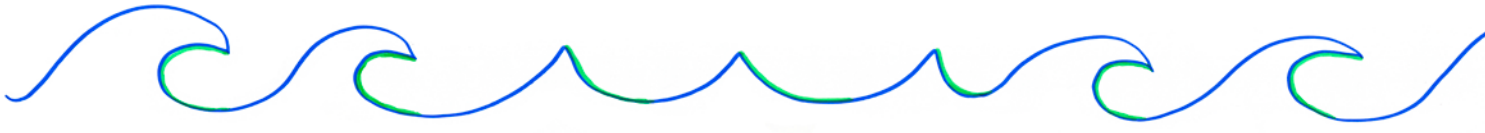
- **RESISTÊNCIA:** ROÇAS ESCONDIDAS PARA MANUTENÇÃO DO MODO DE VIDA

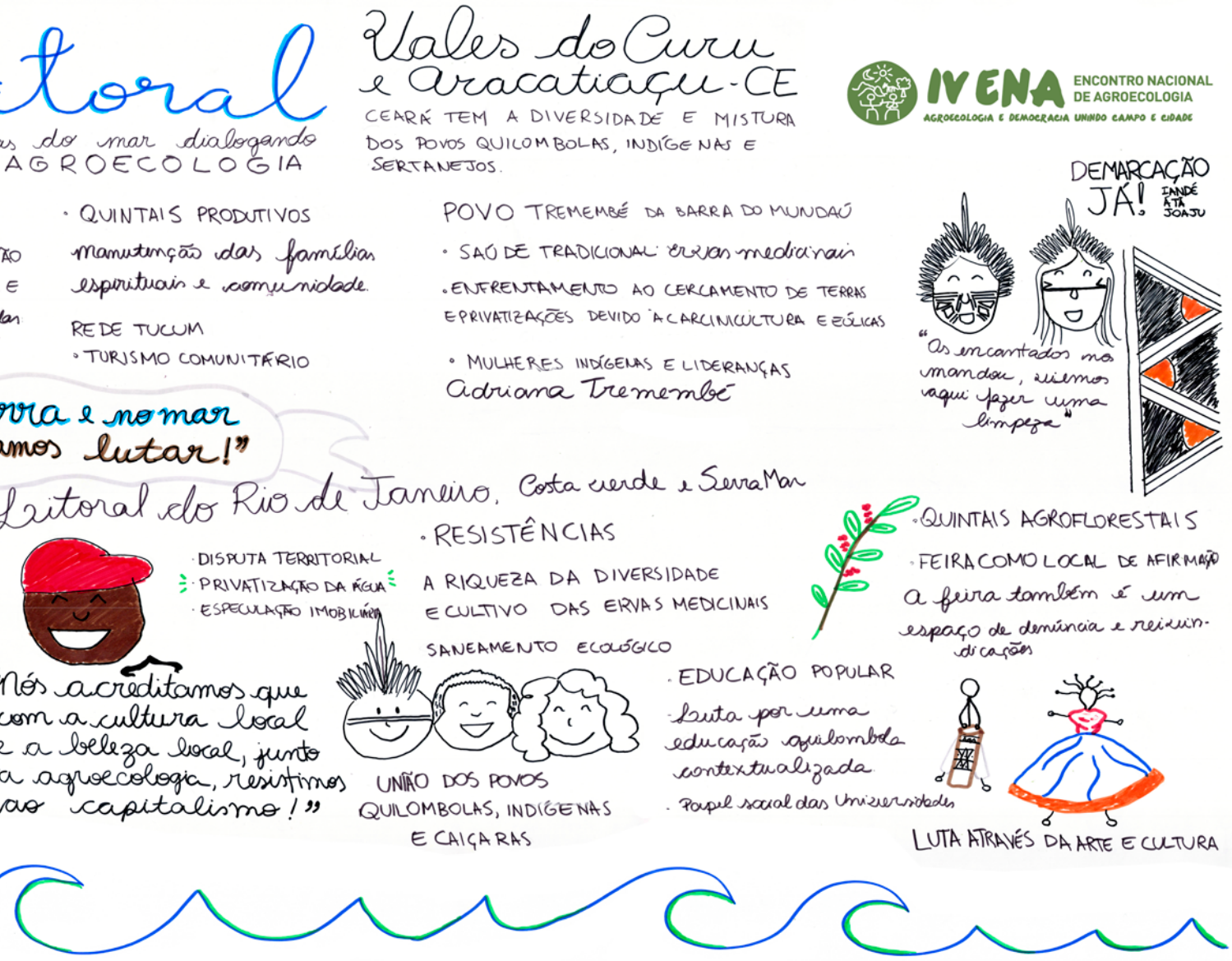
- **ARPILLERAS**

"Como não conseguíamos comunicação com os orgãos ambientais de cidades bordar para eles!"



"Pesca não é crime, pesca é direito!"




toral
s do mar dialogando
AGROECOLOGIA
Vales do Curu
e Aracatiaçu - CE
CEARÁ TEM A DIVERSIDADE E MISTURA DOS POVOS QUILOMBOLAS, INDÍGENAS E SERTANEJOS.
IV ENA
ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA
AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADE
DEMARCAÇÃO JÁ!
INDÉ ATÁ JOAJU
• QUINTAIS PRODUTIVOS
manutenção das famílias
espiritual e comunidade
REDE TUCUM
• TURISMO COMUNITÁRIO
POVO TREMEMBÉ DA BARRA DO MUNDAÚ
• SAÚDE TRADICIONAL ervas medicinais
• ENFRENTAMENTO AO CERCAMENTO DE TERRAS E PRIVATIZAÇÕES DEVIDO À CARCINICULTURA E EÓLICAS
• MULHERES INDÍGENAS E LIDERANÇAS
Adriana Tremembé
"Os encantados nos mandou, viemos aqui fazer uma limpeza"
ora e no mar
amos lutar!"
Litoral do Rio de Janeiro, Costa Verde e Serra Mar
• RESISTÊNCIAS
• DISPUTA TERRITORIAL
• PRIVATIZAÇÃO DA ÁGUA
• ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA
A RIQUEZA DA DIVERSIDADE E CULTIVO DAS ERVAS MEDICINAIS
SANEAMENTO ECOLÓGICO
• QUINTAIS AGROFLORESTAIS
• FEIRA COMO LOCAL DE AFIRMAÇÃO
a feira também é um espaço de denúncia e reivindicações
Nós acreditamos que com a cultura local e a beleza local, junto a agroecologia, resistimos ao capitalismo!"
UNIÃO DOS POVOS QUILOMBOLAS, INDÍGENAS E CAIÇARAS
• EDUCAÇÃO POPULAR
luta por uma educação quilombola contextualizada
• Papel social das Universidades
LUTA ATRAVÉS DA ARTE E CULTURA



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-87116-33-8
9 788587 116338

LEI ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA
CULTURA • VAZENDA
CA 0776/001/2017

REALIZAÇÃO
ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA

PATROCÍNIO
BDMG
CEMIG
MINAS GERAIS
BNDES
BRASIL

APOIO
actionaid
FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO
SEMEAR INTERNACIONAL
FIDA
IICA
terre des hommes suisse
terre des hommes schweiz
DGM
CESE
ccfd-terre solidaire
PREFEITURA BELO HORIZONTE
GOVERNANDO PARA A QUEM PRECISA
Brot für die Welt
HEKS EPER
HEINRICH BÖLL STIFTUNG BRASIL
MISEREOR
FIOCRUZ
FUNDO AMAZÔNIA
MINISTÉRIO DA SAÚDE
MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE
MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL
SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

INCENTIVO
+CULTURA
MINAS GERAIS